

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Joelson da Cruz Nazareth

**A Encarnação do Verbo em Santo Atanásio:
Contemplação, Regeneração e Evangelização**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia, do Departamento de Teologia da PUC/Rio.

Orientador: Prof. André Luiz Rodrigues Silva

Rio de Janeiro,
Agosto de 2025

Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro



Joelson da Cruz Nazareth

**A Encarnação do Verbo em Santo Atanásio:
Contemplação, Regeneração e Evangelização**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada:

André Luiz Rodrigues da Silva

Orientador
PUC-Rio

Maria Teresa de Freitas Cardoso

PUC-Rio

Marcelo Massao Osava

Pesquisador Autônomo

Paulo Henrique de Gouvêa Coelho

FSBRJ

Rio de Janeiro, 25 de agosto de 2025

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem a autorização da Universidade, do autor e do orientador.

Joelson da Cruz Nazareth

Graduou-se em filosofia pela PUC/Rio em 2017. Graduou-se em Teologia pela PUC/Rio em 2021. Pós-graduado (*Lato Sensu*) em Docência e Gestão pela UNESA em 2023.

Ficha Catalográfica

Nazareth, Joelson da Cruz

A encarnação do Verbo em Santo Atanásio: contemplação, regeneração e evangelização / Joelson da Cruz Nazareth; orientador: André Luiz Rodrigues Silva. – 2025.

120 f.; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2025.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Patrística. 3. Santo Atanásio. 4. Encarnação do Verbo. 5. Contemplação. 6. Evangelização. I. Silva, André Luiz Rodrigues. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

Ao meu saudoso pai Jorge Alves Nazareth.

Agradecimentos

Agradeço o incentivo e a orientação do Prof. André Luiz Rodrigues Silva por acreditar nesta pesquisa. A todos os professores do departamento de Teologia da PUC / Rio, por contribuírem abundantemente para a construção deste trabalho. Ao CNPq, pelo incentivo à pesquisa. Aos amigos discentes, pelo apoio e a amizade construída. Aos estimados professores que participaram da banca examinadora. Ao professor Gilliard Gomes Viana, que fez as devidas revisões textuais do presente texto. Ao grande doutor da Igreja, Santo Atanásio, por presentear a todos com seus ricos escritos em defesa da ortodoxia; e ao Verbo de Deus por jamais desistir do ser humano.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

NAZARETH, Joelson da Cruz; SILVA, André Luiz Rodrigues. **A Encarnação do Verbo em Santo Atanásio: Contemplação, Regeneração e Evangelização**. Rio de Janeiro, 2025. 120p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A filantropia do Verbo fez surgir, do absoluto nada, o cosmos com sua magnânima e harmônica beleza. Tudo era absolutamente bom e estupendo até o momento em que a criatura humana exerceu sua racionalidade e liberdade para colocar o Criador de lado. Exatamente neste instante, nasce a possibilidade de enxergar-se em primeiro lugar, ou seja, o ser humano contemplou aquilo que era mais próximo de si quando abandonou a contemplação do Senhor. Neste momento, os desejos desacerbados tornam-se parâmetros para as relações humanas e também para as relações com a criação. A autossatisfação inaugurou o tempo da corrupção e da morte. No entanto, Deus não cria em vista da destruição, mas, pela encarnação do Verbo, manifesta-se novamente à humanidade, possibilitando que seja contemplado e amado. E, com isso, mais uma vez a filantropia do Verbo haveria de tocar a criação. Olhando para Jesus e convivendo com Ele, todos têm uma nova oportunidade de contemplar o Criador e aprender d'Ele como viver novamente a harmonia entre seus semelhantes e com toda a natureza. Este é o parâmetro contemplativo restaurado pela encarnação do Verbo e que se estende mesmo após sua ascensão aos céus. Hoje, enxergar o Senhor é viver no Espírito Santo para pertencer ao Corpo-Igreja do Senhor e para vê-Lo nos sinais visíveis dos sacramentos, em especial na augusta e santa Eucaristia. Portanto, hoje torna-se possível constituir uma civilização do amor pelo simples fato de existir a possibilidade de contemplar mais uma vez o Criador.

Palavras-chave:

Patrística; Santo Atanásio; Encarnação do Verbo; Contemplação; Evangelização.

Abstract

NAZARETH, Joelson da Cruz; Silva, André Luiz Rodrigues. **The Incarnation of the Word in Saint Athanasius: Contemplation, Regeneration, and Evangelization**. Rio de Janeiro, 2025. 120p. Master's Thesis – Department of Theology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

The Philanthropy of the Word brought forth, from absolute nothingness, the cosmos with its magnificent and harmonious beauty. Everything was absolutely good and splendid until the moment when the human creature exercised its reason and freedom to set aside the Creator. It was precisely at this moment that the possibility arose of seeing oneself first in other words, humanity began to contemplate what was closest to itself once it had abandoned the contemplation of the Lord. From then on, disordered desires became the standard for human relationships, and also for relationships with creation. Self-satisfaction inaugurated the age of corruption and death. However, God does not create for destruction; once again, the philanthropy of the Word would reach creation now through the incarnation of the Word, so that the Lord God might once again be seen and loved. By looking at Jesus and living with Him, all have a new opportunity to contemplate the Creator and to learn from Him how to once again live in harmony with one another and with all of nature. This is the contemplative standard restored by the incarnation of the Word, and it extends even after His ascension into heaven. Today, to see the Lord is to live in the Holy Spirit, to belong to the Body-Church of the Lord, and to see Him in the visible signs of the sacraments especially in the august and holy Eucharist. Therefore, it is now possible to build a civilization of love for the simple reason that we once again have the possibility of contemplating the Creator.

Keywords:

Patristics; Saint Athanasius; Incarnation of the Word; Contemplation; Evangelization.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 SANTO ATANÁSIO: BREVE ESBOÇO BIOGRÁFICO	14
2.1. Introdução.....	14
2.2. Contexto histórico	15
2.3. A vida de provações do patriarca alexandrino.....	18
2.4. Concílio de Niceia	22
2.5. Obras	26
2.6. Conclusão	29
3 ENCARNAÇÃO DO VERBO: OPORTUNIDADE DE ENCONTRO E REGENERAÇÃO.	31
3.1. Introdução.....	31
3.2. Deus criador: o Bom que cria a partir do nada.....	32
3.3. O partícipe da imagem do Verbo optou pela solidão da não contemplação.....	35
3.4. Filantropia do Verbo, resgate por meio da gratuidade	41
3.5. Racionalidade, convívio e conhecimento: constituição humana e restauração mediante a referência Verbo encarnado.....	45
3.6. Jesus, graça santificante do Pai que proporciona revelação e salvação	51
3.7. Corpo do Senhor, caminho real de remissão do gênero humano	58
3.8. Por inabituação toca os sofrimentos em seus sofrimentos	64
3.9. A morte de Jesus toca os inúmeros lugares de ausência.....	67
3.10. Conclusão	71
4 A CONTEMPLAÇÃO COMO CAMINHO DE FÉ EM COMUNIDADE APÓS A ASCENSÃO.	73
4.1. Introdução.....	73
4.2. O padecimento da criação perante a corrupção humana.....	74
4.3. Pessoas corruptas gestam sociedade corrupta.....	78
4.4. A fraternidade cristã enfraquecida na comunidade de fé perante a corrupção de seus membros.....	84
4.5. Encontrar Jesus, Verbo encarnado, na comunidade e nos irmãos que vivem cheios do Espírito Santo	90
4.6. A presença de Jesus ao longa da história humana: os sacramentos.....	96
4.7. Testemunho da contemplação de Jesus: intimidade com o Mestre que constrói um mundo novo.....	106

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

1

Introdução

Duas grandes características podem ser observadas na criação do Senhor: a harmonia com que o cosmos se revela e a beleza de todos os seres. Consequentemente, essa harmonia e beleza constatadas são marcas contundentes do próprio Criador que, em si mesmo, revela a harmonia da Trindade e sua beleza pelo simples fato de Deus ser harmônico e belo essencialmente. Deste detalhe, pode-se concluir, de uma forma bem simples, que a natureza se apresenta como um “sacramento”, ou seja, um sinal visível do Senhor. De fato,

A beleza do Universo: A ordem e a harmonia do mundo criado resultam da diversidade dos seres e das relações existentes entre si. [...] A beleza da criação reflete a beleza infinita do Criador, a qual deve inspirar o respeito e a submissão da inteligência e da vontade humanas.¹

Sendo assim, constata-se que o Criador, que cria a partir de si mesmo, impregna a criação com seus traços. Seria, portanto, inadequado a Deus dar origem a algo desarmônico e feio ao ponto de gerar conflitos e coisas horrendas. O Senhor da Vida não criaria para a corrupção, muito menos para o conflito e menos ainda para o sofrimento. A Vida cria para a vida, o Harmônico para a harmonia e o Belo para a beleza.

Tudo proposto e perfeito para a criação revelar em si mesma o seu Criador. Ainda mais, no ápice do gesto criador da filantropia² de Deus, nasce o ser humano, que foi criado à própria imagem e semelhança do Senhor, ou seja, a condição humana foi criada para ser capaz de conviver conscientemente, racionalmente e livremente com seu Criador. Este é o diferencial essencial do ser humano, que é o único capaz de estabelecer vínculo de intimidade com Deus por ser aberto e capaz de relacionar-se com Ele. Assim,

¹ CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (CEC), 341.

² O termo filantropia sofreu algumas modificações em seu significado ao longo dos séculos. Para melhor compreensão é digno de nota. O conceito antigo clássico designava a benevolência dos deuses e dos soberanos para com os homens (Plutarco, *Vidas Paralelas*, “Numa”, 8, 1. Disponível em: <<https://dn790008.ca.archive.org/0/items/plutarchs-lives-in-11-volumes.-vol.-1-loeb-46/Plutarch%27s%20Lives%20in%2011%20volumes.%20vol.1%20%5BLoeb%2046%5D.pdf>>); na Patrística, o termo passou a qualificar o próprio Deus como filantropo, manifestando-Se particularmente na Criação e, em especial, na encarnação do Verbo, como evidencia nosso autor; em tempos modernos, passou a indicar gestos de caridade e solidariedade em favor dos necessitados.

A razão mais sublime da dignidade do homem consiste na sua vocação à união com Deus. [...] pois, se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu Criador.³

Nesta perspectiva, nota-se que as condições essenciais do ser humano, além da harmonia e beleza comum à toda criação do Senhor, gesta oportunidade de compreensão, de relacionamento e, sobretudo, de conhecimento profundo e amplo, marcas fundantes que o projeta ao convívio com Deus em comunidade e com a natureza. Sendo assim, à imagem e semelhança do Criador, o ser humano é aberto a tudo que está fora de si e essencialmente é contemplativo por causa disso, ou seja, capaz de vislumbrar deliberadamente sobre tudo que esteja ao seu redor e, sobretudo, o transcendente do Criador, desejando-O ao ponto de ser perceptível que o seu coração vive inquieto, enquanto não repousa no Senhor.⁴

No entanto, existe corrupção, sofrimento e morte no mundo e nas relações humanas. Lamentável constatação observa-se também nas inúmeras destruições da natureza. Em algum momento, a desarmonia desencadeou conflitos, que resultou inevitavelmente no horror da desarmonia. Algo ocorreu de tal forma que veio a surgir uma disparidade entre Deus criador, harmônico, belo e perfeito, de sua criação que passou a padecer em meio às relações de conflito.

Certamente, de Deus não haveria de originar tais conflitos por ser Ele mesmo perfeito; igualmente das criaturas não proveria tais relações de corrupção por ser a natureza um “sacramento” do Criador. Resta observar as atitudes do gênero humano que, dotado de liberdade, quis, em algum momento, apartar-se da presença e da contemplação de seu Senhor. A partir do momento que o ser humano deixa de estar na amizade com Deus para mover-se unicamente em direção ao seu próprio interesse, faz nascer algo que não existia: a vontade interesseira em detrimento ao próprio Deus, aos outros e à natureza.⁵

Dos corações que deveriam nascer contemplação, agora gestam e propagam vontades desacerbadas de ter e ser. Esta relação prepotente inaugura o tempo da desarmonia e dos conflitos, que culminam na desfiguração da dignidade humana, fomentando os horrores na alma, no corpo e em todos os seres criados.

³ *Gaudium et Spes* (GP), 19.

⁴ AGOSTINHO, Confissões, p. 37.

⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 128-129.

Perante tamanha destruição oriunda da concupiscência humana, o Criador não permaneceria inerte. Toda essa desarmonia e sofrimento desperta mais uma vez a filantropia do Verbo. Aquele que outrora criou era o único capaz de recriar, levando toda a criação às suas origens de convívio e intimidade com o seu Senhor. Na encarnação, é restabelecido o tempo e o caminho da contemplação.⁶

Portanto, o Verbo encarnado inaugura a plenitude dos tempos, em que se permite ser visto por todos para que sua presença pudesse ser libertação para o ser humano, curando-o da autocontemplação egoísta. O convívio com o Criador foi restabelecido, e a beleza de sua compaixão toca a “feiura” do pecado na carne humana, mergulhada na corrupção. A harmonia do Verbo encarnado, tão real nesta terra, revela a possibilidade de regeneração a todos. Aproximar-se e contemplar a pessoa de Jesus é oportunidade de aprender ser homem à semelhança do Homem perfeito.

Neste parâmetro, percebe-se que o Verbo por duas vezes exerce sua filantropia de amor, quando cria e quando se encarna. Consequentemente, em ambas as vezes permite-se ser contemplado, nelas presenteia o ser humano com sua pedagogia e, por duas vezes, Ele dá a gratuidade de seu convívio de amor.

Neste presente trabalho dissertativo, será apresentada a teologia atanasiana, que demonstra justamente este percurso criador de Deus e, especialmente, sua encarnação. Atitudes de filantropia para com os seres e, sobretudo, para com o gênero humano carente de misericórdia e da presença de seu Criador e Senhor.

Santo Atanásio, com maestria e profundo conhecimento, trilha um caminho argumentativo, que apresenta o ser humano como o causador da maldade que culminou na vida construída em meio às corrupções e destruições. Obviamente, o homem não criou o mal ontologicamente ou substancialmente, mas se afastando de Deus, distanciando-se da fonte da vida e do bem permite em suas atitudes um comportamento perverso. A consequência é justamente a propagação do pecado e suas vicissitudes de desarmonia e morte.

O Doutor também argumenta que Deus não cria para a destruição e, portanto, não ficaria passivamente assistindo à destruição de sua criação. Neste momento, nasce o centro mais cristológico de seus escritos: a encarnação do Verbo, que se

⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 134-135.

torna realidade para propor salvação ao gênero humano. Neste gesto de resgate e misericórdia, o Verbo toma para si a carne humana para tocar todos simultaneamente por meio da inabituação. Seu corpo santo e imaculado torna-se lugar de encontro no tempo real, quando caminhava com seus discípulos. Simultaneamente é um lugar de encontro espiritual, onde atrai sobre si todos os sofrimentos dos seres humanos, o único e verdadeiro Cordeiro imolado para a salvação do mundo.

Quando os sofrimentos, as aflições, a solidão, a cruz e o túmulo tocavam seu corpo, Ele com poder e presença tocava os sofrimentos, as aflições, as solidões, as cruzes e os túmulos de cada ser humano. E não somente: ao permitir-se ser contemplado, abria a possibilidade de conversão pela pedagogia e, ainda mais, propunha a deificação de todos que quisessem entrar para a família de Deus. Este é o caminho de retorno à harmonia da Trindade e à beleza de seu Senhor.

Portanto, a presença do Verbo encarnado era encontro, libertação, cura e deificação para todos aqueles que livremente fizessem opção em contemplar o Criador, convivendo com Ele e aprendendo d'Ele sobre as maravilhas da vida.

Por fim, mas não menos importante, a reflexão deste trabalho, baseada na teologia de Atanásio, propõe um vislumbre acerca do ato de contemplar Deus, que se torna o cerne para uma vida feliz e realizada. Além disso, a necessidade de construir as relações humanas, comunitárias e sociais a partir desta presença do Senhor e do convívio com Ele.

Tudo proposto para que a intimidade para com o Senhor seja caminho de transformação pessoal e de propagação do Reino de Deus, em que as atitudes dos seres humanos levarão este mesmo reino em todos os lugares. Se, por um lado as pessoas podem ter oportunidade e liberdade de semear no mundo a corrupção, destruição e desarmonia, por outro, elas, na presença do Verbo, seja nos sacramentos ou por meio de sua Igreja-Corpo, podem semear fraternidade e harmonia na construção da civilização do amor até que Ele venha mais uma vez.

2

Santo Atanásio: breve esboço biográfico

2.1.

Introdução

Pode-se notar que três são as razões poderosas ao ponto de influenciar uma pessoa: a primeira, é justamente a criação familiar, que exerce forte influência, desde a antiguidade até os dias atuais, sobre as pessoas e o seu próprio ambiente, que traz uma grande oportunidade para os seus, no intuito, de eles cristalizarem em si atitudes e costumes que, desde a vida tenra, são observadas e aprendidas dos mais velhos.

A segunda grande razão é o aprendizado propriamente dito, ou seja, tudo aquilo que se aprende dentro de uma regularidade pedagógica por meio de instituições e mestres dos quais se propõe seguir. Por fim, a terceira grande influência se faz presente por meio das circunstâncias da vida. Nesta perspectiva, percebe-se que as realidades sociais pesadas em que a pessoa vive vão cobrando saberes, atitudes e decisões que, simultaneamente, vai formando a pessoa, fazendo-a mais forte e sábia.

Nestas perspectivas, pode-se crer que Santo Atanásio, como uma pessoa normal como outra qualquer, experimentou em sua vida estas três dimensões. Contudo, até onde se sabe, as duas últimas influências foram mais intensas. Da primeira, que diz respeito à sua família, infância e juventude pouco se sabe; no entanto, sobre à sua formação com o grande patriarca Alexandre e sua atuação frente aos inúmeros desafios enfrentados ao longo de sua vida sabe-se muito.

Portanto, neste trabalho de pesquisa, faz-se necessário lançar um olhar sobre alguns contextos históricos do século IV para que se possa ter clareza sobre a vida de Atanásio e, sobretudo, no que diz respeito à sua teologia.

Ainda bem jovem, foi ordenado diácono. E isso revela que ele foi bastante influenciado também no contexto vocacional pelo patriarca Alexandre, consequentemente sua teologia e vida de oração. Seu crescimento foi de tamanha grandeza e profundidade, que Alexandre o indica para substituí-lo no patriarcado. Torna-se claro que grande parte da formação dele foi forjada na ortodoxia e nos conhecimentos bíblicos do patriarca de Alexandria. Exemplo claro, foi sua atuação ao lado do patriarca no concílio de Niceia.

Por fim, os desafios da vida têm grande influência sobre a pessoa ao ponto de exigir posturas que acumulam, indubitavelmente, crescimento. Nesta perspectiva, Atanásio correspondeu à altura aos dilemas que enfrentou ao longo de sua história. Tais enfrentamentos, unidos à sua personalidade, ajudou construir o grande homem que ele se tornou, um Padre da Igreja. Ele não foi considerado doutor e santo do nada, mas foi um resultado salutar e merecido de seus encontros, dedicação e, sobretudo, na abertura de coração, onde a Graça de Deus pode trabalhar incessantemente.

Desta maneira, faz-se necessário deter um pouco da atenção em algumas realidades sobre seu contexto histórico, tão desafiador e repleto de mudanças no seio da Igreja. Sua vida e percurso por tantos caminhos escolhidos por ele e outros impostos por seus inimigos também merece atenção. Ainda mais, torna-se igualmente importante observar um pouco os entrelaços que levaram o santo aos seus cinco exílios e, por fim, porém não menos importante, lançar um olhar sobre suas obras que inspira e faz nascer este presente trabalho de pesquisa.

2.2. Contexto histórico

Atanásio nasceu no final do século III e teve no século IV o desenrolar de seus grandes embates e desafios, mais especificamente entre os anos de 295 a 373. O grande apologeta marcou seu tempo e a história da Igreja. Este período foi de grande importância para a Igreja, sobretudo no que concerne à liberdade de culto e à restituição de seus bens. A Igreja crescia em suas estruturas, o que favorecia muito a organização das comunidades e, sobretudo, a difusão do evangelho de Cristo.

Os períodos intermitentes das grandes perseguições haviam ficado no passado, sobretudo a partir do Editto de Milão em 313. Este, compilado pelos imperadores Constantino e Licínio, favoreceu a liberdade religiosa, iniciando um tempo na Igreja de estabilidade e paz.⁷

Finalmente, os cristãos eram favorecidos de forma que a mensagem do Senhor progredia por todas as partes do mundo conhecido: na Europa, em suas diversas regiões, não somente na porção mais ocidental, que hoje corresponde a península ibérica, mas também ao norte e nordeste do continente; na Ásia menor,

⁷ COMBY J., Para ler a história da Igreja I, p. 48.

conhecida como Anatólia e que hoje corresponde à Turquia, crescia igualmente, prosseguindo até às porções mais orientais que, posteriormente, constituiria o patriarcado de Edessa, que abrangia os cristãos da alta Mesopotâmia; na África, o cristianismo florescia com dezenas de episcopados. Desse modo,

Em todas as regiões do Império, as conversões se multiplicavam, atingindo a classe mais baixa e a mais elevada da população, representada pelos soldados e pelos patrícios. As sedes episcopais se multiplicavam, e a atividade teológica era bem intensa graças, primeiramente, aos santos Padres e, depois, às gerações seguintes de escritores e apologetas cristãos.⁸

Nesse período, pode-se destacar alguns imperadores importantes: o próprio Constantino, que se tornou um marco notório na história da Igreja, por ter sido o primeiro imperador cristão. Sua conversão foi importantíssima para que o cristianismo pudesse ser difundido quase sem dificuldades por todas as direções. Contudo, também pode ser mencionado seu sobrinho, o imperador Constâncio, que foi contemplado como destinatário de uma importante obra de Atanásio sobre sua autodefesa, intitulado “A apologia ao imperador Constâncio”. Neste escrito, ele esclarece que não conspirou contra o imperador que, por sua vez, tendia ao arianismo, mas Atanásio não havia se colocado contra ele em favor do usurpador Magnêncio (303-353), falecido. Tampouco ele havia instigado o povo de Alexandria em favor do irmão do imperador, Constante (320-350), igualmente falecido. Portanto, os inimigos de Atanásio queriam justamente comprometê-lo perante o imperador.⁹

Outro imperador digno de nota é o Juliano (331-363), o apóstata. Mesmo ficando pouco tempo no poder, quis restabelecer o culto aos deuses pagãos; e esse desejo do imperador ocorreu já no fim da vida do Padre, um possível retorno do império ao paganismo. Porém,

A ordem das coisas foi se invertendo: os hereges passaram a serem perseguidos, o paganismo, aos poucos, foi sendo interditado, seus templos destruídos, fechados e entregues aos cristãos, e, finalmente, o império passou ser conhecido oficialmente como cristão.¹⁰

Estes imperadores, cada um a seu modo, marcaram este período histórico. Eles também viveram, junto com Atanásio, uma grande virada de época na história

⁸ MEDEIROS J. I., Concílios, p. 27.

⁹ ATANÁSIO, Apologia ao imperador Constâncio, p. 205.

¹⁰ MEDEIROS J. I., Concílios, p. 28.

da Igreja. Do nascimento até o início do século IV, a Igreja teve uma caminhada que resultou na vivência de um tempo mais voltado para dentro de si. Período, em que foi alicerçado as bases do cristianismo com profunda vivência e organização da piedade, da liturgia e da dogmática, segundo os ensinamentos do Senhor e, conseqüentemente, dos apóstolos por intermédio da Tradição oral e dos escritos sagrados.¹¹ A partir do início do século IV, a Igreja vive uma nova época com intensos desafios, não semelhantes aos séculos anteriores, mas com novos obstáculos em sua vida estrutural, na evangelização, na teologia e na apologética.

Contudo, durante estes dois períodos, interno e externo, a Igreja enfrentou vários exageros e, sobretudo, grandes heresias trinitárias e cristológicas de forma que era necessária uma forte exposição da doutrina com fidelidade ao Senhor e aos seus apóstolos. Nesta realidade, surgem grandes expoentes da fé com suas profundas e importantes teologias que, em muitas circunstâncias, nasceram com um toque filosófico como instrumentos, que favoreciam a explicação e estruturação dos dogmas dos mistérios da fé. Esse foi o tempo dos Padres, ou seja, grandes nomes que foram chamados Pais da Igreja por sua forte apologética e influente trabalho no combate às infidelidades acerca da ortodoxia.

Ainda mesmo na antiguidade, grandes nomes fazem referência a este ilustre grupo de fiéis que defenderam a ortodoxia, seus intensos trabalhos e apologia. Basílio fez importante citação direta ao título de Pais, “os nossos Pais”; outro foi Cirilo de Alexandria que, no combate contra o nestorianismo, lança mão à autoridade dos Pais no primeiro concílio de Éfeso, em 431. Os Padres da Igreja eram considerados inspirados e esteios firmes da ortodoxia na defesa da doutrina apostólica e dos ensinamentos do Senhor Jesus contra as heresias.¹²

É nesta realidade histórica, da Igreja e do mundo, que nasce o grande santo, Atanásio. Ele é colocado em destaque, como um dos grandes nomes da patrística, pelo fato de ter servido brilhantemente na defesa da fé apostólica em que, com perceptível inspiração, fez frente aos erros teológicos, que nasciam e cresciam no seio da Igreja. Exemplo contundente foi seu desempenho no grande concílio de Niceia em 325: um simples diácono que acompanhando seu bispo, contribuiu fortemente para a defesa da consubstancialidade do Filho para com o Pai. “A

¹¹ VERDETE C., História da Igreja católica, p. 14-16.

¹² BROX N., Dicionário de conceitos fundamentais de teologia, p. 643-647.

definição do *homoousios*, do *genitus non factus*, remove para sempre o principal obstáculo do helenismo para o conhecimento da plena divindade de Cristo.”¹³

2.3.

A vida de proações do patriarca alexandrino

Alexandria, a cidade culta, revela por meio de sua história as suas marcas únicas desde a sua fundação. Hoje ela é a segunda maior cidade egípcia com seus mais de cinco milhões de habitantes. Tida como cosmopolita desde os primórdios até a atualidade, em nada perdeu seu esplendor e força cultural. Sua história é vasta e rica, marcada por muitos povos, culturas, conflitos, conhecimentos e personalidades históricas esplêndidas. Nos primórdios de sua fundação, sob uma aldeia de pescadores, teve o nobre dever de defender o delta do Nilo contra os invasores.

Atraindo Gregos, Macedônios, Trácios, Lícios, Cários, Gauleses, Judeus, Africanos, Anatólios, Sírios, Indianos, Mesopotâmicos, Persas, Itálicos, etc., uma desnoriente variedade de povos e de culturas, a cidade cresceu e implantou-se como primeira cidade cosmopolita, desde o período ptolomaico, consolidando a sua importância comercial e cultural no período romano, que manteve, no fundo, até à Idade Média.¹⁴

Alexandre, o Grande, funda-a em 331 a.C., dando-a as marcas de seu próprio nome, Alexandria. Aquela que seria a guardiã, com seu farol lendário, de parte significativa do grande império Macedônio, tornou-se por muito tempo o centro cultural pujante com suas históricas bibliotecas. Consequentemente, ela foi uma forte expoente da cultura helenista. Não obstante, também um importante centro acolhedor da diáspora judaica, ao ponto que nela deu-se o vasto trabalho de tradução das Sagradas Escrituras, a LXX.¹⁵ Por fim, além de acolher importantes traços de diversas culturas, ela tornou-se a sede de um dos grandes patriarcados da antiguidade.

O patriarcado de Alexandria figurou-se, junto aos outros históricos patriarcados, como um importante centro da fé católica primitiva e guardião da ortodoxia.¹⁶ Foi fundado sob a missão do grande evangelista São Marcos, tornando o primeiro patriarca da África. Os restos mortais, atribuídos a ele, residiam na Sé

¹³ CANTALAMESSA R., Nos ombros de gigantes, p. 11.

¹⁴ SALES J. C., A condição multicultural da antiga cidade de Alexandria, p. 66.

¹⁵ MEY E. S. A., Biblioteca alexandrina, p. 75.

¹⁶ SOUSA R., Alexandria, p. 56.

de Alexandria até o século IX, onde foi transferido para Veneza e hoje estão sepultados na grande basílica que leva seu nome.

Este patriarcado tornou-se referência para muitas sedes episcopais na África. Dele irradiava a ortodoxia, contudo, também nele observa-se grandes disputas teológicas e do nascimento de heresias que, nos corações e mentes, foram erroneamente interpretadoras da fé apostólica. Enfim, neste contexto, rico em cultura e teologia, nasce o grande Santo Atanásio, Padre e Doutor da Igreja. O filho simples de Alexandria cresce em zelo e conhecimento ao ponto que, ardorosamente, se torna o grande Patriarca da cidade culta.

O grande apologeta Atanásio nasce em Alexandria no final do século III em 295. Depois de uma vida com intensas conturbações e zelo pela doutrina, ele veio a falecer no seio alexandrino no 2 de maio de 373. Pouco se sabe de sua infância; no entanto, sua vida cristã torna-se evidente com sua aproximação ao Patriarca Alexandre e, “em 318, aos 23 anos, torna-se diácono e secretário episcopal”.¹⁷

Secretariando o patriarca, ele consorcia-se ao seu bispo em defesa da ortodoxia quando o vê defendendo a fé contra a heresia ariana. Atanásio, como um bom secretário e diácono, une sua voz à de Alexandre e de vários outros bispos contra o presbítero Ário¹⁸, sobretudo no concílio de Niceia. Desde esse tenro período de sua idade, o futuro patriarca é forjado no zelo pela doutrina, tornando-se um fervoroso apologeta mesmo contra outros teólogos, bispos e até mesmo contra imperadores.

Os quarenta e seis anos de seu episcopado (328 a 373) pertencem a um período dos mais conturbados que se possa imaginar, da Igreja antiga. Atanásio lutou contra Ário e seus correligionários, contra os cismáticos melecianos, contra o próprio imperador Constâncio e, por vezes, contra certos defensores tortos e intransigentes do símbolo de Niceia. Constantino, Constâncio, Juliano, Valente tentam se livrar dele, ou reduzi-lo ao silêncio. Todos fracassam diante de sua firmeza e intransigência.¹⁹

Com apenas 33 anos de idade, foi indicado por Alexandre a sucedê-lo no patriarcado. Sofreu grandes resistências, obviamente por parte dos melecianos e

¹⁷ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 10.

¹⁸ Ário, presbítero de Alexandria no século IV, defendia que o Filho não era eterno como o Pai, mas sim criado por Deus a partir do nada, embora fosse a mais sublime de todas as criaturas. Essa posição gerou a heresia conhecida como arianismo. Uma das passagens que ele e seus seguidores usavam para defender essa tese era Provérbios 8, 22, que diz: “*Iahweh* me criou, primícias de sua obra, de seus feitos mais antigos.”

¹⁹ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 14.

arianos; entretanto, o sufrágio do clero e do povo o aprovou como sucessor de São Marcos. Foi sagrado no dia 7 de junho de 328, aclamado pelo povo, mesmo tão jovem, mas já com os traços fortes de vida ascética e igualmente era tido como um homem virtuoso, verdadeiramente um bom bispo.

Seu longo episcopado foi marcado por grandes contendas, mas a nenhuma delas ele foi negligente com sua responsabilidade de pastor. Justamente devido à sua fidelidade à ortodoxia, sofreu tantas perseguições. Por cinco vezes, foi exilado e, em várias oportunidades, acusado falsamente de ter cometido muitos atos perversos que não coadunavam com o zeloso patriarca que era. Ora, “As acusações eram tão obscuras que o próprio Constantino as reconheceu falsas”.²⁰

Definitivamente não fazia parte da índole do patriarca, tido como santo e aclamado por seu povo, cometer os sacrilégios que lhe imputavam. Acusavam-no de ser um tirano brutal, igualmente atribuíam-no as mesmas heresias praticadas por seus opositores de infringir o tratado assinado no concílio niceno, ou ainda o incriminavam de sacrilégios ou até mesmo lhe atribuíam o absurdo de ter mandado açoitar e aprisionar bispos melecianos. E, por fim, era ele acusado de um escandaloso assassinato de um bispo.

Devido a tantas perseguições, os exílios foram marcas constantes, por muitos anos, na vida de Santo Atanásio,²¹ estes foram frutos de sua fidelidade ao Verbo de Deus, eterno e consubstancial ao Pai. Devido à têmpera e fidelidade a Jesus Cristo, tornou-se um pilar da fé católica, que contribuiu muito para que a doutrina verdadeira e apostólica atravessasse dois milénios para chegar até a atualidade.

O primeiro exílio se deu em 335, a 2000 mil quilômetros de sua Sé patriarcal. Foi radicado em Tréveros, na Gália (atual França). Seus inimigos convenceram o imperador Constantino de que o patriarca estava bloqueando o fornecimento de trigo egípcio para Roma. Já tendo a relação com o imperador desgastada por não ter readmitido o presbítero Ário à sua paróquia em Alexandria, após o imperador revogar seu exílio, agora Atanásio, sob a acusação do trigo, é remetido ao seu primeiro isolamento que durou aproximadamente 2 anos.

²⁰ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 16.

²¹ COELHO, P. H. G., A divindade do Espírito Santo como princípio de Vida divina na vida humana, p. 60-61.

Após seu retorno da Gália, ele promoveu um sínodo em Antioquia, no ano de 338, para anular sua condenação do sínodo de Tiro em 335. Entretanto, seus inimigos conseguiram as manobras necessárias para condená-lo novamente e denunciá-lo ao Papa Júlio. Com o apoio das autoridades civis, o exilaram novamente e colocaram em seu lugar, no patriarcado, Gregório da Capadócia. Quando Gregório morre em 345, o imperador do ocidente Constante pressiona seu irmão, o imperador Constâncio do oriente, em favor de Atanásio. Por fim, é autorizado regressar ao seu patriarcado após o término de seu segundo exílio de aproximadamente três anos.

A partir desse retorno, inicia-se a “década de ouro”, que foi o período de 346 até o ano de 356, em que o apologeta de Alexandria teve uma grande atividade literária e pastoral. Porém, com a morte do imperador Constante, foi inaugurado um novo período de perseguição, que culminou no seu terceiro exílio.

O novo imperador Constâncio II (317-361), à semelhança de seu pai Constantino, favoreceu e muito os arianos. Após os caóticos sínodos de Arles em 353 e o de Milão em 355, Atanásio foi mais uma vez condenado. As tropas imperiais cercaram a sua igreja, forçando-o à fuga para preservar a sua vida. Refugiou-se no deserto junto aos monges e, nesse período o ariano Jorge da Capadócia assume o patriarcado.

Foi neste período do terceiro exílio que Atanásio escreveu “A apologia ao imperador Constâncio”, expondo sua defesa frente às acusações de seus inimigos. No ano de 361, o imperador morre e assume em seu lugar o apóstata, imperador Juliano. Ele, com uma política de tolerância, suspende o exílio de Atanásio.

Atanásio retorna para Alexandria, mas percebe que o imperador Juliano era em nada tolerante pelo simples fato de enxergar em Atanásio um grande adversário de seus desejos pagãos para todo o império. O mesmo imperador, que permitiu seu regresso do terceiro exílio, agora lança-o no deserto do Egito, para mais uma vez viver, a partir do ano de 362, o seu quarto exílio.

Após a morte do apóstata, quem sobe ao trono do império é o ortodoxo imperador Joviano (331-364), que imediatamente revoga o exílio de Atanásio; porém, este morre precocemente e, em seu lugar, assume o imperador Valentiniano (321-375), que se instala em Milão. Ele era conhecido como simpatizante à ortodoxia; no entanto, nomeia seu irmão Valente (328-378) para assumir o império

do oriente, e justamente este promulga um banimento de todos os bispos que aderiram o concílio de Niceia. Atanásio, pela quinta vez, refugia-se ao exílio e permanece no deserto do Egito até 366.

Por fim, depois de um novo Editto, regressa à sua sede episcopal para que ali possa governar o patriarcado por sete anos de estabilidade e paz. Atanásio, com convicção firme, sobre a consubstancialidade do Filho com o Pai, em hipótese alguma nega a ortodoxia e, mesmo enfrentando tantas autoridades imperiais e inimigos no clero, mantém-se inabalável na doutrina. E ainda mais, presenteia toda a Igreja universal com seus escritos repletos de sã doutrina, apologética, espiritualidade e, sobretudo, fidelidade.

2.4.

Concílio de Niceia

Niceia foi uma cidade na região sul de Constantinopla, onde aconteceu o primeiro concílio ecumênico da Igreja no ano de 325. Por que especificamente foi escolhido esta cidade para a realização do concílio? Alguns motivos levaram a esta escolha, vejamos: o primeiro é devido sua localização na província romana da Bitínia, sendo a sua principal cidade (atualmente, ela sustenta o nome de Ínik, na Turquia), próximo a Nicomédia, onde o imperador morava, facilitando sua supervisão do concílio, consequentemente ficava entre o Oriente e o Ocidente, favorecendo o transporte dos bispos; em segundo lugar, esta cidadezinha não ficava diretamente sob influência dos grandes patriarcados da época como Antioquia, Alexandria, Roma e Jerusalém, conferindo a ela uma possível neutralidade; por fim, nela havia um palácio imperial, que poderia acomodar os bispos para a assembleia. Sendo assim, ela foi escolhida para entrar para a história como a acolhedora do primeiro grande concílio ecumênico.

Portanto, nessa pequena cidade teve os embates conciliares e, em seu término, foi promulgado os 80 cânones. Dela saíram decisões disciplinares e dogmática que iriam marcar seu tempo histórico e que reverbera até os dias atuais, em especial o credo niceno que, no concílio de Constantinopla em 381, foi completado e que se professa até os dias atuais na liturgia.

Aproximadamente 250 bispos das igrejas mais importantes – alguns historiadores defendem a presença de 318 bispos²² – se faziam presentes, respondendo a convocação do imperador e do papa. Nota-se que não estavam a totalidade dos bispos desta época, devido justamente às dificuldades de comunicação e locomoção. Independente dos desafios, lá estavam representantes da Igreja do Oriente e do Ocidente.²³

Entre os dias 20 de maio até o dia 25 de agosto, houve intensos debates e discursões nas sessões e, sobretudo, nos bastidores. Nesse contexto, nota-se a presença de um diácono com sabedoria e maestria singular que, ao mesmo tempo, que despertava convencimento nos bispos, também gerava recusas e indignação nos opositores. Este diácono é o jovem Atanásio que, conquistando junto aos bispos a oportunidade de falar nas sessões, desempenhou um trabalho singular, tonando-se fundamental para que a ortodoxia pudesse ser confirmada em tantas corações e mentes.

Qual o seu papel e seu lugar neste concílio? Sua idade e sua condição não lhe permitiam, sem dúvida, ter função de primeiro plano que certos panegiristas lhe dão. [...] Talvez tenha sido admitido a falar ao lado dos bispos. Então, manobrando os bastidores, Atanásio entra em cena com sua eloquência e força de persuasão de tal modo que os arianos e melecianos começam a temê-lo. Embora diácono, surpreendeu a todos os padres conciliares pelo talento nas discussões teológicas e seu conhecimento profundo das Escrituras.²⁴

O concílio é de grande importância dogmática, um marco importante na história da Igreja e, sobretudo, na defesa da fé. Nele, foi condenada a grande heresia que infligia na Igreja as feridas cismáticas em sua doutrina e nas comunidades. Ário foi combatido nesta assembleia dos bispos com forte influência do patriarca Alexandre e de seu tão jovem diácono. Antes disso, o patriarca Alexandre já havia admoestado em segredo Ário, sem efeito algum. Depois foi condenado no sínodo alexandrino em 320, onde se refugiou em Cesareia na Palestina. Contudo, a influência de Ário era grande:

²² Santo Atanásio, quando escreve contra os arianos, especificamente na epístola XX intitulada: *To the Bishops of Africa*, faz uma alusão tipológica ao episódio de Gênesis 14,14, em que Abraão reúne 318 servos para resgatar Ló, aplicando-o aos 318 bispos presentes no Concílio de Niceia. Para Atanásio, assim como Abraão triunfou sobre os reis ímpios, os bispos conciliares mantiveram a integridade da fé apostólica ao condenar a heresia ariana, mostrando a providência de Deus na preservação da ortodoxia cristã. Disponível em: <https://www.ccel.org/ccel/s/schaff/npnf204/cache/npnf204.pdf>.

²³ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 11-12.

²⁴ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 12.

para se ter uma ideia da contaminação e do entusiasmo que suscitaram as ideias de Ário, basta pensar que [...] Palestina, Síria, Ásia Menor, Egito estavam tomados por suas ideias, surgindo uma comunidade ariana ao lado da Igreja ortodoxa.²⁵

A heresia de Ário era também bem aceita entre os cristãos vindo do paganismo, mesmo sendo centrada na ideia de Deus único; mas, ao mesmo tempo tendo Jesus como divino, mas inferior ao Pai, uma espécie de herói divino. Em sua obra intitulada “Thalia”, afirmava que somente Deus o Pai poderia ser considerado imortal, e que Jesus havia sido criado, semelhante ao Pai, mas não era verdadeiramente Deus como o Pai. Esse absoluto distanciamento de Deus para com o cosmos implica na impossibilidade d’Ele ser conhecido, ou seja, jamais Ele iria se encarnar na pessoa de Jesus sendo o Filho uma criatura divina de Deus.²⁶

O concílio é convocado justamente para combater a heresia, mas também para trazer unidade à Igreja. Igualmente para conceber unidade ao próprio império, uma vez que a controvérsia teológica trazia tantas agitações e divisões também sociais. “A rachadura do império era eminente. Então o imperador convocou o concílio [...] com o fim principal de costurar a unidade política do império.”²⁷

Nesta seara de unidade e divisões, que reclamou a necessidade da convocação de um concílio ecumênico, surge a pergunta: por que a heresia donatista não foi também contemplada em Niceia? Pode-se crer que talvez o concílio regional de Arles em 314, que foi convocado pelo próprio imperador Constantino e que tratou especificamente da controversa donatista, tenha apaziguado os ânimos devido à condenação da heresia. Anterior a este, teve o concílio regional de Roma convocado pelo Papa Melquíades, que rejeitou a teologia donatista. Contudo, foi no concílio regional de Cartago em 411, com a dedicação do proeminente Santo Agostinho, que esta heresia donatista foi amplamente suplantada.

Devido a estas intervenções, o concílio não tratou especificamente da heresia dos donatistas, mesmo sendo sabido que eles já levantavam questões eclesásticas e teológicas já no início do século IV com tantas implicações cismáticas, porém o que mais estava atualmente gerando perigo na unidade era o arianismo. Era necessário sanar todas as dúvidas sobre a divindade de Jesus Cristo. Exatamente

²⁵ FRANGIOTTI R., História das heresias [séculos I-VII], p. 90.

²⁶ CURTIS, A. H.; LANG, J. S.; PETERSEN, R., Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo, p. 38-39.

²⁷ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 11.

aqui surge a “pérola” do concílio, “[...] que criou a fórmula da consubstancialidade, originária do grego ‘*homousios*.’”²⁸

Certamente o concílio não tratou apenas da controvérsia ariana, mas teve um trabalho vasto acerca de muitos outros assuntos sobretudo os disciplinares. Foi promulgado em seu término 80 cânones, tratando dos mais diversos assuntos dos quais três tem maior peso histórico para a Igreja: o primeiro, como já vimos, foi a condenação de Ário que se seguiu do decreto de seu exílio e a definição do credo niceno. O segundo, foi referente à data da Páscoa do Senhor, pois alguns seguiam o calendário judaico enquanto outros consideravam uma data fixa. Agora foi estabelecido pelo concílio a data do primeiro domingo após a lua cheia depois do equinócio da primavera, independente do calendário judaico. O terceiro, foi a questão disciplinar sobre a vida do clero, que determinou que um bispo não pode mudar de diocese sem que tenha um motivo sério; também o clero não poderia ter uma mulher morando com ele e não ser sua mãe, tia ou irmã.²⁹ Portanto, o concílio foi um marco histórico para a teologia cristológica e trinitária, mas também teve uma grande importância para a disciplina do clero.

O concílio foi intenso, porém, mesmo com a promulgação da condenação da teologia ariana, o tempo posterior ao concílio foi de grandes debates. Sobretudo na seara política, essas crises são evidenciadas; por exemplo, a atitude de Constantino de suspender o decreto do exílio de Ário na Ilíria no ano de 327³⁰, apenas 2 anos do término do concílio.

Os desafios iriam continuar por muito tempo, mas é inegável que a definição dogmática do concílio foi um divisor de águas, mesmo contrariando até os imperadores. Logo, “Essa teologia colocou o arianismo inequivocadamente fora da lei, [...] ela se contentou em afirmar a plena divindade do Filho e Sua total igualdade com o Pai, de cujo ser procedeu e de cuja natureza, portanto, partilha”.³¹

A intensidade do concílio e o trabalho do apologeta Atanásio não foram fáceis e sim bastante exaustivos. Para que se tenha uma ideia, 17 bispos se recusaram aceitar a fórmula nicena referente ao *homoousion*, contudo, com o anúncio das possíveis penalidades aos que não aceitassem, a maioria reavaliou e aceitou a

²⁸ MEDEIROS J. I., Concílios, p. 33.

²⁹ SCHAFF F., *Nicene and Post-Nicene Fathers*, p. 112-121.

³⁰ EUSEBIO DE CESAREIA, *Vida de Constantino*, p. 32-34.

³¹ KELLY J. N. D., *Patrística*, p. 178.

promulgação do concílio. Dois bispos egípcios ainda se recusaram e junto com Ário, Eusébio de Nicomédia e Teognide de Niceia foram de imediato para o exílio.³²

O concílio em si foi uma vitória da ortodoxia, mesmo que o tempo posterior a ele tenha sido de grandes desafios. Era grande a negligência, por parte de muitos clérigos, com a fórmula do credo conciliar. No entanto, em contexto geral da história da Igreja, ele foi de grande importância em defesa da Cristologia e da Teologia Trinitária.

2.5. Obras³³

Atanásio escreveu uma vasta obra literária, que revela uma riqueza teológica surpreendente. Não somente teológica, mas de grande importância histórica com inúmeras citações de personalidades, acontecimentos e lugares. Portanto, seus escritos tornam-se importantes para a pesquisa acadêmica tanto da Teologia como para a História da Igreja no século IV.

O registro dos escritos do Padre revela dois detalhes interessantes: o primeiro, referente à capacidade de escrever sobre temas importantes, em situações tão diversas em sua vida. Conservou a dedicação em tratar com genuína clareza temas teológicos de grande profundidade: praticamente, Atanásio pode ser considerado um tratadista sobre a Trindade, mesmo que não tenha escrito uma obra especificamente sobre o tema. Porém, o seu vasto material mostra a dedicação em escrever sobre divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O segundo detalhe é sua forte marca apologética que escreve com uma finalidade apenas, a defesa da fé. Defesa do que ele mesmo crer, daquilo que a Igreja ensina por meio da Tradição apostólica e dos ensinamentos de Jesus Cristo. Desta maneira, ele oferta a todos um vasto trabalho de autenticidade e fidelidade a Deus e a sua Igreja. Um doutor apologeta que há mais de 1700 anos continua educando na fé.

O primeiro trabalho que merece nota é seu escrito intitulado “Contra os helenos (os gregos),” ou como é mais conhecido em versão portuguesa “Contra os pagãos.” Este trabalho foi escrito para um público específico, os cristãos, por mais

³² FRANGIOTTI R., História das heresias [séculos I-VII], p. 94.

³³ Por não estender muito o texto, optamos em escolher apenas algumas delas pelo seu teor de maior relevância para o entendimento do estudo proposto.

que tenha um título referente às pessoas não cristãs. Nota-se o uso de um grande número de citações bíblicas, e este simples detalhe sustenta a argumentação que o destinatário era todo aquele que já estava vivendo o cristianismo.

Obviamente, ele escreve contra a insanidade dos pagãos, e pedagogicamente vai mostrando o caminho do abandono da idolatria para viver com Jesus, ou seja, mesmo que indiretamente ele também escreve aos não cristãos para favorecer a conversão. Por fim, é uma autêntica apologia que defende a fé contra as calúnias e escárnios dos pagãos.

Assim como para os que vivem segundo as suas leis, a recompensa será a vida eterna, também os que caminham em vias opostas, longe do Verbo, terão no dia do julgamento grande vergonha e perigo inexorável, porque conhecendo o caminho da verdade, agiram contrariamente ao que conheciam.³⁴

Ainda como diácono, ele teria escrito essa apologia, evidenciando a recompensa dos que creem e a dos que não viviam na fé cristã. Esta defesa da fé teria supostamente duas partes: a primeira, seria justamente este livro “Contra os Pagãos” e, a segunda, seria uma outra obra, diferente, porém, complementar: “A encarnação do Verbo”. Contudo, é mais aceitável que ambas teriam sido escritas em datas diferentes. Esta última, provavelmente foi escrita mais tarde, por volta do ano 335 ou 337. E, por causa desta, Atanásio foi “considerado o pioneiro da nova teologia da trindade”³⁵, por seu caráter mais contundente acerca da divindade do Verbo.

A Obra “A encarnação do Verbo” tem uma importância fundamental em relação aos desafios doutrinários do século IV. Atanásio faz uma vasta e profunda defesa do Verbo Deus, encarnado para salvar o gênero humano. Um Deus presente que se revela para mais uma vez ser contemplado e adorado. Sua revelação, presença, toque e sacrifício resgata o ser humano de sua perdição e morte. Como Jesus poderia ser capaz de fazer tudo isso se Ele não fosse Deus mesmo, consubstancial ao Pai?

Talvez este livro seja a “pérola” mais preciosa dos escritos deste Padre. Argumentos precisos e ensinamentos verdadeiramente ortodoxos, que fazem frente ao arianismo e a toda heresia que qualificaria Jesus como um ser criado.

³⁴ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 116.

³⁵ FRANGIOTTI R., Introdução, p. 120.

A terceira obra que merece destaque é sua autodefesa quando escreve ao imperador Constâncio. Intitulada “Apologia ao imperador Constâncio”, é considerado o escrito mais bem formulado, com um tom respeitoso, simples e, ao mesmo tempo, incisivo. Ele escrevia ao imperador para defender-se contra as intrigas de seus opositores. Apresentou ao imperador as provas de que não lhe havia traído na suposta união com o usurpador do trono Magnêncio ou ainda com o seu irmão Constante.

Essa obra é de grande importância histórica por apresentar informações acerca dos imperadores e da vida de Atanásio. Começou escrevê-la em Alexandria e terminou no deserto já no seu terceiro exílio.

Ruborizo-me de ter de me justificar de danos que meu acusador se empenharia, creio, em olvidar na minha presença. Sei perfeitamente que ele mente, e que eu não me tornei louco; que não perdi o senso comum ao ponto de me deixar suspeitar de ter pensado em tais horrores.³⁶

Outra apologia que Atanásio escreve, menor do que a primeira, foi acerca dos motivos pelos quais ele fugiu para o deserto, mas esta é diferente daquela endereçada ao imperador porque ele nomeia seus opositores e suas atrocidades. Ele cita especialmente as abominações que Jorge da Capadócia está impondo ao patriarcado de Alexandria. Foi escrita pelo fim de 357 em seu exílio.

Uma tropa de soldados investiu de súbito contra a igreja, e os gritos de guerra cobrem a voz da oração. No decorrer da quaresma entrou o seu emissário Jorge, vindo da Capadócia, e o seu embuste ultrapassa as lições dos seus mestres. Com efeito, após a semana da Páscoa as virgens são aprisionadas, soldados levam os bispos acorrentados, os órfãos e as viúvas veem as suas casas e os seus alimentos serem roubados.³⁷

Estes foram os nebulosos desafios que Santo Atanásio teve que enfrentar, porém ele nunca esteve sozinho neste momento histórico tão desafiador. Muitos outros bispos sofreram com ele o exílio, alguns perdendo a própria vida, porém Atanásio permaneceu firme em sua perseverança. No deserto, vê a oportunidade da vida ascética junto aos monges que gozavam de grande reputação santa. O mais estimado era Santo Antão, o mestre da vida interior e ascética. Atanásio já tinha uma amizade antiga com Antão que lhe proporcionou a oportunidade de escrever uma belíssima biografia sobre o santo, intitulada “Vida e conduta de Santo Antão”.

³⁶ ATANÁSIO, Apologia ao imperador Constâncio, p. 210.

³⁷ ATANÁSIO, Apologia de sua fuga, p. 261.

Este escrito tornou-se um importantíssimo marco histórico para a vida monacal que influenciou diversos líderes espirituais.

Atanásio escreveu esta obra no ano 357, um ano depois da morte do grande asceta. Ele que era o santo do deserto e conselheiro espiritual de muitas pessoas tem sua história contada por um dos maiores Padres da Igreja. “O renome de Antão chegou até os imperadores. Tendo tomado conhecimento dessas coisas, Constantino Augusto, Constâncio Augusto e Constante Augusto lhe escreveram como a um pai, pedindo-lhe que lhes respondesse”.³⁸

Há ainda outros escritos menores de Atanásio, como as “Cartas Festais”, que se seguiram entre os anos de 330 até 370. Em uma delas, ele confirma o cânon bíblico, tendo-o 27 livros. Também podemos citar a “Apologia contra os arianos” escrita em 350, igualmente outra carta onde ele conta a “História dos arianos”, escrito entre 358 e 360. Por fim, dentre tantas produções, não se pode deixar de citar suas quatro preciosas cartas sobre a divindade do Espírito Santo. Intituladas “Cartas ao bispo Serapião”³⁹, ele escreve a este bispo uma pneumatologia autêntica.

Santo Atanásio foi um patriarca importante na história da Igreja e confirmado como um dos grandes apologetas que defendeu a ortodoxia da Igreja em tempos tão tribulados. Por sua dedicação e firmeza se consolidou como líder sábio, santo e zeloso para com a defesa da fé. Prova desta tão grande dedicação é justamente seus escritos tão antigos, porém tão atuais.

2.6. Conclusão

Talvez se não fosse os inúmeros desafios que Santo Atanásio enfrentou, ao longo de sua vida, não teria sido possível o nascimento de sua teologia. Isso demonstra que a têmpera de Atanásio, unida à sua formação, fez com que se tornasse possível o desenvolvimento de uma maravilhosa apologia da fé e doutrina da Igreja.

³⁸ ATANÁSIO, Vida e conduta de Santo Antão, p. 357.

³⁹ Para aqueles que gostariam de ter acesso a essas cartas preciosas sobre a divindade do Espírito Santo, há um livro em francês muito útil com a seguinte referência: JEAN, Lebon. *Lettres à Sérapion: sur la divinité du Saint-Esprit*. Paris: Éditions du Cerf, 1947. (*Sources Chrétiennes*, nº 15). Contudo, se preferir, há uma belíssima tese de doutorado do monge Dom Paulo Henrique Gouvêa Coelho, OSB que versa sobre a divindade do Espírito Santo onde há neste trabalho a tradução das cartas de Santo Atanásio, Disponível em: <https://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0921551_2014_completo.pdf>.

Certamente é de se notar que a Graça de Deus permeou seus raciocínios para que se tornasse possível tão grande produção teológica, mesmo mergulhado em tantos desafios eclesiásticos e políticos que até colocou em risco sua própria vida. Portanto, pode-se notar com clareza esta união de fatores que culminou nesse serviço de Atanásio, para a teologia católica, de forma que sua contribuição marcasse sensivelmente a Tradição da Igreja.

Na pessoa do Padre, percebe-se sua grande formação, tendo Alexandre como seu tutor; igualmente é notório, em sua biografia, as perseguições e embates, que corroboraram para que produzisse tamanha teologia; nesta mesma seara, torna-se impossível não perceber sua força, determinação e resiliência, que o fez persistir na caminhada de fidelidade à ortodoxia; por fim, a graça que constantemente o acompanhou e que de uma forma ou de outra o ajudou enxergar o que tantos não conseguiam ver, a pessoa do Deus encarnado, Jesus Cristo.

Talvez foi essa delicadeza espiritual a porta de onde saiu sua teologia cristológica, pneumatológica e trinitária. Se por um momento o Verbo, enquanto Sabedoria, contemplando o Pai trouxe do nada tudo o que existe,⁴⁰ por outro lado, Atanásio contemplando o Verbo encarnado trouxe uma fração do inefável à compreensão humana por meio de palavras, raciocínios e teologia. Esta foi sua tão grande contribuição que também o fez forte para enfrentar imperadores, bispos e tantos inimigos que contemplavam Jesus não ao modo de Deus na espiritualidade, mas cada um a seu bem entender com puras razões humanas.

⁴⁰ ATANÁSIO, *Contra os pagãos*, p. 115.

3

Encarnação do Verbo: oportunidade de encontro e regeneração

3.1.

Introdução

Ora, a morte exercia cada vez mais seu poder e a corrupção subsistia no meio dos homens. Desta forma, o gênero humano encaminhava-se para a perda. O homem racional, criado à imagem do Verbo, desaparecia e a obra de Deus ia se arruinando.⁴¹ O homem foi o motivo da encarnação, e por sua salvação, o Verbo amou o homem até nascer e manifestar-se com um corpo.⁴²

Do absoluto nada, tudo veio à existência por filantropia do Verbo. Ele contemplando o Pai, enquanto Sabedoria, criou o cosmos com perfeição, harmonia e beleza, justamente porque Deus é essencialmente perfeito, harmônico e belo. Desta maneira, a criação teria em si mesma estas “marcas” das mãos do Criador, de forma que Ele estivesse presente em todas as partes, sustentando cada ser criado, porém jamais seria contido obviamente por ser Deus.

No ato criador, o Verbo coroa sua criação com a presença do ser humano, porém este ser teria algo diferente de todo o cosmos, a imagem e semelhança de Deus mesmo. Essencialmente o ser humano é contemplador por natureza, criado desta maneira para ser capaz de Deus ao ponto de se relacionar com o Senhor. Dotado de razão, é totalmente aberto ao relacionamento, consequentemente ao conhecimento de Deus. Porém, atraídos pelas coisas sensíveis, a humanidade fez opção em deixar de contemplar Deus para contemplar o que estava mais perto de si, seu próprio corpo; assim, atendendo suas necessidades, que se tornaram viciadas na vida concupiscente por meio dos sentidos, construíram atitudes vis ao ponto de romper com o Criador.

Contudo, Deus não cria para a perdição. Uma outra vez a filantropia do Verbo toma iniciativa para agora proporcionar a todos os seres humanos a restauração. Aquele que no princípio criou, agora se encarna para mais uma vez ser visível aos seres humanos. Se eles não conseguiam mais erguer os olhos para contemplar Deus, o Senhor se encarna para que descendo às realidades sensíveis pudesse ser contemplado pelas pessoas.

⁴¹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 131.

⁴² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 128.

Este foi o caminho que o Criador optou para resgatar o gênero humano. Caminhando com eles e com pedagogia perfeita, ensinava a todos com suas atitudes e palavras para que pudessem ver n'Ele, em seu corpo, o Criador. Desta maneira, Deus convivia mais uma vez com os homens e mulheres. Esta segunda filantropia do Verbo, a encarnação, foi atraída pelas transgressões dos seres humanos de forma que fosse possível a destruição da morte e da corrupção. A presença do Verbo encarnado foi oportunidade de encontro e, sobretudo, seu corpo torna-se lugar de remissão quando o Senhor toca os seres humanos e seus sofrimentos.

No passado, houve um rompimento com o Criador; agora, no corpo de Jesus todos se unem a Deus. Não é apenas um simples encontro, mas no corpo do Senhor, que foi pregado na cruz, as transgressões e a morte são vencidas. Em suas dores e sacrifício Ele toca, pela inabituação e pela pedagogia de seu próprio sacrifício, todos os seres humanos. Da mesma maneira se permite ser visto pelos que já tinham morrido e que jaziam na mansão dos mortos, posteriormente ainda aqueles que nascerão poderão ver o Senhor por meio de sua Igreja sacramental.

Assim, todos puderam ter oportunidade de ver, conviver e ser tocado pelo Senhor de tal maneira que também se tornou possível a ressurreição de todos com um corpo ainda melhor, o glorioso à semelhança do corpo ressurreto do Criador no céu. Esta é a filantropia do Verbo que, por duas vezes, toca sua criação de forma que, sustentando toda a criação em seu Ser, possa também ofertar a todo gênero humano a possibilidade de entrar para a família de Deus.

3.2.

Deus criador: o Bom que cria a partir do nada

Atanásio, sendo ele um assíduo expositor da fé, consequentemente defensor contra as heresias de sua época,⁴³ apresenta a teologia da criação baseada em três fontes específicas: a primeira, obviamente, bíblica; remete à personagem Moisés, sua autoridade igualmente a dos textos do Pentateuco,⁴⁴ especificamente Gênesis 1, 1, onde ele ressalta exatamente a criação de Deus a partir do nada. Certamente que

⁴³ FORBES F. A. M., Santo Atanásio contra o mundo, p. 25.

⁴⁴ Sabemos hoje que o Pentateuco foi fruto de várias mãos, hagiógrafos desconhecidos que, na inspiração divina, contribuíram na escrita destes livros sagrados. Contudo, no século IV, período da produção de Santo Atanásio, acreditava-se que o grande profeta fosse o autor do Pentateuco. (RÖMER T., A formação do Pentateuco, p. 85-107; MCKENZIE J., Dicionário Bíblico, p. 716 - 720).

este argumento é de grande valia e peso para os fiéis, talvez não tanto para os não crentes, contudo, em primeiro lugar, Atanásio escreve esta exposição da fé aos fiéis, obviamente para defendê-la contra as crenças que se distanciavam dos ensinamentos de Jesus e do crer apostólico. “Os judeus a caluniam, os gregos dela zombam (I Cor 1, 22), quanto a nós, nós a adoramos. Desta forma, a aparente humilhação do Verbo, ao invés, dar-te-á relativamente a ele piedade maior e mais intensa”.⁴⁵

A segunda fonte é retirada dos escritos do Pastor de Hermas, um texto dos primórdios da Igreja, que não entrou para o cânon bíblico,⁴⁶ mas que goza de grande autoridade espiritual e pastoral. Acerca desta fonte, ele a usa para corroborar com o entendimento da criação ter vindo do absoluto nada, de maneira que o Poder “criou e organizou o universo e fez existir o que não era”.⁴⁷

Por fim, porém não menos importante, o apologeta cita o grande apóstolo Paulo tendo como referência a carta aos Hebreus 11, 3, onde afirma que o mundo fora organizado pela Palavra de Deus. Paulo que foi uma importantíssima figura de autoridade na evangelização é tomado como uma fonte da teologia da criação.

Desta maneira, Atanásio conclama a criação de Deus como um ato de pura bondade que do nada criou tudo.⁴⁸ Esta expressão alicerça-se na ideia de que Deus é a própria bondade, uma vez Ele sendo a essência do que é bom,⁴⁹ jamais poderia negar a vida. Pode-se entender, portanto, que a criação era inevitável a partir do momento que o Verbo, enquanto Sabedoria, ia contemplando o Pai e criava a partir do absoluto nada tudo o que veio a existir fora de si.

Ele estava com Deus como Sabedoria e como Verbo, ele olhava o Pai e criava o universo, dando-lhe consistência, ordem e beleza. Sendo o poder do Pai, dava a todos os seres a força de existir, como diz o Salvador: “Tudo o que o meu Pai fez, eu o faço igualmente” (Jo 5,19).⁵⁰

Na inevitabilidade da vida, nasce de Deus toda a criação. O que não era passa a existir tendo seu ser provindo de Deus mesmo. No Verbo a ação criadora de Deus

⁴⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 123.

⁴⁶ Para maior compreensão da construção do cânon bíblico, sugiro que consulte a seguinte obra: GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico: listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos, Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019.

⁴⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 127.

⁴⁸ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 105.

⁴⁹ Sl 100, 5. Neste trabalho, a Bíblia de Jerusalém será usada como referência para as citações bíblicas. Bíblia de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2 impr. São Paulo: Paulus, 2003.

⁵⁰ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 115.

age poderosamente no nada, ou seja, o poder do Senhor que cria está contido em sua Pessoa divina. Este detalhe precisa ser assimilado porque é de suma importância, não é falar essencialmente dos atributos do Verbo de Deus no ato de criar, mas em primeiro lugar é perceber sua essência, ou seja, não é simplesmente um Deus que dá a vida no ato da criação, é a Vida que dá vida porque Ele é a própria Vida; ou ainda acerca da verdade contida nos atos de Deus, se está contida é porque Ele é Verdade;⁵¹ na mesma perspectiva Ele cria com perfeição pelo fato de ele ser a Perfeição e o próprio Poder que cria poderosamente tudo que existe.

Aqui percebe-se que Deus criador é essencialmente origem do cosmos e, por meio d'Ele, tudo foi criado.⁵² Desta maneira, torna-se perceptível um detalhe muito importante para facilitar este percurso teológico. O Verbo é distinto da concepção de palavra revelada do Senhor, que está mais como revelação e pedagogia do Senhor, ou seja, percebe-se claramente que a Palavra encarnada, Deus mesmo, revela-Se por meio da palavra pedagógica, ensinamentos e mistérios revelados sobre si mesmo, sobre o Pai e sobre o Espírito Santo.

Na carta aos Hebreus, no capítulo IV, alguns Padres da Igreja como o próprio Atanásio, tais como Ambrósio e Cirilo de Alexandria, interpretaram a palavra revelada viva e eficaz, como o Verbo encarnado. Não obstante, os termos não prejudicam esta reflexão, uma vez sendo o Verbo a própria eficácia e a vida.⁵³ Contudo, a passagem de Apocalipse 19, 13-15 corrobora e ajuda entender esta diferenciação com maior clareza. Aquele que vem tem um nome, “Verbo de Deus”, “[...] de sua boca sai uma espada afiada [...]”, note-se a semelhança da “[...] espada de dois gumes [...]”, da carta aos Hebreus que revela em si os ensinamentos, ordens e preceitos do Senhor e não o próprio Senhor. Em Apocalipse, torna-se claro a Pessoa do Verbo, diferenciando-Se da palavra que sai de sua boca, a revelação, seu atributo.

Portanto, este critério é apresentado para que seja compreendido que a criação não emana de quem manuseia o poder, ou que seja detentor de uma verdade, ou que seja perfeito em suas atitudes, ou ainda que esteja vivo cheio de atributos maravilhosos, é mais profundo do que isso tudo, até porque uma criatura pode, a

⁵¹ Jo 14, 6.

⁵² Cl 1, 1-18.

⁵³ TURRADO L., *Bíblia comentada*, p. 744 – 756.

seu modo, ter estes atributos mais ou menos e, no entanto, não se torna um criador, obviamente. A estupenda criação nasce do Poder, da Vida, da Verdade e da Perfeição, ou seja, do Deus mesmo que cria de forma que o que não existia venha a ser por causa essencial do Ser de Deus.

Justamente nesse termo é que o Senhor não negou a criação, Ele não deixaria de gerar a vida pelo simples e puro fato de Ele mesmo ser a própria Vida e a Bondade. Se fosse apenas um atributo do Verbo ser bom, ele poderia deliberar sua bondade criando ou não o cosmos, mas, sendo essencialmente a Bondade, não negaria a vida fora de si e ainda mais, além de criar, Ele sustenta sua criação em seu Ser. “Ora, Deus é bom, ou antes, é a fonte de toda bondade, e quem é bom a ninguém pode odiar. Por conseguinte, a ninguém recusaria invejosamente a existência”.⁵⁴

3.3.

O partícipe da imagem do Verbo optou pela solidão da não contemplação

Lançando um olhar sobre a integração do ser humano com toda a criação, segundo o que escreve Atanásio, é perceptível a própria condição criatural frágil dos homens e mulheres. Consequentemente, percebe-se que perante a complexidade magnífica do cosmos, com todo seu ordenamento e grandiosidade, o ser humano teria sua existência abreviada devido sua incapacidade de conservação perpétua. O Senhor, portanto, quis que a humanidade participasse de algo maior. Este algo é a imagem do próprio Deus, que o fez ser diferente de toda a criação. Diferença essa que obviamente não tenderia à desordem, até porque o Senhor não cria para a desordem, mas estaria essencialmente inserido na ordem harmônica de toda o cosmos, onde os homens e mulheres pudessem desempenhar um papel essencialmente diferenciado dentro do todo da criação.

Apiedou-se mais do gênero humano do que dos demais seres existentes na terra, e vendo que ele era incapaz, pela lei de sua própria natureza, de subsistir para sempre, concedeu-lhe algo mais; não se contentou com criar os homens, conforme fizera a todos os animais irracionais da terra, mas criou-os à sua imagem, fazendo-os partícipes do poder de seu próprio Verbo.⁵⁵

Desta maneira, o ser humano é criado à imagem do Criador. Este pequeno detalhe existencial o faz participante do poder de Deus. Todavia, que poder seria

⁵⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 127.

⁵⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 127.

este? Seria aquele da inteligência, ou seja, aquele capaz de pensar e, não somente, mas também constituiria a capacidade de se relacionar conscientemente com o Criador. Igualmente seria possível a autorreflexão e, conseqüentemente, aberto ao convívio racional com os seus semelhantes, mas também com todo o cosmos criado haveria de conviver.

Exatamente neste âmbito de partícipe da imagem do Verbo, o ser humano vive em harmonia e na ordem, ainda mais, ele sabe que estar inserido no todo criado e, por conseguinte, tem consciência do sagrado e é aberto às coisas do alto. Os homens tornam-se, por natureza, à semelhança do Criador, uma “[...] comunhão ou encontro que tem lugar na reciprocidade dos atos espirituais.”⁵⁶ Esta é a bem-aventurança de viver no paraíso do belo e do harmônico, esta é a vida dos íntimos de Deus, onde não há espaço para dor e sofrimento oriundos da corrupção, até porque não existia.

Obviamente é de se notar que um dos frutos da inteligência é a escolha. Deus sabendo disso, presenteia o ser humano com a lei. Qual seria a finalidade da lei? Seria aquela que preservaria este das escolhas que o levaria para tudo aquilo que o faria experimentar o sabor do desarmonico e do feio, ou seja, a desordem e a descaracterização do que ele é por natureza. Este termômetro da lei impediria os homens livres de cometerem erros que poderiam gerar o surgimento da corrupção e, conseqüentemente, a morte.

A lei, portanto, tem a finalidade de ajudar o ser humano a manter-se no belo e no harmônico de sua essência de ser imagem do Criador.⁵⁷ Não perdendo essa referência, a humanidade, permaneceria no envolvimento com a Vida, tendo assim vida em si. Da mesma forma, preservado do mal, com o auxílio da lei, ele exerceria o poder que o proporcionaria ser, essencialmente, um bom administrador da criação⁵⁸.

Estaria também envolvido com a verdade ao ponto de não ter necessidade de se relacionar com o que é falso e mentiroso e, por fim, ele, o ser humano, estaria repleto da perfeição sem a discrepância da decadência daquilo que poderia ser destruição. Nota-se que a união com o Criador, sendo os homens e mulheres

⁵⁶ VAZ H. C. L., Antropologia filosófica II, p. 62.

⁵⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 127.

⁵⁸ IPd 4, 10-11.

imagem e semelhança do Verbo, fazia-os experimentarem em si mesmo os traços próprios de Deus, ou seja, exerciam o poder, a verdade e a vida.

Nesta perspectiva, Atanásio faz referência também à morte como um resultado do comportamento que vai de encontro à lei e sua essência, não coadunando com a harmonia da criação e sua beleza. A consequência desta opção pelo mal gera nos corações tamanha perversidade que corrompe todo o ser humano ao ponto de ele praticar o mal, afetando a ele mesmo, sua relação com o Criador, consequentemente sua relação com os seus semelhantes e com toda a criação. O mal que não existia nasce como fruto da desobediência egoísta do coração humano.⁵⁹

Pode-se perceber que a morte seria permanecer nesta corrupção, ou seja, escolher livremente degradar-se a tal ponto que o ser humano perderia o Criador de vista. Quando não se enxerga mais o Senhor perde-se totalmente a razão de ser de si mesmo, até porque o distanciamento do Senhor, interrompe a contemplação que resulta no esquecimento de quem é, imagem e semelhança de Deus. Nestes termos, pode ser entendido que a teologia da contemplação, desenvolvida por Atanásio, é um guia para a humanidade para que todos não caiam no egoísmo do mal.

Pergunta-se, no entanto, o que seria este egoísmo tão nefasto? É simplesmente olhar somente para si ao ponto de querer dobrar todos e tudo ao seu bel prazer. Esta atitude degrada tanto o ser humano que, gradativamente, será conduzido ao nada deixando de ser o que deveria ser. O que seria este nada? Seria a perda da capacidade de viver o tudo do Criador e a perda do relacionamento harmônico com o cosmos.

Este nada não é aniquilação que poderia levar ao entendimento do não ser antes da criação, seria um direcionar-se ao nada por meio do degradante distanciamento do Tudo do Criador. É um esvaziamento de sua própria condição de ser íntimo e ligado com Deus, mas não é deixar de existir.

Toda esta perda faz do ser humano um ser solitário, prepotente, arrogante e egocêntrico, com um enorme vazio dentro de si. Tais características não são encontradas no Criador, ou seja “[...] a relação que o homem tem com Deus é que determina a relação do homem com os seus semelhantes e com o seu ambiente”.⁶⁰

⁵⁹ ATANÁSIO, *Contra os pagãos*, p. 54.

⁶⁰ Discurso do Papa João Paulo II aos participantes do congresso sobre “Ambiente e Saúde”. 4.

Se esta relação íntima é interrompida degrada todo seu relacionamento com a criação e com os seus irmãos ao ponto de levar todos à destruição.

Quando o homem perde sua referência relacional contemplativa com o Senhor, aos poucos e sorrateiramente, vai adentrando no vazio que nada mais é que a ausência de Deus. Esta ausência do Ser é a morte geradora de corrupção. “Doravante fossem sujeitos no decurso do tempo à corrupção, propensa ao nada.”⁶¹ A morte não seria o deixar de existir ao modo existencial, uma vez sendo a alma imortal, mas seria unicamente viver na ausência do Ser de Deus que resulta na vida sem um real sentido.

Definitivamente não deveria ter sido assim. Tudo foi dado, por meio da filantropia do Criador, para que o ser humano pudesse ser semelhante a Deus, não como Deus, obviamente. Justamente pelo fato dele ter sido criado à imagem do próprio Senhor. Todos seriam incorruptíveis se tivessem permanecidos na contemplação de Deus.

Pode-se perguntar: o que seria essencialmente a contemplação que poderosamente levaria o ser humano ao infinito de Deus? Seria o ato de enxergar de perto, afinal de contas, não é possível contemplar quando estar distante, ou seja, quando se contempla de perto também se torna possível conviver. Neste momento, o pequenino homem seria imerso na graça, unindo-se ao Senhor. O resultado desta união é que ele se torna participante da eternidade, do poder, da plenitude e da verdade do Criador.

Com efeito, por natureza o homem é mortal, pois foi feito do nada. Mas, se tivesse, pela contemplação de Deus, conservado a semelhança com aquele que é, teria diminuído a força da corrupção natural e se conservado incorruptível, conforme assevera a Sabedoria: “O respeito das leis é garantia de incorruptibilidade” (Sb 6,18). E sendo incorruptível, teria no futuro vivido como Deus [...].⁶²

Contemplação, portanto, é relacionamento. Exatamente aqui mora a grande sabedoria, onde os “sábios são aqueles que adoram”,⁶³ e a imortalidade do ser humano consiste no conviver com Deus.⁶⁴ Por isso, que a contemplação não significa necessariamente ficar estático, mas sim diálogo e convívio de amor eterno, doação e recebimento, uma convivência de partilha e intimidade. Deus criou o

⁶¹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 129.

⁶² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 129.

⁶³ Sl 111, 10b.

⁶⁴ Jo 17, 3.

gênero humano para exatamente isso, para conviver com Ele e a partir deste convívio sagrado, iria se relacionar também com toda a criação. A contemplação tem este poder, um ambiente que favorece o relacionamento com o Senhor, “[...] somente no diálogo com Deus a criatura humana encontra a própria verdade [...]”.⁶⁵

Quando o ser humano não quer mais conviver com o Senhor, quando deixa de contemplá-Lo, o pior acontece. Não vendo e não convivendo com o Senhor, resta-lhe apenas a contemplação de si mesmo. Esta autocontemplação faz do ser humano um assíduo consumidor ao tato de seus sentidos. Tudo ao redor será posto ao seu mero prazer: deixa de ser deificado à semelhança de Deus para ser “deus” seguindo o próprio egoísmo. “Eu declarei: ‘vós sois deuses, todos vós sois filhos do Altíssimo; contudo, morreis como qualquer homem, caireis como qualquer, ó príncipes’”.⁶⁶

Quando o homem olha para dentro do próprio coração, descobre-se inclinado também para o mal, e imerso em muitos males, que não podem provir de seu Criador, que é bom. Muitas vezes, recusando reconhecer Deus como seu princípio, perturbou também a devida orientação para o fim último e, ao mesmo tempo, toda a sua ordenação quer para si mesmo, quer para os demais homens e para toda a criação.⁶⁷

O fruto deste egoísmo é o poder exercido descontroladamente, capaz de gerar morte e destruição. Este é o fracasso do ser humano: quando deixa de contemplar e de conviver com Deus, torna-se um “deus” egoísta, que suplanta tudo que está ao seu redor, ou seja, a autocontemplação desacerbada é um gerador de morte em si e nos outros.

Foi assim que a morte exercia seu poder sobre o ser humano. Ela que nascia da corrupção dos corações viciados no desespero da autossatisfação. A morte era devastadora. A sede dos corações tornou-se o centro de destruição de tudo ao redor do ser humano. A ausência de Deus fez dos corações o epicentro do ter e dominar. O ser humano havia expulsado a Vida de sua vida na construção de uma existência absolutamente isolada.

Quanto mais a humanidade se perdia na ausência do Senhor, mais a morte tornava-se poderosa, cativando os homens e mulheres. Nas correntes dos vícios e

⁶⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ” (PCJP), Compêndio da doutrina social da Igreja, 452.

⁶⁶ SI 82, 6-7.

⁶⁷ GS 13.

desordem, que a falta de relação com o sagrado construía, ia comprometendo toda a criação.

Sendo assim, a morte nasce quando a contemplação do Criador cessa. A comprobatória desse processo de ruína é a própria lei, ela, por verdade e justiça de Deus, revela as consequências finais da corrupção.⁶⁸ Por mais que fosse calamitosa esta realidade seria a verdade, aqueles que desviaram sua contemplação do Criador experimentaram a corrupção de tal forma que a morte seria seu destino final.

Certamente, toda esta calamidade relacional e contemplativa tornou-se uma imensa incoerência pelo simples fato de o Senhor ter criado para a vida e não para a morte. Tendo Ele visto que tudo era bom,⁶⁹ belo e harmônico,⁷⁰ o surgimento da morte tornou-se inconveniência por mais que a justiça e a verdade da lei tornasse a morte evidente. “Então o que faria Deus [...], deixaria a corrupção prevalecer sobre eles e a morte dominá-los? Mas, então, que necessidade haveria de criá-los no começo? Era preferível não ser do que ser e perecer por abandono”.⁷¹

Obviamente que Deus não é Deus do abandono. Não haveria possibilidade de o Senhor assistir à perdição de sua criação e nada fazer. A inércia do Criador, perante a degradação da obra de suas mãos, não convinha à sua própria bondade e providência, portanto, algo deveria ser feito, era conveniente e necessário. “É justo que o oleiro tenha compaixão da obra de suas mãos, e que o pastor se compadeça do seu rebanho”.⁷²

Certamente não convinha exigir do ser humano arrependimento; nesta perspectiva, a liberdade que, por si só, é uma dádiva da criação, ficaria comprometida. Consequentemente, tal exigência não seria digno de Deus.

Resta o arrependimento voluntário, que suplantaria a falta de convívio com Deus e prepararia o retorno à contemplação. No entanto, a corrupção, ou seja, o mal gestado no ato corrupto e livre praticado nos interiores dos corações e que reverbera consequências em si mesmo, nos outros e em toda a criação, persistiria. Se fosse apenas a falta, bastaria o arrependimento que poderia ser iluminado e orientado pela

⁶⁸ Rm 5, 13.

⁶⁹ Gn 1, 31.

⁷⁰ ATANÁSIO, *Contra os pagãos*, p. 105.

⁷¹ ATANÁSIO, *A encarnação do Verbo*, p. 131.

⁷² BONDAN F. J., *Lecionário patrístico dominical*, p. 288.

lei; contudo, a corrupção tem uma consequência, a perda da graça e a degradação do mundo.

O ser humano precisava de algo a mais, mais profundo e forte, e precisava ser tocado mais uma vez pelo Criador para ser salvo de sua solidão destrutiva. Se antes Deus criou tudo do nada, agora, quando o ser humano se embrenha no nada da solidão, Ele pode mais uma vez tocar sua criação para trazer a ela vida nova. “Competia-lhe reconduzir o corruptível à incorrupção, e salvar o que convinha ao Pai em todas as coisas”.⁷³ Sendo assim, a encarnação do Verbo tornou-se realidade salvífica para todos.

3.4.

Filantropia do Verbo, resgate por meio da gratuidade

O Criador nunca esteve longe de sua criação, mesmo perante a perda do interesse dos seres humanos no relacionamento com Ele. Ter o Criador distante em hipótese alguma foi uma possibilidade pelo simples fato de o cosmos ter em si as “marcas das mãos do Senhor”. Do absoluto nada Deus traz à vida tudo que existe. Consequentemente, tudo, de alguma maneira, tem os traços do benevolente ato criador do Senhor. Sendo assim, Ele está presente nas criaturas, não essencialmente, mas de uma maneira simples e ao mesmo tempo misteriosa. “[...] presente em toda a criação, por essência acha-se fora de tudo, mas em tudo está por seu poder”.⁷⁴

A progressiva dureza dos corações, estes dominados pelos pecados, fez com que a contemplação de Deus tornasse quase que impossível devido à cegueira espiritual dos seres humanos. Toda esta mudança fez com que os homens, “em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, [...] substitui-se a Deus”.⁷⁵ Desta maneira, tornou-se necessário a manifestação do Senhor para que com este gesto filantrópico as pessoas pudessem novamente enxergar Deus. Vendo-O, tornar-se-ia possível novamente conviver com o Mestre para que a regeneração tornasse possível.

Neste contexto, a filantropia do Verbo era a manifestação da parte de Deus para o resgate daqueles que estavam fadados à morte por meio da corrupção. Uma vez se distanciando do Criador, em nome da justiça, todos deveriam colher as

⁷³ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 133.

⁷⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 148.

⁷⁵ *Centesimus Annus* (CA), 37.

consequências de terem dado as costas para Deus.⁷⁶ Este resultado nefasto seria o poder que a morte exercia sobre todos os seres humanos. Havia necessidade, portanto, da ação salvadora e gratuita da parte de Deus. Ele, sendo Bom, não poderia assistir passivamente a morte dominar o fruto de suas mãos. Os homens negligenciaram Deus, mas o Senhor não abandonaria a sua criação pelo simples fato d'Ele ser a Misericórdia.

Desta forma, fazia-se necessário o Verbo criador fazer-Se visto para aqueles que estavam impedidos de enxergar por força do pecado. Vendo-O retornariam à contemplação, ou seja, a grandiosidade do Amor eterno e gratuito do Senhor toca a criação agora por meio da autorrevelação manifestada na encarnação.

Portanto, observa-se dois grandes momentos da filantropia do Verbo: aquele primeiro do ato da criação a partir do nada quando criou todas as coisas e, o segundo, deu-se na Encarnação do Verbo, tornando-Se mais evidente para que pudesse ser visto pelos seres humanos.

Num célebre texto dizia no século II Santo Irineu: "A glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus: se já a revelação de Deus através da criação proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida àqueles que veem a Deus."⁷⁷

Esta ação salvífica de Deus revela muitos detalhes sobre Ele mesmo e também sobre toda a criação. Ele é a própria Sabedoria eterna⁷⁸ e, a partir da encarnação, tornou-se Pessoa divina encarnada. Por isso, torna-se perceptível uma profunda e vasta pedagogia de Deus por detrás de cada ato sábio nesta autorrevelação. Por meio da encarnação, permite-se ser visto e contemplado para que todos possam ter a possibilidade de salvação e vida eterna. Ele poderia vir a este mundo de várias maneiras, mas fez opção por nascer duma virgem para que pudesse vir semelhante em quase tudo aos homens, exceto no pecado.⁷⁹

Contudo, cogita-se a pergunta: por que tudo foi orquestrado desta maneira? Talvez pelo fato de o ser humano ser criado à imagem e semelhança do Senhor. Por conseguinte, em sua pedagogia, Ele agora quer se submeter à realidade humana para assemelhar-se ao modo de viver criatural constituído por Ele mesmo. Nas

⁷⁶ Rm 6, 23.

⁷⁷ KLOPPENBURG B., Trindade, p. 152.

⁷⁸ AGOSTINHO, Confissões, p. 346.

⁷⁹ Hb 4, 15.

entrelinhas, percebe-se uma pedagogia sendo constituída que, talvez, ensine como o agir no mundo deveria ser a partir d'Ele mesmo, proporcionando a imitação de suas atitudes, constituindo um caminho de santidade próprio de Deus.⁸⁰ Esta pedagogia torna-se caminho para vida eterna, porque, “atraindo a si todos os sentidos, [...]”,⁸¹ instrui a humanidade para que viva como deveria viver, sendo cada um dos homens e mulheres imagem e semelhança do Senhor.

Logo, pode ser entendido a filantropia do Verbo, a encarnação, como um verdadeiro presente dado a todos de duas maneiras distintas: a primeira, é aquela de se fazer visto para que todos retornem à contemplação e contemplando alcancem salvação, ou seja, o Corpo do Senhor torna-se um lugar de encontro dos que contemplam e d'Aquele que se permite ser contemplado. E, segunda maneira, a sua presença permite, além da contemplação, o ouvir e aprender a partir de seus ensinamentos dados por meio dos seus gestos e palavras.

Esta é a pedagogia que educa para que todos possam viver segundo a graça do Pai, pois Ele “[...] corrigiu as negligências deles (dos seres humanos) através de sua doutrina, e por seu poder restaurou todo o gênero humano”.⁸²

Nesta referência, pode-se entender o conceito de morrer com Cristo exatamente na perspectiva daqueles que convivem com o Mestre e que se submetem à sua pedagogia. É o morrer para o pecado e renascer para a vida nova.⁸³ Contemplação e pedagogia constituem relacionamento com o Verbo encarnado, que aparta dos corações a autossuficiência e a autocontemplação, que são essencialmente geradoras de uma suposta pretensão de viver sem Deus, ou seja, gerir a vida sem o autor da vida.⁸⁴ Certamente isso é possível, porém gera nas atitudes e vida a morte espiritual.

Se o homem, pela fé, se coloca na corrente da salvação, o tipo humano é transformado, não está mais sob a ira de Deus, ou em estado de pecado. É criatura nova. O aspecto realista desta concepção corresponde à noção realista de pecado, estado, maneira de ser da humanidade.⁸⁵

⁸⁰ 1Pd 1, 15-16.

⁸¹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 145.

⁸² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 137.

⁸³ Rm 6, 8-14.

⁸⁴ II Cor 5, 15.

⁸⁵ CERFAUX L., Cristo na teologia de Paulo, p. 110.

O Verbo filantropo, assume, portanto, um corpo para resgatar todos os seres humanos desta morte espiritual e, por conseguinte, morre voluntariamente em função deste resgate. No entanto, surgiu um problema: como o Senhor da vida poderia morrer? Fazia-se necessário constituir para si um corpo mortal para tal missão e, morrendo em seu corpo, a pessoa de Jesus, que nunca morre, regenerava as pessoas e também faz ser possível que também Ele pudesse ser visto e contemplado por aqueles que já haviam morrido antes da encarnação e que estavam na mansão dos mortos. Desta maneira, todos puderam, de algum modo, contemplar e conviver com o Verbo eterno encarnado.⁸⁶

Fazendo-se visto, e contemplado também pelos mortos, foi o caminho que resultou na ressurreição daquele que jamais morreria, Deus mesmo. Consequentemente, a ressurreição de todos que também não deveriam ter sido sucumbidos pela morte torna-se possível na gratuidade do sacrifício salvífico do Criador. Esta foi a vitória de Jesus sobre a morte. Ele morre sem ter experimentado essencialmente a morte como corrupção, mas somente como sacrifício de amor do seu corpo na cruz. Neste momento, a morte por corrupção cede lugar para a Vida que vai ao encontro dos mortos.

Morre aquela morte espiritual de serem cegos para Deus, porque agora O veem, seja os vivos ou os que já tinham morrido; igualmente morre aquela morte física, uma vez sendo possível agora a ressurreição da carne como é revelado ser possível a própria ressurreição do Senhor Jesus Cristo.

Ele reconduzirá à incorruptibilidade os homens que se haviam voltado à corrupção, vivificá-los-á, tirando-os da morte. Pela apropriação de corpo humano e pela graça da ressurreição, fará desaparecer, longe deles, a morte, qual palha no fogo.⁸⁷

Portanto, todos são reconduzidos, por meio da contemplação e pedagogia do Verbo encarnado, a uma saída definitiva da corruptibilidade para uma vida incorruptível em sua presença e convivência. Sejam os vivos ou os mortos, todos são atraídos por meio da presença da Pessoa do Verbo encarnado.

⁸⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 135.

⁸⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 135.

3.5.

Racionalidade, convívio e conhecimento: constituição humana e restauração mediante à referência Verbo encarnado

Santo Atanásio apresenta três características que essencialmente revelam muito sobre a criação do ser humano enquanto imagem e semelhança do Senhor. A primeira, que é o principal, seria o convívio. Esta seria a finalidade fundante que levou o ser humano ser criado como foi. Percebe-se que o Verbo criou o homem para que pudesse ter capacidade para estabelecer uma relação de diálogo com ele. Um relacionamento a ser construído pelo fato de compartilharem a imagem e semelhança cada um a seu modo, criador e criatura. “É desde o começo de sua existência que o homem é convidado a dialogar com Deus”.⁸⁸

Sendo a vontade do Verbo, não teria razão alguma criar o ser humano semelhante aos outros seres sem razão que, por sua vez, glorifica o Criador por meio de sua existência e revela a benevolência de Deus simplesmente existindo.⁸⁹ Desta maneira, para tal fim, de relacionamento com a criatura, o Verbo criador constituiu o ápice de sua criação como um ser pensante: “de que valia terem sido criados, se desconhecessem o Criador?”.⁹⁰

Este argumento, acerca do convívio, evidencia a segunda característica essencial da criação do ser humano em que, inevitavelmente, o gênero humano teve que ser constituído com a capacidade da razão. Sendo um ser racional, torna-se totalmente aberto à possibilidade de conviver com Deus. De qualquer forma, não faria sentido criar a humanidade com razão sem que o objetivo fosse o relacionamento com o Criador. Igualmente a possibilidade do relacionamento, torna-se impossível sem a capacidade da inteligência.

Nesta perspectiva, é de se convir que as interações intelectivas constituem e acumulam, naturalmente, conhecimento. Este conhecer pode ter origem nas coisas externas ao próprio ser humano como também em tantas outras coisas internas que remetem aos sentimentos, emoções e desejos. Sendo assim, no terceiro argumento de Atanásio, é percebido que a humanidade foi criada para o relacionamento e, por conta disso, é dotada de razão que a leva ser uma acumuladora de conhecimento de

⁸⁸ GS 19.

⁸⁹ *Laudato Si* (LS) 85.

⁹⁰ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 139.

si mesmo, das coisas criadas e sobretudo de Deus, ou seja, o homem e a mulher são capazes de Deus.⁹¹

À medida que o Verbo vai tecendo o ser humano no ato da criação, Ele revela o desígnio de o porquê tê-lo criado desta maneira. Racionais para conviver com Deus, com os iguais e com a criação, conseqüentemente, convivendo nas distintas realidades e interações, são acumuladores de conhecimento. Uma criação humana aberta ao conhecimento das coisas efêmeras, mas também totalmente aberto ao conhecimento do Senhor. Uma capacidade às coisas mais sublimes do sobrenatural, além do material e dos instintos, às coisas eternas que toca a transcendência de Deus. Desta forma, torna-se totalmente possível constituir um relacionamento com Deus de contemplação, outro com os semelhantes de fraternidade e também com o cosmos na harmonia.

Quando Deus, dominador do universo, por meio do Verbo criou o gênero humano, considerou a fraqueza de sua natureza, incapaz de conhecer por si mesmo o Criador, e até de ter de Deus o mínimo conceito. [...] é muito grande a incapacidade da parte das criaturas de compreender e conhecer o Criador. [...] Por isso, a fim de evitar que tal acontecesse, em sua bondade, fê-los partícipes de sua própria imagem, nosso Senhor Jesus Cristo e criou-os à sua imagem e semelhança.⁹²

Por conseguinte, sendo da mesma imagem da Trindade,⁹³ dotado das possibilidades de saber, conviver e conhecer, tudo estava proposto para que quando vissem o Verbo encarnado, pudessem vislumbrar a vontade do Pai nos céus, contemplando-O. Concomitantemente, convivendo com Ele, o gênero humano ia aprendendo a cerca d'Ele constantemente. “Desta forma, por meio de tal graça, conheceriam a imagem, isto é, o Verbo do Pai, e poderiam por ele conceber a ideia do Pai”.⁹⁴

Contudo, os seres humanos afastaram-se de Deus de tal maneira que não mais conseguiram contemplar o seu Criador. Sendo cegos para as coisas do alto, passaram enxergar apenas as coisas efêmeras. Este foi o início da perda do relacionamento com o Senhor, em que eles caíram na obscuridade e deixaram de conhecer Deus.⁹⁵

⁹¹ CEC 27.

⁹² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 139.

⁹³ Gn 1, 26.

⁹⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 139.

⁹⁵ GS 36.

Passaram enxergar somente aquilo que fosse imediato a si mesmo, inclusive seus próprios desejos. Neste exato momento, os seres humanos passaram a construir ídolos e deuses e tudo que lhe apeteçiam ao ponto de direcionar as glórias e adoração, próprias do Criador, para criaturas frutos de uma idolatria gerada na contemplação, essencialmente marcada pelos desejos e interesses. Desta maneira, o cumprimento dos desejos dos homens levou-os à ruína da idolatria em uma vida que foi construída na ausência de Deus.

Nesta realidade, de uma vida contemplativa de si mesmo e de suas paixões e desejos, nasce a impiedade que pode ser traduzida na vivência de tudo que seja crueldade, desumanidade e barbárie, ou seja, as pessoas na autocontemplação e na construção de seus deuses embrenharam-se nos caminhos da falta de compaixão, amor e harmonia entre seus semelhantes e também na relação com a natureza. Quando se perde Deus como referência de relacionamento e contemplação, nasce o desejo de suplantar mediante a impiedade tudo ao seu redor. O resultado final somente poderia ser a construção do reino da iniquidade, aquilo que seja mau, perverso e longe de qualquer tipo de justiça.

Os homens, contudo, se desviaram dos bens eternos, e por instigação do diabo voltaram-se para as coisas corruptíveis, tornando-se deste modo para si mesmos causa de morte. [...] eram por natureza corruptíveis, mas pela graça da participação do Verbo, teriam escapado desta condição natural, se tivessem permanecido bons.⁹⁶

A partir do momento que a sociedade foi sendo pautada neste parâmetro de não contemplação, convívio e conhecimento do Criador, o Senhor foi posto no esquecimento a ponto de Deus se tornar desconhecido com o passar do tempo.

Contudo, em nenhum momento o próprio Deus deixou de se manifestar de várias maneiras para alcançar o ser humano. De fato, a própria constituição da criatura como imagem e semelhança bastava para que os homens jamais perdessem o Senhor de vista, ou ainda, a própria harmonia e beleza da criação remeteriam os seres humanos para o Verbo criador.⁹⁷

No entanto, a negligência humana desceu de tal maneira aos mais vis costumes e desejos, na construção dos seus excessos, que foi constituída uma cegueira em relação ao Sagrado que suplantara a pessoa por inteiro. Note-se que os

⁹⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 129-130.

⁹⁷ CEC 41.

excessos das paixões impediram a contemplação e construiu a iniquidade entre os filhos amados de Deus.

Não obstante, o Senhor insiste em seu projeto de amor e trabalha para o seu resgate. Presenteia a humanidade com a Lei para que todos pudessem enxergar em si mesmo os excessos que construíam inimizade com o Senhor. Não sendo suficiente, o Senhor fala aos seus amados filhos por meio dos profetas. “Desta forma, se tivessem preguiça de erguer os olhos ao céu e reconhecer o Criador, recebessem ensinamentos de mestres bem próximos de si”.⁹⁸

Mesmo assim, os homens perdiam-se distantes do seu Criador, viviam na ímpia prisão de seus desejos viciados, nascidos da autocontemplação. A devassidão fez o ser humano comportar-se à semelhança dos seres irracionais. Esta era a realidade que nasceu do não convívio com o Criador: viviam sob uma sombra da ausência de Deus que eles mesmos construíram para si; sem a referência do Altíssimo, sentiam-se livres para darem vazão às vontades cada vez mais torpes.

A insanidade deles arquitetou algo semelhante ao que os demônios escolheram para si, a livre opção pela ausência de Deus, ou seja, os seres humanos e os demônios não mais conviviam com o Senhor. Porém, o Verbo não guardou silêncio perante a perdição humana.

Uma vez que os homens haviam de tal modo perdido a razão e a sedução demoníaca tudo envolvera de sombras, ocultando o conhecimento do verdadeiro Deus, que teria Deus de fazer? Guardar silêncio diante de tal situação e deixar os homens, enganados pelos demônios, ignorar a Deus?⁹⁹

Deus não criaria o ser humano para que eles se perdessem na morte da ausência e desobediência, à semelhança da perdição dos anjos decaídos.¹⁰⁰ A ausência de Deus na vida dos homens fez nascer as trevas que antes não existiam, ou seja, todas as calamidades oriundas da perdição e morte nascem da ausência do Senhor vivenciada pelos seres humanos. Portanto,

[...] o mal não vem de Deus, não está em Deus, não existiu no começo e não tem substância. Mas são os homens que, recusando pensar no bem, puseram-se a conceber e a imaginar por sua vontade o que não existe.¹⁰¹

⁹⁸ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 141.

⁹⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 142.

¹⁰⁰ Ef 2, 1-2.

¹⁰¹ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 54.

Contudo, algo precisava ser feito, pois a libertação deveria acontecer para que os seres humanos fossem resgatados da sombra da morte. Exatamente aqui a filantropia do Verbo de Deus é vislumbrada. Ele, eterno Senhor e Criador, continuaria sendo Deus com a distância de sua criação perdida e sucumbida. Porém, o Senhor não cria para a perdição, dor e sofrimento, mas para que seja possível o convívio fecundo entre o Criador e as criaturas; essa seria a vida na graça. Portanto, uma outra vez a amizade entre o Criador e a humanidade deveria ser restabelecida, e a restauração seria necessária.

Nesse contexto de misericórdia, Ele, o Verbo de Deus, vai ao encontro dos homens para proporcioná-los a libertação do mal e da morte que eles mesmos construíram, gradativamente, a partir do momento que desviaram seus olhos, coração e vida de Deus. Essencialmente os seres humanos foram criados para o convívio, se não conviviam mais com o Senhor iriam conviver com tudo ao seu redor ao ponto de acumular um vasto conhecimento fundado nas maldades. Estas situações e relações, constituídas na ausência, precisavam ser superadas.

Tal viver, na ausência do sagrado e fundada na autossuficiência humana, gestaram desejos de suplantar, usar, destruir e escravizar, ao seu mero prazer, tudo que esteja no alcance do convívio do ser humano. Neste ponto específico, nota-se o quão destruidor mostrou ser os corações mergulhados na ausência de Deus e na autossuficiência. Vícios e desejos que semearam destruição e morte sobre si mesmo e sobre a criação do Senhor.

Sendo assim, além do ser humano, toda a criação, cada um a seu modo, aguardava a regeneração no reencontro com seu Criador. Todo o cosmos esperava ser tocado por Deus neste gesto de libertação de toda espécie de maldade. Pode ser entendido com clareza que “a redenção, portanto começa na Encarnação, [...] se inaugura a plenitude dos tempos, se realiza a expectativa da vinda salvadora de Deus”.¹⁰²

A renovação, portanto, fazia-se necessária para que a pureza novamente pudesse ser encontrada essencialmente nos corações e em todas as partes. Como seria possível este renovo? Uma referência fazia-se necessária, para que pudesse ser proposto um norte de transformação. Contudo, para que os seres humanos

¹⁰² GOMES C. F., Riquezas da mensagem cristã, p. 322.

pudessem ter uma referência, para que novamente pudessem trilhar um caminho de restauração, eles precisariam ver de perto tal referência e aprender com ela como regressar ao convívio de Deus.

Certamente Deus poderia “estalar os dedos” e toda sua criação ser, instantaneamente, restaurada; no entanto, onde ficaria a liberdade dos homens e mulheres que, por natureza de sua criação, tinham total autonomia para escolherem qualquer caminho para seguirem? Havia a necessidade, portanto, de eles olharem para uma perfeita referência de tal modo que se identificam-se com ela.

Neste vislumbrar-se, com a perfeição alcançariam o profundo desejo de ser o que a referência lhes mostrasse, ou seja, iriam se identificar de tal maneira pelo simples fato de ela ser a sua própria essência que a muito foi perdida.

Percebe-se que a bem-aventurança se dará ao contrário nesta perspectiva: ao invés da pessoa ser pura e assim enxergar Deus, agora, em sua impureza, pode enxergar o Verbo encarnado e convivendo com Ele alcançar a pureza de coração e inclusive de suas atitudes. “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”,¹⁰³ se transformou agora para todos a seguinte constatação: bem-aventurados os que veem e convivem com Jesus Cristo, a perfeita referência, porque serão purificados.

Esta referência deveria estar próxima dos seres humanos, teria que ser indivisível com Deus para revelar o próprio Deus em si mesma. Concomitantemente, deveria conhecer a humanidade perfeitamente em si mesma com suas dores e alegria. Igualmente deveria saber instruir os seres humanos de volta ao Pai e, sobretudo, cabia a ela atrair, com perfeição, todos para o convívio com o Pai. Olhando para ela, os homens pudessem olhar para si mesmo ao ponto de serem atraídos à sua essência e, ao mesmo tempo, pudessem contemplar mais uma vez o próprio Pai que está no céu.¹⁰⁴ Desta maneira, este novo olhar contemplativo nortearia o comportamento no mundo ao ponto da harmonia da criação ser novamente alcançada por meio da conversão dos corações.

Essa autêntica e esplendorosa referência somente poderia ser a pessoa do Verbo criador, pois Ele é Deus, Palavra de Deus, pedagogia de Deus, poder de Deus

¹⁰³ Mt 5, 8.

¹⁰⁴ Jo 14, 9.

e Deus mesmo. Somente por meio d'Ele todas as coisas foram criadas¹⁰⁵ e, justamente por meio d'Ele, todas as coisas poderiam ser restauradas, revividas e transformadas em sua absoluta essência.

A presença da própria imagem de Deus poderia restaurar a imagem dos seres humanos que estava ferida de morte. O comportamento de Deus encarnado seria oportunidade para transformar os comportamentos dos seres humanos. “Por isso, o Verbo de Deus veio ele próprio, a fim de que, sendo a imagem do Pai, possa recriar o homem segundo a imagem”.¹⁰⁶

Esta filantropia de amor somente poderia ser levada a cabo pelas mesmas mãos de quem criou todo o universo, somente Ele que criou, sendo Sabedoria de Deus, poderia renovar sua própria criação de amor sendo agora encarnação. Ele, Jesus Cristo Verbo, veio para em si mesmo fazer nova todas as criaturas,¹⁰⁷ tudo foi recapitulado,¹⁰⁸ n'Ele, por Ele e com Ele. Este foi o desígnio salvífico de Deus, um verdadeiro mistério de sua vontade no qual todas as criaturas, provindas de suas mãos, pudessem ser recapituladas na pessoa do Verbo encarnado. Absolutamente todas as coisas, celestes e terrestres.¹⁰⁹

3.6.

Jesus, graça santificante do Pai que proporciona revelação e salvação

O resgate do gênero humano, inevitavelmente, deveria passar pela destruição da corrupção. Uma vez destruindo tudo aquilo que corrompe o ser humano, ou seja, tudo aquilo que o faz deixar de ser o que ele é por meio de suas próprias atitudes e pensamentos, a degradação seria vencida. Consequentemente, pode-se concluir que a morte é fruto exatamente deste momento de corrupção, quando o ser humano deixa de ser o que ele é por natureza.

Ele deixa de ser uma criatura voltada para o Criador e não somente isso: consequentemente vai sendo corrompido ao ponto de experimentar a morte nas suas diversas dimensões relacionais. A morte espiritual, aquela do relacionamento com o sagrado; concomitantemente, a morte da fraternidade com os irmãos, que é a lamentável consequência devido à autocontemplação; por fim, sucumbe também a

¹⁰⁵ Jo 1, 3.

¹⁰⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 143.

¹⁰⁷ II Cor 5, 17-19.

¹⁰⁸ Ef 1, 9-10.

¹⁰⁹ JOÃO PAULO II, Audiência Geral, 1.

harmonia do relacionamento com toda a criação. Todos os relacionamentos que o ser humano exerce na corrupção gera morte pelo fato de serem construídos com apenas uma finalidade, dar vazão às suas necessidades de suprir o vazio constituído pela ausência do relacionamento com o Senhor.

Uma vez que antes nada eram por natureza, e a presença e a filantropia do Verbo os chamou ao ser, consequentemente, alheios ao pensamento de Deus, e voltados para o nada (pois o mal é não-ser, e o bem é ser, saído das mãos de Deus, que é), os homens foram privados do ser, que seria eterno. Isto é o que significa, dissolvido o composto humano, permanecer na morte e na corrupção.¹¹⁰

Este rompimento com a vida, no seu sentido mais amplo possível, significa deixar de ser uma criatura unida a Deus, capaz de conhecer o Senhor, de ter fraternidade com os semelhantes e participar da harmonia com o cosmos; gesta, portanto, perdição nos corações. Aqui se pode vislumbrar também o que seria o pecado, a consequência direta deste mesmo rompimento com o Sagrado, desta inimizade com o Criador,¹¹¹ ao ponto de o ser humano ser desfigurado em sua imagem para viver na maldade em todas as suas relações.

Corromper-se desta maneira resulta na geração do pecado nas atitudes e pensamentos.¹¹² O viver no pecado proporciona a morte da pessoa, seja espiritualmente ou também a morte física que se torna possível por meio dos distúrbios destrutivos nas relações.¹¹³ Desta maneira, a calamidade relacional estava instaurada nas relações humanas de forma que todos necessitavam de uma graça que santificasse as relações.

Esta tão necessária graça seria a manifestação gratuita por parte de Deus, mesmo que o ser humano não merecesse esta benevolência. Esta ação gratuita divina não seria meramente um sinal, mas a graça aqui pode ser entendida como o que é essencial para a salvação humana, ou seja, a própria encarnação do Senhor. A presença do Verbo, que outrora foi rechaçada, mas na reaproximação, pode levar ao rompimento deste círculo vicioso de morte que constrói mortes. Esta é a ação da graça, o desejo e a atitude do Senhor de ir ao encontro do ser humano que caminhava na corrupção.

¹¹⁰ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 129.

¹¹¹ TRESE L., A fé explicada, p. 59.

¹¹² CEC 1849.

¹¹³ Rm 6, 23.

Portanto, a graça se traduz na constituição de uma autêntica referência que é a pessoa do Verbo que agora se encarna. Caminho novo apresentado a todos para que a corrupção não tornasse único percurso a ser seguido. O Verbo dá opção de uma possível vida sem corrupção, conseqüentemente sem morte. Como se daria isso? Por meio da união reestabelecida com o sagrado. Nesta possibilidade de retornar ao Senhor contemplando-O, a destruição das atitudes ruins e pecaminosas, oriundas da corrupção geradora de morte, seria possível.

O Verbo, sendo Deus mesmo, até por que Ele não poderia deixar de ser o que é,¹¹⁴ torna-se o Mestre que ensina os caminhos de uma vida santa, sem corrupção, ou seja, por meio do convívio Ele educa os seres humanos a serem o que eles devem ser, incorruptíveis. Este é o fruto do encontro do ser humano fadado à morte com a Referência de vida eterna, Verbo encarnado. A Graça do Pai educa a todos a viverem em estado de graça nesta vida e por todo o sempre. Afinal de contas, Ele é o Caminho novo oferecido a todos. Também Ele é a Verdade que liberta dos enganos das paixões. Por fim, Ele é a Vida nova que tantos necessitam.¹¹⁵

Jesus vence a corrupção e a morte na vida das pessoas quando seus ensinamentos gratuitos tocam os seres humanos. Contemplando Jesus, presença real encarnada, retornam todos à graça e também se contempla, automaticamente, o Pai que está no céu.¹¹⁶ Este novo contexto relacional com Deus pode, de uma maneira muito simples, levar à compreensão de o porquê que o Senhor quis conviver com seus discípulos naquele período de sua vida pública. Ele, Referência e Verbo encarnado, dava início ao grande projeto divino de regeneração.

Convivendo com Ele, aprendiam conviver com Deus. Vivendo a fraternidade com Ele aprendiam novamente construir fraternidade com os semelhantes. Sua presença construía, mais uma vez, a harmonia em toda a criação. Todos iam aprendendo, observando-O, como ser uma pessoa semelhante ao próprio Deus sem as mazelas da corrupção. Esta transformação das vontades humanas, conformando-as com a vontade do Pai por meio de Jesus, foi um dom e graça que proporciona a santificação.

¹¹⁴ FORTE B., Teologia da história, p. 115.

¹¹⁵ Jo 14, 6.

¹¹⁶ Jo 14, 9.

A pessoa de Jesus vence, por meio dos seus ensinamentos, as atitudes que geram morte na vida daqueles que vão O encontrando, que convivem com Ele e que aprendem de suas palavras e atitudes salvíficas: “seu ensinamento invade o universo todo com o conhecimento do Filho e do Pai; comunica aos homens um ensinamento que eles são convidados a aceitar na fé”.¹¹⁷ Ele, criador do gênero humano, regenera as pessoas que estavam caminhando na perdição e que agora caminham junto d’Ele. Ele que, com sua presença criou, agora com sua presença restaura a criação provinda de suas próprias mãos e que estava há muito se perdendo. A humanidade tem a oportunidade de renascer quando vê, ouve e convive com o próprio Deus.¹¹⁸

De igual modo, o Filho Santíssimo do Pai, Imagem do Pai, veio a terra a fim de renovar o homem que fora feito de conformidade com ele, e a fim de recuperar o que estava perdido, perdendo-lhe os pecados, conforme diz ele próprio nos evangelhos: “Vim procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10). Também declarou aos judeus: “Quem não renascer...” (Jo 19, 10). Não aludia ao nascimento de mulher, como supunham os judeus, mas ao renascimento e restauração da alma segundo a Imagem.¹¹⁹

Esplêndido é a presença libertadora da pessoa de Jesus que restaura a imagem da criatura em sua Imagem de Criador. “Cristo Redentor [...] revela plenamente o homem ao próprio homem. [...] Nesta dimensão o homem reencontra a grandeza, a dignidade e o valor próprios da sua humanidade. [...] Ele é novamente criado!”.¹²⁰ Desta maneira, tão importante quanto os ensinamentos do Senhor é sua presença real que se torna graça santificante para todos os corações. Sua presença seria a essência da ação salvífica dada a todos que queiram, presença visível e eficaz da graça de Deus.

Consequentemente sua presença proporciona o perdão dos pecados a todos aqueles que vão encontrando o Verbo e, convivendo com Ele, têm a chance de se arrependem livremente dos pecados para renascerem. A vida velha é perdoada para nascer um homem novo que face a face enxerga seu Criador. Somente a Pessoa de Jesus poderia perdoar os pecados de morte porque somente Ele é o Homem perfeito,¹²¹ Autor da vida, que ensinaria os homens o caminho da perfeição. Aqueles

¹¹⁷ LATOURELLE R. S. J., Teologia da revelação, p. 135.

¹¹⁸ Jo 3, 5.

¹¹⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 143.

¹²⁰ *Redemptor Hominis* (RH), 10.

¹²¹ GS 38.

tantos pecados que não permitiam que as pessoas pudessem ser o que elas deveriam ser, imagem e semelhança do Criador, seriam superados.

Este encontro salvífico tornou-se possível a partir do momento em que os pecadores se sentissem atraídos com a presença do Criador. Essa atração se dava porque quando viam o Verbo encarnado se identificavam com Ele. Esta é a libertação do homem, quando “[...] ele se encontra verdadeiramente diante do Filho do Homem, e O reconhece como Cabeça, Primogênito e Redentor; e a si mesmo se reconhece membro, irmão e redimido – pecador redimido [...]”.¹²² A pessoa de Jesus, sacramento de salvação, é o encontro da graça de Deus com o gênero humano capaz até de introduzir os homens na família de Deus.

Uma vez atraídos pelo próprio Deus, iriam percebendo o quanto estavam distantes do que realmente deveriam ser, o quanto estavam separados do amor verdadeiro e mais perfeito. Olhando para Jesus, conseguiam olhar para dentro de si mesmo, sobretudo para suas atitudes. Percebendo o quão perdidos estavam, eles contemplavam Jesus e arrependiam-se de terem trocado o Verbo eterno por tantos sentimentos apaixonados. Trocavam o Tudo por nada e ao nada retornavam. Agora do nada da perdição têm a oportunidade de renascerem: para Tudo terem eternamente. De coração contrito e arrependido, o perdão era dado na gratuidade da presença de Jesus quando o Senhor os acolhia para trilharem novos caminhos com novas atitudes. Uma vida nova era possível acolhendo o convite do Mestre “[...] vem e segue-me!”.¹²³

Portanto, a encarnação do Verbo fazia-se necessária para a salvação do mundo, pois “[...] a transgressão atraiu a filantropia do Verbo”.¹²⁴ Tal resgate não poderia ser obra de mãos humanas, uma vez estando eles próprios seduzidos pelos encantos das paixões. Este papel salvífico não pertencia à criação. Por mais que o cosmos revelasse sua grandiosidade, perfeição e harmonia, não foi suficiente para impedir que os homens se perdessem, muito pelo contrário, a criação estava sendo vítima da destruição das mãos vis e viciadas das pessoas. Esta regeneração somente poderia ser possível por meio da graça santificante de estar na presença de Jesus.

¹²² “[...] se encuentra de verdad frente al Hijo del hombre, y lo cree Cabeza y Primogénito y Redentor, y a sí mismo se reconoce miembro y hermano y redimido – pecador redimido [...]”. CABODEVILLA J. M., *Cristo vivo*, p. 57: (Tradução nossa).

¹²³ Mt 19, 21b.

¹²⁴ ATANÁSIO, *A encarnação do Verbo*, p. 128.

Junto à pessoa de Jesus Cristo, todos aqueles que olhavam para o Mestre de Nazaré tinham a oportunidade de se enxergarem n'Ele e, se vendo no Verbo encarnado, poderiam perceber o quanto de maldade praticavam em suas vidas e nas vidas alheias. Contudo, o convite do Mestre para segui-Lo sempre será uma sugestão salvífica e jamais uma imposição. A liberdade humana jamais poderia ser suprimida para não ser transformada em escravidão, mesmo sendo oportunidade de salvação.

Certamente muitos obstinaram-se de tal maneira na maldade¹²⁵ que, mesmo vendo o Senhor, persistiram na cegueira espiritual.¹²⁶ Portanto, houve tantos que não fizeram opção pelo Messias ao ponto de esta graça de amor eterno, da encarnação do Verbo, passar despercebida ou negligenciada. No entanto, muitos viam o Senhor e alcançaram a pureza de coração que outrora haviam perdido. “Um bom mestre cuida dos discípulos, [...] ele os instrui, em sua condescendência, por meio de ensinamentos”.¹²⁷

A partir do momento que eles viam as atitudes da pessoa de Jesus, mudavam as suas próprias atitudes. Vendo o seu amor, aprendiam amar novamente, vendo o seu poder conseguiam ser fortes para renunciar as tentações. Há de se perceber que somente a presença d'Ele é suficiente para que todos pudessem ser curados de tal modo que a corrupção desaparecesse, conseqüentemente a morte, se assim eles escolhessem o Mestre como Senhor e Salvador.

O Verbo de Deus, amigo dos homens e Salvador comum de todos, assumiu corpo e viveu como homem no meio dos homens, atraindo a si todos os sentidos, a fim de que os que incluíam a Deus entre os seres corporais, através das obras que o Senhor realizou corporalmente, conhecessem a verdade e por intermédio dele pensassem no Pai.¹²⁸

O próprio conceito de morte é transformado, não seria aquele fruto da corrupção neles mesmos, mas agora, na presença de Jesus, a morte é morrer para si mesmo, para suas vontades infames e apaixonadas para que se possa ter vida eterna em Cristo.¹²⁹ Isso Ele ensinou quando, por livre vontade de amor, sai de sua glória eterna e se dispõe a encontrar o gênero humano em sua miséria. Agora, todos podem

¹²⁵ Mc 3, 5.

¹²⁶ I Cor 4, 4.

¹²⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 145.

¹²⁸ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 145.

¹²⁹ Mc 8, 34-35.

se dispor saindo das misérias livremente para enxergá-Lo eternamente na contemplação e no convívio.

A Carta aos Gálatas mostra essa opção pela morte como caminho condicionante para viver em Cristo, “Pois os que são de Jesus Cristo crucificaram a carne, com as paixões e concupiscências”.¹³⁰ Morte que não é mais consequência da distância com Deus, mas fruto do negar em si mesmo a própria corrupção. Se a distância gerava morte, agora a intimidade com o Verbo encarnado gera também a “morte”, mas esta proporciona o nascimento para a vida na graça, dado que a primeira gerava perdição eterna.

Na prática como se daria esse perceber Jesus como o Libertador da morte eterna e da perdição? Quando observando suas práticas cotidianas percebe-se que, além de seus ensinamentos,¹³¹ Ele fazia coisas dignas de Deus. O Criador e sustentador do universo,¹³² domina a criação e a força da natureza de tal maneira que o poder do cosmos se silencia perante o Verbo de Deus, “Levantou-se ele e ordenou aos ventos e à fúria da água que se calassem”.¹³³ Igualmente nota-se também quando Ele ordena que as forças demoníacas se retirem, tais legiões não têm alternativa a não ser obedecer a Deus mesmo: “Cala-te e sai deste homem.”¹³⁴ Sua majestade é testemunhada igualmente quando faz mortos ressuscitarem, “*Talítha kum*”,¹³⁵ “Lázaro, vem para fora!”.¹³⁶ Convivendo com Ele, percebia-se que é Deus e que seu poder se estende por toda a criação, nas alturas, nas profundidades e por todo o universo.

Uma vez que o espírito dos homens havia caído no domínio do sensível, o Verbo se abaixou até se tornar corporalmente visível, a fim de atrair a si os homens enquanto homem e fazer com que a sensibilidade humana se inclinasse para ele; de então em diante, vê-lo-iam como homem, e suas obras os persuadiriam de que ele não é apenas homem, mas Deus, Verbo, Sabedoria do Deus verdadeiro.¹³⁷

Portanto, é perceptivo que o Verbo demonstra sua filantropia de duas maneiras, tais como: a primeira, quando proporciona um caminho novo de tal forma que a morte é vencida por meio da renovação das atitudes, pedagogia salvífica;

¹³⁰ Gl 5, 24.

¹³¹ Mt 7, 29.

¹³² CEC 301.

¹³³ Lc 8, 24b.

¹³⁴ Lc 4, 35.

¹³⁵ Mc 5, 41.

¹³⁶ Lc 11, 43b.

¹³⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 146.

segundo, quando Ele se dá a conhecer, revelando-Se por meio de sua encarnação, contemplação salvífica. Desta maneira, a salvação e a revelação são os frutos imediatos da encarnação de Jesus Cristo Nosso Senhor, que é sacramento salvífico da graça de Deus Pai.

3.7.

Corpo do Senhor, caminho real de remissão do gênero humano

A encarnação do Verbo, Pessoa divina de Jesus com duas naturezas, divina e humana,¹³⁸ tornou-se presença libertadora para todos os seres humanos, onde o próprio corpo “humano (do Senhor), qual instrumento para manifestar a verdade, e revelar o Pai”,¹³⁹ é lugar de salvação e N’Ele foi possível encontrar e conviver com Deus. Portanto, o corpo de Jesus Cristo é lugar de salvação e oportunidade de encontro com o poder divino em sua misericórdia salvífica.

Nele reconhecendo o poder divino, os homens podem fazer uma ideia do poder do Pai, pois tudo o que está no Cristo está no Pai, sendo o Cristo sua perfeita imagem, sua “impressão” exata, que possui com o Pai o Poder, a Sabedoria, a Eternidade. Atanásio afirma com Orígenes: “O Verbo... fez-se visível em seu corpo para fazermos uma ideia de seu Pai invisível”.¹⁴⁰

Encontrar Jesus é encontrar o Pai, concomitantemente, encontrá-Lo é também encontrar o mais profundo da essência humana. Ele é semelhante aos homens na encarnação, e os seres humanos em tudo são convidados a serem semelhantes a Ele.¹⁴¹ Porém, Ele se assemelha ao gênero humano exceto no pecado.¹⁴² Obviamente, entende-se que, como vimos, sendo o pecado gerador de morte que nada mais é que deixar de ser à semelhança do Criador, Ele sendo o Criador como ação do Pai enquanto era Sabedoria, nunca poderia deixar de ser Deus mesmo encarnado e que agora exterior ao Pai nunca deixou de ser Um com Ele.¹⁴³

Consequentemente, mesmo encarnado jamais experimentaria o pecado em seu corpo, ações e pensamentos, ou seja, a separação com o Pai é impossível porque Ele revela o Pai em si mesmo. Portanto, quando os seres humanos olham para Jesus

¹³⁸ GOMES C. F., Riquezas da mensagem cristã, p. 314-315.

¹³⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 183.

¹⁴⁰ LATOURELLE R. S. J., Teologia da revelação, p. 134.

¹⁴¹ 1 Jo 2, 3.

¹⁴² GS 22.

¹⁴³ Jo 10, 30.

encontram n'Ele a sua mais perfeita essência de ser criatura racional e contemplativa.

Exatamente aqui, observa-se a grande mudança na contemplação dos seres humanos: se antes abandonaram a contemplação de Deus e passaram a contemplar o que estava mais próximo de si mesmo, seus corpos e desejos, agora todos têm uma oportunidade de abandonar a contemplação viciada de seus próprios corpos para contemplar um outro corpo, o do próprio Senhor da vida.

Homens como são, poderiam por meio de um corpo igual ao seu e pelas obras divinas corporalmente realizadas, conhecer mais rapidamente e mais de perto o Pai do Verbo, pela reflexão de não serem humanas e sim divinas, as obras realizadas.¹⁴⁴

Desta maneira, contemplando o corpo do Senhor em seus gestos e palavras, até porque os homens estavam habituados à contemplação dos corpos, mas agora no corpo encarnado do Verbo eles contemplam a sua própria salvação.

Ora, o que está mais próximo, é o corpo e seus sentidos: assim desviaram o seu espírito dos inteligíveis e se olharam para se considerarem eles próprios. Considerando-se a si próprios, apegando-se aos seus corpos e às outras coisas sensíveis, e enganando-se, por assim dizer, na sua própria causa, chegaram a se desejar a si próprios, preferindo seu próprio bem à contemplação das realidades divinas.¹⁴⁵

Consequentemente, as pessoas são convidadas a se assemelharem n'Ele como era essencialmente no princípio. A Graça encarnada com seu corpo, gestos e palavras, ensina a todos como conseguir, unindo-se ao Pai. Ele, sendo um com o Pai proporciona a todos que O enxergam, ao ponto de conviverem com Ele, sejam tocados por este convite à mudança, ou seja, seu Corpo torna-se lugar de encontro entre o Pai e os seres humanos para que possam ser redimidos e renascidos para entrarem para a família de Deus.¹⁴⁶

Essencialmente, constata-se que não é somente retornar à intimidade de onde jamais deveriam ter saído, mas também para entrarem para a família de Deus. Portanto, assumir a carne humana tem seu propósito específico além da regeneração, como nos afirma Santo Irineu: “Este é o motivo pelo qual o Verbo de Deus se fez homem e o Filho de Deus Filho do homem: para que o homem, unindo-

¹⁴⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 184.

¹⁴⁵ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 49.

¹⁴⁶ CEC 460.

se ao Verbo de Deus e recebendo assim a adoção, se tornasse filho de Deus”.¹⁴⁷ Concomitantemente, a regeneração leva à filiação divina, proporcionada no encontro entre o homem e Deus que se realiza na encarnação do Verbo, no corpo do Senhor.

Portanto, o corpo do Senhor é encontro real e salvífico, jamais ilusório ou representativo de forma que fosse considerado humano demais ou fantasmagórico. Nos evangelhos, pode ser percebido com muita clareza que o Senhor comia, bebia, cansava-se e sofria, ao mesmo tempo tinha em si gestos divinos de milagres reais.

Nestes parâmetros, a pedagogia do Senhor revela que Ele se dignou a esta vida simples e comum para mostrar que todos poderiam, na sua simplicidade, trilhar um caminho novo de restauração e de intimidade. Ele se permite ser visto, tocado e encontrado em sua vida vivida em seu corpo; conseqüentemente, a Vida vivida na carne é oportunidade para que a regeneração pudesse acontecer na vida de todos. Contudo, mesmo tão acessível, esvaziado de sua glória e visivelmente tão simples Ele continuava sendo o Criador do universo e seu sustentador.

Ele vivendo a natureza humana em sua Pessoa, com as intempéries e dificuldades comuns de um ser humano, em momento algum significou que estava encerrado em uma condição limitadora devido a encarnação. Mesmo na *kenosis* reveladora, Ele continuou sendo Deus infinito, poderoso e eterno. Jamais poderia ser possível o Eterno ser contido na efemeridade da carne humana. Ele estava ali, mas não como um cativo, porque em momento algum Ele deixou de sustentar a criação em seu Ser e jamais cessou sua providência divina no universo.

Maior maravilha é que, sendo o Verbo, não era contido por um ser qualquer; ou melhor, ele próprio continha a todos. Desta forma, presente em toda a criação, por essência acha-se fora de tudo, mas em tudo está por seu poder. Estabelece a ordem em todas as coisas, estendendo a tudo e por tudo sua providência. Vivifica simultaneamente a cada um e a todos. Contém o universo e por ele não é contido. Somente no Pai, está todo inteiro e sob todos os pontos de vista.¹⁴⁸

Desta maneira, pode-se crer que na encarnação do Verbo em hipótese alguma foi uma diminuição de quem era o Verbo de Deus. Seu corpo era dominado por Ele, não como uma “casca”, mas como sua natureza. Uma Pessoa com duas naturezas, único, eterno, agora visível, que poderia ser tocado e abraçado. Ele mesmo tendo

¹⁴⁷ IRINEU DE LIÃO, *Contra as heresias*, p. 157.

¹⁴⁸ ATANÁSIO, *A encarnação do Verbo*, p. 148.

um corpo, simultaneamente estava em todo universo sustentando a criação, nada o continha e muito menos dominava e apenas no Pai repousava. Especificamente neste traço da cristologia de Atanásio, exime-se a ideia empobrecida de Jesus tão humano ao ponto de quase cair no esquecimento da sua Pessoa divina, que cria, sustenta e está em todos os lugares.

A teologia de Atanásio, ao afirmar a presença real de Deus em um corpo, confronta de maneira decisiva diversas heresias cristológicas. Destaca-se a encarnação do Verbo que, em seu corpo, tona-se espaço teológico de contemplação, pedagogia, encontro e remissão. Tal compreensão refuta a concepção de um Jesus meramente fantasmagórico, como propõe a heresia docetista.¹⁴⁹

Afinal, como sustentar tal hipótese diante dos testemunhos que afirmam que Ele comia,¹⁵⁰ bebia,¹⁵¹ sofria,¹⁵² foi crucificado,¹⁵³ teve seu corpo sepultado,¹⁵⁴ ressuscitou¹⁵⁵ e foi tocado por Tomé em suas feridas?¹⁵⁶ Para os docetistas, no entanto, Cristo não possuía um corpo real, mas apenas um corpo astral, visto que “a matéria [seria] má em si mesma, incapaz e desnecessária para a salvação”.¹⁵⁷ Tal visão se mostra não apenas incompatível com os dados bíblicos, mas, sobretudo, inconciliável com a teologia atanasiana, que reconhece no Corpo do Senhor um lugar real e efetivo de encontro salvífico.

Outra heresia que pode ser refutada pela teologia de Santo Atanásio é o subordinacionismo.¹⁵⁸ Atanásio afirma que Jesus, sendo o Verbo criador – que, ao contemplar o Pai como Sabedoria, criou do nada tudo o que existe – é também o

¹⁴⁹ O docetismo surgiu no final do século I, associado a grupos gnósticos e a autores como Cerinto e Marcião de Sinope. Sua principal ideia é que Jesus não tinha um corpo humano real, mas apenas parecia ser humano, pois a matéria seria má e incompatível com a divindade. Essa heresia nega a encarnação, paixão e morte real de Cristo, e foi combatida por Santo Inácio de Antioquia, Santo Irineu e pelos concílios de Niceia e Calcedônia.

¹⁵⁰ Lc 24, 43.

¹⁵¹ Mt 11, 19.

¹⁵² Lc 22, 44.

¹⁵³ Mc 15, 25.

¹⁵⁴ Mt 27, 59-60.

¹⁵⁵ Lc 24, 6.

¹⁵⁶ Jo 20, 27.

¹⁵⁷ FRANGIOTTI R., História das heresias [séculos I-VII], p. 27.

¹⁵⁸ Esta heresia surgiu no século III, com influência de Orígenes de Alexandria que, embora não fosse herege em sentido pleno, influenciou a ideia de que o Filho era inferior ao Pai em natureza ou dignidade. No final do século IV foi defendido por Ário, que afirmava que o Filho era inferior ao Pai.

único que, por ter participado da criação, pode regenerar a pessoa humana, restaurando-a à sua origem como imagem e semelhança de Deus.

E ainda mais, mesmo estando encarnado, Cristo sustenta providencialmente toda a criação, pois contém todas as coisas sem jamais ser contido, já que é verdadeiro Deus. Essa doutrina é confirmada pelo Concílio de Niceia, que proclamou a pré-existência do Filho e sua igualdade com o Pai – pontos que contradizem diretamente a heresia subordinacionista, a qual “afirma que só o Pai é, rigorosamente, Deus. Enquanto Verbo-Logos, submerso no tempo e na matéria, na qualidade de Filho, o Cristo é um ‘deus subordinado’ ao Pai, um ‘segundo deus’”.¹⁵⁹

Tal visão também se opõe frontalmente às palavras do próprio Cristo: “Eu e o Pai somos um”,¹⁶⁰ e ainda: “Aquele que me viu, viu também o Pai”.¹⁶¹ Consequentemente, essa heresia nega a base da teologia atanasiana, que sustenta que somente o Verbo podia regenerar o ser humano, pois foi Ele mesmo quem o criou desde o princípio.

Outra heresia semelhante e igualmente incompatível com a teologia cristológica de Atanásio foi o arianismo. Esta gerou imensos embates, sobretudo no concílio de Niceia, onde o Padre teve importante contribuição, arguindo essencialmente em favor do Verbo criador, que alguns queriam qualificar como criatura.¹⁶² Para Ário, Jesus não era eterno e nem consubstancial ao Pai. Ele fazia a seguinte defesa:

Para criar o mundo, o Deus supremo criou antes um ser intermediário para servir de instrumento da criação. Este ser intermediário é o Logos. O Logos é superior e anterior a todas as criaturas, a mais excelente de todas, acima de todo o criado, mas não é igual a Deus.¹⁶³

Essencialmente, diverso dos ensinamentos de santo Atanásio, que entendia o Verbo como Deus mesmo e, por isso, seus argumentos contribuíram muito para o concílio.¹⁶⁴ Para Atanásio,

[...] o Verbo na encarnação demonstra sua filantropia: de uma, fazia desaparecer a morte e nos renovava, e de outra, absolutamente invisível como é, manifestava-se pelas obras e dava-se a conhecer como o Verbo do Pai, chefe e rei do universo.¹⁶⁵

¹⁵⁹ FRANGIOTTI R., História das heresias [séculos I-VII], p. 75.

¹⁶⁰ Jo 10, 30.

¹⁶¹ Jo 14, 9b.

¹⁶² FORBES F. A. M., Santo Atanásio contra o mundo, p. 25.

¹⁶³ FRANGIOTTI R., História das heresias [séculos I-VII], p. 87.

¹⁶⁴ LIÉBAERT J., Os Padres da Igreja [séculos I-IV], p. 142.

¹⁶⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 147.

Ora, como o Verbo seria chefe e rei do universo se Ele Deus não fosse? Ou ainda, como Ele faria desaparecer a morte se Ele mesmo não fosse a própria Vida eterna? Portanto, o Verbo encarnado é Deus.

A heresia ariana não apenas vai de encontro à encarnação do Verbo como Deus mesmo, “Emanuel”,¹⁶⁶ mas, sobretudo, destrói toda a teologia trinitária. Quando Atanásio se posiciona contra o arianismo, ele o faz devidamente por causa da divindade do Verbo e da sua compressão já clara da Trindade.

A divindade de Cristo é a pedra angular que sustenta os dois principais mistérios da fé cristã, a Trindade e a Encarnação. São como duas portas que se abrem e se fecham juntas. Descartada essa pedra, todo o edifício da fé cristã desmorona sobre si mesmo: se o Filho não é Deus, de quem está formada a Trindade? Santo Atanásio tinha-o denunciado claramente, escrevendo contra os arianos: “Se o Verbo não existe junto com o Pai desde toda a eternidade, então não existe uma Trindade eterna, mas primeiro houve a unidade e depois, com o passar do tempo, por acréscimo, começou a ser Trindade”.¹⁶⁷

A teologia atanasiana torna-se, portanto, um importante viés de ortodoxia apostólica,¹⁶⁸ que resulta em seus ensinamentos cristológicos, perdurados até hoje como oportunidade de conhecer um pouco mais sobre a filantropia do Verbo, seu caráter salvífico e de revelação, que toca cada fiel, permitindo a este uma vez mais contemplar Deus mesmo na pessoa de Jesus Cristo.

N’Ele, foi constituído lugar de encontro, alvo para ser contemplado, espelho para conhecer-se a si mesmo, pedagogia para instruir a regeneração, caminho para ser percorrido, amizade para eximir a solidão e esperança para que todos possam sair dos rastejos corruptos e, enfim, retornar ao lugar onde nunca deveriam ter saído: aquele da intimidade com o Pai.

Tudo que envolve a pessoa de Jesus é apresentado como oportunidade de salvação: sua presença, seu olhar, suas atitudes, seus ensinamentos e os milagres. Tudo proporciona capacitação para que o ser humano saiba lidar com seus próprios sentimentos, defeitos, erros, pecados e misérias, consequentemente, com as tristezas, desesperos e desolação. Para o ser humano, o Senhor é presença libertadora em seu próprio corpo, onde a Pessoa divina resgata o gênero humano.

¹⁶⁶ Mt 1, 23.

¹⁶⁷ CANTALAMESSA R., *Nos ombros de gigantes*, p. 14.

¹⁶⁸ BENTO XVI, *Os Padres da Igreja*, p. 61.

3.8.

Por inabitação toca os sofrimentos em seus sofrimentos

Aquele que é imagem do Pai, incorruptível, imortal e pedagogo dos mistérios salvíficos foi ao encontro dos seres humanos para resgatá-los da insanidade em que viviam longe da contemplação de Deus. Ele era o único que poderia trazer incorruptibilidade para aqueles que estavam corrompidos, trazer eternidade para os que estavam fadados à morte, de restaurar a imagem destruída e refazê-la aos moldes que Ele mesmo havia criado no princípio, enquanto sabedoria do Pai.

Ele, somente Ele, poderia ensinar os caminhos para a regeneração, porque Ele mesmo é o Caminho oferecido de amor e misericórdia: “Ninguém mais era capaz de restaurar os homens segundo a imagem a não ser quem é a Imagem do Pai”.¹⁶⁹

Assim aconteceu: Ele se encarnou no seio da virgem Maria, onde se deu o início do processo salvífico, que culminou plenamente no sacrifício da cruz e na ressurreição do Cordeiro de Deus. Portanto, olhar para o mistério da cruz do Senhor faz-se também necessário. Na cruz, em dores de amor eterno, ocorre a libertação da antiga transgressão. Tal libertação na cruz toca cada ser humano, seja pela pedagogia que o gesto sacrificial significa em si mesmo e seja, concomitantemente, por meio da inabitação do Verbo em todo o gênero humano.

O mesmo amor com o qual Deus fez vir ao mundo o existir, com o qual o sustentou no correr dos séculos, por meio do qual o fará absorver no grande mistério da recapitulação final, levando a termo o íntegro curso da criação, na cruz esse amor divino chega até o sangue. Só assim, conhecendo a medida do amor de Deus até o abismo, o homem, finalmente tocado, se torna capaz de superar a separação, o isolamento, a morte na qual foi aprisionado pelo pecado.¹⁷⁰

O preço do resgate da pessoa humana a ser pago era alto demais, era o valor da própria vida. Ainda maior seria o valor deste débito, da transgressão do pecado, oriundo e somado da coletividade da humanidade. Este era o poder da morte, pois ela suplantava completamente a todos, corrompendo-os e fazendo-os escravos das paixões. Portanto, o desafio salvífico subdividia-se em três: o primeiro, a regeneração da vida humana, purificada ao ponto de ser possível um renascimento para uma vida nova. Segundo, seria a possível regeneração de todos os seres humanos presentes naquele momento histórico da encarnação do Verbo. Por fim, a

¹⁶⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 152.

¹⁷⁰ TOMMASO, W. S., A simbologia do Cristo Redentor, p. 298.

regeneração dos vivos, dos mortos e abertura da possibilidade da regeneração para os que ainda viriam a existir.

O desafio salvífico era escomunal, impossível a qualquer pessoa. No entanto, havia alguém que, estando em todos os lugares, sendo poderoso e sábio, pudesse levar a cabo esta missão salvífica do gênero humano. Apenas Ele, o Criador poderia aproximar-se de todos e, ao mesmo tempo, tocar a cada um. Se antes tocava para criar, agora toca mais uma vez para regenerar a raça humana e, com seu sangue, traz vida nova no sacrifício da cruz.¹⁷¹

O Salvador que no começo tudo fizera do nada, era o único que podia restituir a incorruptibilidade ao ser corruptível. [...] A nenhum outro competia transformar um ser mortal em imortal, senão ao que é a própria Vida, nosso Senhor Jesus Cristo. Nenhum outro podia ensinar quem era o Pai e eliminar o culto dos ídolos, senão o Verbo que estabelecera a ordem no universo, único e verdadeiro Filho unigênito do Pai.¹⁷²

Desta maneira, somente a Vida eterna, autor e origem da vida, poderia oferecer-se para que a salvação pudesse acontecer e a morte em todos fosse destruída. Uma outra vida humana não bastava, pois quem era puro suficiente se todos estavam marcados pela desobediência? Até porque, todos igualmente estavam na mesma condição criatural. Era necessário que a Vida encarnada e sacrificada pudesse mergulhar em todos os lugares de morte, ou seja, lugares de ausência para que fosse iluminada as trevas.¹⁷³ Neste contexto:

Após ter revelado sua divindade pelas obras, restava ainda oferecer o sacrifício por todos, entregando por todos à morte o templo de seu corpo, a fim de suprimir os obstáculos e libertá-los da antiga transgressão.¹⁷⁴

A morte e a escuridão, que antes não existiam, somente vieram à existência quando o ser humano as fez nascer nos lugares, onde a Vida foi negligenciada, fruto direto da falta de contemplação de Deus.¹⁷⁵ Obviamente, o gênero humano não criou ou inventou a morte e nem se quer a escuridão, apenas surgiram de suas atitudes más, solidão e autocontemplação desacerbada e viciada, ou seja, quando os homens viraram as costas para o Criador, eles mergulharam na escuridão.

¹⁷¹ Hb 9, 12.

¹⁷² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 152.

¹⁷³ Jo 8, 12.

¹⁷⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 152.

¹⁷⁵ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 54-55.

Suas vidas foram resumidas na contemplação de si mesmo. Ao passar do tempo, suas vidas tornaram-se obscurecidas, e suas atitudes egoístas gestaram as trevas. Na escuridão, longe da Luz eterna, eles experimentam a morte na ausência do Criador.¹⁷⁶ Somente a presença de Deus proporcionaria a regeneração da humanidade.

Quando a Vida encontra os seres humanos, quando toca em suas existências, quando ensina, quando caminha com eles, quando os protege e ilumina, proporciona a todos a possibilidade de sair da região da ausência das trevas e da morte para voltarem a terem vida em abundância.¹⁷⁷

Porém, era necessário que a Vida pudesse tocar todas as mortes, absolutamente todos onde quer que estivessem, para que tivessem oportunidade de contemplação mais uma vez. Quando o Senhor se entrega ao escárnio, à humilhação, às torturas, às feridas, às angústias, aos grilhões, à cruz e, sobretudo, à morte, Ele, presença e poder, toca a própria insanidade humana, a ausência, geradora de morte e trevas.

Portanto, quando o Senhor escolhe passar por tantos momentos de sofrimentos, Ele, em seu corpo, vai tocando os lugares e situações que seriam de cada ser humano. Experimenta em sua carne o que era devido a todos os homens e mulheres e, por meio da inabituação, toma para si a ausência de Deus, que dilacerava os corações e que agora rasgava no seu próprio sagrado corpo. Neste momento, a ausência de Deus, imperante na humanidade, é tomada por Ele na cruz e a sente ao ponto de, entre gemidos dizer: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”¹⁷⁸

Tudo aquilo que estava reservado a cada um dos seres humanos, Ele toma para si. O salário de morte do pecado, a porção de escárnio, a humilhação, as torturas, as feridas, angústias, os grilhões, cruz e morte, tudo foi amorosamente tirado do débito do gênero humano e tomado para Ele. Mistério de amor eterno e sacrifício salvífico. Pode-se entender que o Senhor além de se dar a conhecer ensinando a todos o caminho novo da verdade eterna do Pai, Ele oferta vida nova a todos quando toca a todos. Portanto, não é apenas contemplação que é restaurada,

¹⁷⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 129.

¹⁷⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 142-143.

¹⁷⁸ Mt 27, 46b.

mas também o toque de Deus em suas criaturas, que é a oportunidade que faltava para a regeneração.

Antes tocou quando criava do nada, agora toca com seu Corpo o nada de todos para voltarem a serem no Ser de Deus. Não é apenas um toque físico, mas também um toque nas emoções, nos sofrimentos, na inteligência, na história, nas decepções, nas vitórias, nas relações fraternas e em todas as circunstâncias onde, uma vez sabendo quem Ele é, permitem-se que Ele se aproxime e onde se faz necessário sua presença, que outrora era ausência.

Antigamente, os discípulos viveram este novo na fraternidade quando caminhavam com Ele. Os mortos experimentaram o mistério da presença quando o Senhor entrou na ausência e trevas da mansão dos mortos. Todos, de uma maneira ou de outra, eram convidados a conviver com o Criador, sejam eles os vivos ou os mortos.

Hoje, Ele continua tocando ao longo de toda a história da Igreja. Toca inúmeros discípulos e continuará tocando, por meio dos sacramentos ou pela Palavra, ou ainda pela Tradição que nada mais é que os registros de seus toques concretos na história da humanidade.¹⁷⁹ Até que Ele venha uma segunda vez, continua permitindo-se ser tocado, encontrado, adorado e amado por todos aqueles que conhecem a Verdade, e ela é libertação.¹⁸⁰

3.9.

A morte de Jesus toca os inúmeros lugares de ausência

“A morte de todos se cumpria no corpo do Senhor”,¹⁸¹ onde na pessoa de Jesus se cumpre a remissão de todo o gênero humano. Uma única morte saldava o débito das mortes de todas as pessoas. Ele pega para si os sofrimentos da humanidade,¹⁸² que nasceu quando os homens e mulheres escolheram viver na ausência de Deus. Neste momento, o Senhor toca o pecado de cada ser humano quando Ele se entrega na cruz. Como isso se daria? “Estando em seu corpo humano e dando-lhe a vida, vivificava também todos os seres. Estava em todos, e fora de

¹⁷⁹ PAPA BENTO XVI, Os Apóstolos, p. 35.

¹⁸⁰ Jo 8, 32.

¹⁸¹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 153.

¹⁸² Is 53, 4.

todos”,¹⁸³ ou seja, quando o Senhor encontra a morte e as trevas em sua cruz, automaticamente Ele toca a morte e trevas de toda a criação.

Se por um lado Ele é presença na cruz suspenso nos ares, por outro, igualmente é presença no sofrimento e nas trevas que tal sacrifício lhe implica, sofrimento este que era dos seres humanos. Ele está tocando a cruz de cada ser humano quando toca o madeiro de seu sacrifício.

Neste momento, tudo que estava em corrupção é tocado pelo incorruptível, os que estavam mortos, devido seus delitos, são tocados pela Vida de tal maneira que oferecia a eles a própria imortalidade do Verbo criador. Consequentemente, atraía para si, por estar presente em todos, as suas dores e mortes e oferecia a todos a remissão.

Por isso que, visivelmente, Ele, “Emanuel”, experimenta na cruz o abandono do Pai, não porque o Pai o havia abandonado – porque Ele é Um com o Pai –, mas porque naquele exato momento n’Ele “gritava” toda a humanidade que sentia e vivia o afastamento com o Criador e que estava sendo agora resgatada.¹⁸⁴

“A morte e a corrupção eram destruídas pelo Verbo unido a este corpo”¹⁸⁵ na cruz. Eram destruídos porque na presença do Verbo criador tudo voltava ao Ser, a vida sempre vencerá, a presença sempre será esplêndida luz que dissipa as trevas. Desta maneira, quando se contempla Jesus morto na cruz, contempla-se todas as mortes da humanidade. Ali, pode-se enxergar o fim próprio da corrupção e, ao mesmo tempo, está essencialmente contido o início de uma vida nova e eterna, pois a incorruptibilidade tocava todas as corrupções na cruz, no sepulcro e na mansão dos mortos.

“O corpo de Cristo era de substância idêntica à dos demais homens [...]. Com efeito, pela inabituação do Verbo de Deus, estava isento da corrupção”.¹⁸⁶ Sendo assim, mesmo o Senhor descendo à mansão dos mortos, seu corpo continua incorruptível no sepulcro. Pode-se entender que, por meio da inabituação e incorruptibilidade do corpo do Senhor, Ele mesmo morto sustentava seu corpo incorruptível no túmulo. Um sinal autêntico de que sua presença restauradora se faz

¹⁸³ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 148.

¹⁸⁴ Como sugestão de leitura sobre a ação salvífica de Jesus, indico o comentário de Santo Agostinho ao Salmo 85. (SANTO AGOSTINHO. Comentário aos Salmos (51-100) – Vol. 9/2. São Paulo: Paulus 1997).

¹⁸⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 153.

¹⁸⁶ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 153.

até nos túmulos que, por práxis, era lugar de corrupção e escuridão, agora torna-se lugar propício para ressurreição. Uma demonstração do tocar a todos nos túmulos dos corações. Ele, por inabituação, sendo colocado nos corações-túmulos, quando sustentava seu corpo incorruptível, trazia incorruptibilidade, onde havia morte e escuridão.

Aquele que é imortal experimenta a morte na cruz. Morte que fazia sucumbir a todos e que Ele toma para si por meio da inabituação. Sua presença em Corpo, Sangue, alma e divindade toca todas as ausências que foram vivenciadas pelos seres humanos. Ele toca os costumes torpes, e oferta em sua própria vida encarnada outros costumes salvíficos; também nos sofrimentos toca quando, em seu sofrer, oferta a cada um a esperança da cura; nas cruces, toca igualmente porque em sua Cruz, sem que ali mereça estar, Ele traz remissão das cruentas cruces alheias; nas mortes de mesma proporção, toca por meio de sua própria morte; por fim, até nos túmulos Ele toca com seu corpo santo, fazendo-se presença no lugar de ausência. “Assim, encontram-se no mesmo ser dois prodígios: a morte de todos se cumpria no corpo do Senhor, e de outro lado a morte e a corrupção eram destruídas pelo Verbo unido a este corpo”.¹⁸⁷

Portanto, o Senhor alcança a todos, por inabituação, quando permite que as agruras da vida de todos toquem seu corpo e sangue. Até na mansão dos mortos Ele se permite ser visto para que a sua presença seja oportunidade salvífica para aqueles que jaziam sem seus corpos, mas aguardavam ver novamente o Criador. Esta era a finalidade da encarnação do Verbo: proporcionar ao imortal Amor morrer amorosamente por todos que, em algum momento em suas vidas, deixaram de amá-Lo.

Quando a palavra assumisse a natureza humana e a imergisse em Sua divindade, a força divinizante seria comunicada a toda humanidade e a encarnação seria, na realidade, a redenção. [...] [Porém], a maldição do pecado, isto é, a morte, pesa sobre toda a humanidade; era uma dívida que deveria ser paga para que se pudesse dar início à restauração. Na cruz, Cristo, representante do homem, aceitou o castigo em seu próprio corpo e morreu. [...] Em outras palavras, devido à união entre Sua carne e a nossa, Sua morte e vitória foram efetivamente nossas. Assim como herdamos a morte mediante nossa afinidade com o primeiro Adão, também conquistamos a morte e herdamos a vida pela nossa afinidade com “o homem oriundo dos céus.”¹⁸⁸

¹⁸⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 153.

¹⁸⁸ KELLY J. N. D., Patrística, p. 287-289.

Desta maneira, a sentença de morte, reservada a todos, foi abolida no Amor morto na cruz. Contudo, o ressurreto vive eternamente, e na inabituação regenera suas criaturas. Se tocou todos nos sofrimentos, sua ressurreição igualmente toca a todos para alcançarem vida eterna. Para Atanásio, de agora em diante a corrupção, oriunda da força das trevas e da morte, desaparecerá pelo simples fato de a sentença condenatória ter sido suprida. Contudo, como ainda se dá a corrupção da carne atualmente? Esta corrupção se dá por um único e simples motivo, para que a ressurreição possa trazer aos seres humanos um corpo ainda melhor, à semelhança do corpo ressurreto do Senhor, sempre trilhando o caminho da semelhança com o Mestre. Não faria sentido, na glória da ressurreição, o ser humano ter um corpo diferente de Jesus após a ressurreição.

Portanto, a morte humana, após o dado momento da morte e ressurreição do Senhor, ainda existe para que haja ressurreição com um corpo glorioso para que infinitamente os homens permaneçam, plenamente, na presença do Verbo. “À guisa de sementes lançadas na terra, não perecemos na dissolução, mas somos sementes para ressuscitar, pois a morte foi abolida pela a graça do Salvador”.¹⁸⁹

A morte do Senhor na cruz foi pública, cruenta e, sobretudo, oficializada pelo Império Romano. Ele poderia morrer de outra maneira? Sim, porém, além de toda teologia da presença do Senhor que toca a todos e tudo aquilo que estava reservado ao ser humano, dor, sofrimento, ignomínia, morte e túmulo, Ele não se permitiu morrer reservadamente devido ao caráter testemunhal tão necessário à legitimação da ressurreição. Igualmente não convinha morrer por doença Aquele que curava todas as doenças, também não poderia ser passível de qualquer corrupção se o próprio Autor da vida sustentava seu corpo.

Seria, ao invés, inoportuno que o corpo houvesse adoecido e o Verbo de Deus dele se separasse à vista de todos pois, tendo curado as doenças alheias, deixaria sucumbir por moléstia o instrumento de seus milagres. Quem acreditaria ter ele sanado as enfermidades alheias, se o templo de seu corpo se debilitasse? Ou ele se exporia ao ridículo por ser incapaz de curar a doença, ou se pudesse curar e não o fizesse, seria considerado pouco humano até mesmo relativamente ao próximo.¹⁹⁰

Podemos entender também a inadmissibilidade do próprio Verbo ocasionar sua morte, incoerente a Vida gerar morte. Igualmente não convinha o Senhor fugir

¹⁸⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 154.

¹⁹⁰ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 156.

daqueles que queriam matá-Lo uma vez que quem foge são os fracos e indefesos. Ele exatamente ia ao encontro dos lugares repletos de ausência para ser presença e luz em meio às trevas. Morrer fazia parte do processo de remissão:

Tal conduta não assinalava fraqueza no Verbo, antes fazia com que fosse reconhecido como Salvador e Vida, pois ele aguardava a morte para destruí-la e apressava-se em prol da salvação de todos para consumir a morte que lhe seria infligida.¹⁹¹

Por conseguinte, o sacrifício do Senhor tem um intuito salvífico que se dá quando Ele toma para si tudo de ruim que estava reservado a todo ser humano. Somente Ele teria condição de cumprir este projeto de amor pelo fato de Ele ser Criador capaz de regenerar a imagem tão perdida pelo afastamento que os homens e mulheres construíram em relação a Deus.

Por meio da inabituação, ou seja, onipresença que sustenta a criação sem que seja contido por ela, tornou-se capaz de, no sofrimento em seu corpo, alcançar os sofrimentos de todos os corpos. Quando Ele escolhe sofrer, automaticamente toca o padecimento dos homens e mulheres; sendo Deus, atinge, por meio de seus sofrimentos, a ausência do Criador na vida humana. Assim se cumpre a regeneração, encarnação, morte e ressurreição para que todos sejam tocados, remidos e possam retornar à contemplação do Criador do universo.

3.10. Conclusão

Ele se fez homem para que fôssemos deificados; tornou-se corporalmente visível, a fim de adquirirmos uma noção do Pai invisível. Suportou ultrajes da parte dos homens, para que participemos da imortalidade. Com isso nenhum dano suportou, sendo impassível e incorruptível, o próprio Verbo e Deus. Mas, em sua própria impassibilidade guardou e preservou os homens sofrendores, em prol dos quais tudo isso suportara.¹⁹²

Para contemplar o Criador, esta foi a constituição do ser humano em sua natureza segundo os escritos de Santo Atanásio. Consequentemente, esse relacionamento com Deus proporcionaria a todos tamanha intimidade que os males sequer seriam cogitados. Hoje talvez seja esta a saída para que tantas pessoas possam abandonar o caminho da maldade para retornarem segundo a sua essência criatural de convívio com seu Senhor.

¹⁹¹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 155.

¹⁹² ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 198.

O livro “A encarnação do Verbo” é um vasto conhecimento da ontologia humana que pode, aos que lerem, redirecionar as atitudes para o bem na sociedade ordeira. Um caminho que pode proporcionar um mundo mais amável e, sobretudo, caridoso. Talvez aqui esteja a solução para tantos conflitos, atrocidades e tristezas que assolam a humanidade.

De qualquer forma, todos os seres humanos são, essencialmente, convidados ao retorno às suas origens. Tal retorno era impossível, mas com a encarnação do Verbo tornou-se inteiramente possível a regeneração. Torna-se totalmente credível a possibilidade do renascimento pessoal, conseqüentemente da sociedade, no convite ao convívio com o Verbo encarnado e ressuscitado.

Hoje, Ele se faz presente para justamente favorecer tal intimidade entre Criador e criatura. Ele se permite ser encontrado na fraternidade do corpo da Igreja, na Palavra e nos sacramentos, conseqüentemente, por excelência na Eucaristia. Vendo o Senhor por meio destas oportunidades, pode-se construir com Ele a relação de contemplação, diálogo e a intimidade familiar.

Portanto, é credível a construção de uma nova vida em sociedade a partir da conversão, ou seja, a partir do momento em que o ser humano consiga convergir suas atenções e contemplação para o Senhor de forma que seja destruído a corrupção e a morte. Tudo pode ser transformado de forma que as pessoas sejam regeneradas no renascimento, proporcionado pela presença do Verbo encarnado. Esta pode ser a esperança pujante que a teologia atanasiana pode oferecer à sociedade atual, um caminho contemplativo que proporciona a cura para que todos caminhem na presença do Senhor. Afinal de contas, o ser humano não foi criado para a dor, solidão e destruição, mas para a contemplação e convívio com seu Criador.

4

A contemplação como caminho de fé em comunidade após a ascensão

4.1.

Introdução

Santo Atanásio apresentou em seus escritos que a filantropia do Verbo, por meio da encarnação, proporcionou ao ser humano o retorno à contemplação de Deus. Desta maneira, percebe-se que para desvencilhar a vida humana das inúmeras oportunidades de corrupção, faz-se necessário ter Jesus sempre ao alcance da visão que possa proporcionar à criatura o convívio.

Este seria o parâmetro para que a maldade nos sentimentos não se transforme em oportunidade de destruição no mundo. Se por um lado, evita-se a vontade de poder apaixonada e viciada que destrói tudo e todos, por outro, também torna-se possível que aqueles que já sucumbiram possam ter uma chance de regeneração pessoal. Independentemente de como esteja o coração do ser humano, sempre haverá a oportunidade de encontrar Jesus para que sua existência nesta vida não torne oportunidade de semeadura da maldade.

Certamente pode-se constatar que uma pessoa forjada no egocentrismo nascente da autocontemplação, pode, inescrupulosamente, gestar relações corruptas e, conseqüentemente, uma sociedade mergulhada na corrupção. Estas destrutivas relações degradam a intersubjetividade humana e igualmente o seu relacionamento com toda a criação. Tudo na criação sofre padecimento quando são tocados por ações apaixonadas que ignoram o Senhor.

Conseqüentemente, o conceito de fraternidade humana sucumbe afetando diretamente a comunidade de fé. Como seria possível construir vínculos fraternos entre os irmãos se facilmente os corações e sentimentos dobram-se facilmente à vontade de poder desacerbado? Se todos estão expostos a esta calamidade em suas relações, a comunidade de fé corre o risco de sucumbir em um fracasso em suas relações humanas, falindo a tão necessária fraternidade cristã.

Contudo, o Senhor jamais abandonaria a criação e sua Igreja à destruição das vontades egoístas. Sua presença torna-se fundamental para que todos jamais O percam de vista e, assim, possam constantemente conviver com o Mestre e aprender d'Ele o como viver no mundo e na fraternidade entre os irmãos. Perante esta necessidade da humanidade, no pós-ressurreição, Jesus, mesmo ao lado do Pai na

eternidade, permanece junto aos fiéis por meio da força e presença do Espírito Santo.

A constituição da Igreja, como Corpo do Senhor com muitos membros, foi uma opção do Verbo que veio favorecer essencialmente a união dos discípulos com a Trindade. Tal união íntima é constituída realmente e visivelmente por meio da manifestação da graça de Deus. Na comunidade de fé, todos têm a oportunidade de se unirem livremente ao Corpo de Jesus. Nesta vida eclesial e sacramental, torna-se possível ver Jesus a tal ponto que a intimidade nascida deste relacionamento é forte suficiente para que o fiel possa permitir que o próprio Senhor possa agir por meio dele mesmo. Exatamente aqui o crente torna-se um membro ativo do Corpo de Jesus e, recebendo animação e força do Espírito Santo de Deus, semeia no mundo amor e fraternidade.

Portanto, nota-se que o Senhor continua sustentando a comunidade que fundou há tantos séculos por meio de sua própria presença, seja na Eucaristia ou seja em seu Corpo, constituído e animado pelo Paráclito. Desta maneira, é inteiramente possível contemplar Deus e construir a vida em sua presença por meio dos sacramentos e, conseqüentemente, constatar o nascimento natural e poderoso da missionariedade por meio do testemunho da vida unido ao Mestre de Nazaré.

Nas páginas a seguir, será explorada esta dinâmica dos fiéis unidos ao seu Senhor; conseqüentemente a constituição da Igreja em sua forma mais elementar na unidade dos membros de Jesus, mesmo Ele estando com o Pai, mas que ainda sustenta os seres humanos neste mundo. O Espírito os faz missionários, dando testemunho da possibilidade de constituir uma vida feliz e sem corrupção quando se contempla Deus.

4.2.

O padecimento da criação perante à corrupção humana

A criação é esplêndida em todos os seus aspectos: do micro ao macro revela em si mesma uma perfeita beleza, fazendo tudo ser bom essencialmente. Tudo em seu lugar, com seu significado e, sobretudo, com suas funções integradas revelando sempre algo sublime, a harmonia. O cosmos é um verdadeiro exemplo de integração nas suas infindáveis relações de vida e até mesmo de morte que, na interação, gesta vida nova no grande ciclo de renovação natural dos seres vivos.

Em Gênesis 1, 31, lê-se o próprio testemunho do Senhor: “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era muito bom.” Neste pequeno versículo, encontra-se a confirmação do conceito fundamental, que baseia esta reflexão que, a partir da contemplação do próprio Deus, vislumbra-se que a criação é boa em tudo.

O Criador viu que tudo era muito bom no término do seu ato estupendo de criação a partir do nada. O bom visto por Ele revela o ordenamento de tudo, inclusive a presença do próprio ser humano na criação, que “foi criado bom, constituído num estado de amizade com seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a criação que o rodeava”.¹⁹³ No princípio não se observa a desordem, muito pelo contrário, ali se faz presente a interação perfeita entre todos e tudo, verdadeiro paraíso.

Este paraíso é consequência das marcas de Deus em sua criação. Uma destas marcas é a bondade, sendo Ele Bom essencialmente “a criação partilha desta bondade”.¹⁹⁴ Igualmente marca a criação com sua harmonia por ser Ele Harmônico essencialmente, um traço de sua própria interação Trinitária. A unidade na Trindade não poderia criar algo que seria desarmônico, desunido de forma a desenvolver contrariedades que poderia desdobrar-se em conflitos destrutivos. Deus não cria para a destruição, mas para a unidade. “Confortante pensar que nada existe que não seja radicalmente símbolo e revelação de Deus (mesmo se de outro lado O oculte, como transcendente)”.¹⁹⁵

Tudo fazia sentido. Estando unidos, cada um cumprindo seu papel específico integrado na criação. Cada um sendo parte de um todo que se faz belo expressando complementariedade. Consequentemente, a criação, em si mesma, expressava o seu valor próprio de criatura e automaticamente por revelar, simplesmente existindo, o seu Criador. Consequentemente, o cume desta revelação é a própria encarnação do Verbo, em que a criação, na natureza humana de Jesus, revela Deus na plenitude dos tempos. Pode-se crer que também a criação é um grande sacramento, ou seja, um sinal visível, bom e harmônico da existência do Criador da mesma semelhança, cada um a seu modo, mas agora plenamente o próprio Verbo encarnado torna-se o sacramento salvífico de Deus.

¹⁹³ CEC 374.

¹⁹⁴ CEC 299.

¹⁹⁵ GOMES C. F., Riquezas da mensagem cristã, p. 187.

No entanto, em um dado momento, a desordem surgiu, e tudo foi gradativamente perdendo a bondade, fazendo o mal aparecer onde não deveria existir. Percebe-se que Deus não criou a maldade, definitivamente a maldade não fazia parte da criação. Como ela poderia ser parte integrante da criação se o Senhor viu que tudo era bom, ou como ela existiria se tudo era harmônico, ou ainda, como o belo poderia ser um dos traços observáveis no paraíso da criação se a maldade lá fazia-se presente? Sendo assim, a maldade surgiu posteriormente ao ato criador de Deus.

Nesta percepção, surge uma simples pergunta, mas tão necessária para esta reflexão: onde nasceu a maldade se ela não veio de Deus? Visto anteriormente que o mal surgiu de um simples ato, daquele da autocontemplação do ser humano, ou seja, ele que seria dotado de razão, inteligência e capacidade de conhecimento, dedicou suas capacidades, oriundas da imagem e semelhança de Deus no qual foi criado, para suas satisfações próprias. Exatamente aqui os homens fazem nascer em si mesmo a maldade.

[...] a alma humana, fechando os olhos que lhe permitem ver Deus, imaginou o mal [...]. Porque foi feita para ver Deus e para ser iluminada por ele; mas no lugar de Deus, são as coisas corruptíveis e as trevas que ela procurou, como o diz em alguma parte o Espírito na Escritura: “Deus criou o homem reto, mas ele procurou muitas perversões” (Eccl 7,29).¹⁹⁶

Quando Deus é expulso do coração, ali se faz presente o vazio infinito. Sendo o Criador infinito e eterno, quando os homens e mulheres O abandonam para dedicarem excepcionalmente a si mesmo, cria-se um vazio do tamanho de Deus dentro da pequena existência do homem, fazendo-o carente. Nesta perspectiva, surge a pergunta: como se dá este vazio contemplativo na ausência de Deus? Ele se dá no forte desejo de preencher esta ausência com tudo ao seu redor. Uma tentativa de suprir a perda do sagrado com a materialidade deste mundo.

Portanto, os seres humanos, na ausência de Deus irão, constantemente, desejar preencher o vazio em si com o ter. Esta busca ávida nunca será o suficiente, porque nada substitui o Criador, e esta carência avassaladora leva as pessoas em querer possuir sem limites e isso constitui uma sede de poder, que é ter o que quiser na hora que desejar sem impedimentos para tal.

¹⁹⁶ ATANÁSIO, *Contra os pagãos*, p. 54-55.

Percebe-se que a ausência do Criador, a falta do relacionamento com Ele e o impedimento da contemplação, leva o ser humano à insanidade do ter e do poder viciadamente, desejo sedento de preencher sua solidão que o vazio construiu em seu coração. Este movimento é o resultado da autocontemplação que constitui o império do desejo.

Nesta transição de contemplação relacional, para dar vazão à suas necessidades, a pessoa humana faz nascer o tempo dos conflitos de interesses, o desejo imperativo e viciado do ter. Verdadeiro desespero que precisa ser preenchido. Neste processo, nasce a desarmonia nas relações entre os seres criados: a criação é perturbada pelos corações sedentos e vazios. A tão bela harmonia de tudo ser bom é interrompida, miseravelmente quando o tempo da ausência do Criador é estabelecido pelos seres humanos. Neste momento, nasce a maldade, que começa fazer parte das relações entre os homens e no seu relacionamento com toda a natureza.

A possibilidade de contemplar Deus é perdida. Obviamente, a capacidade de contemplar o Senhor por meio do sacramento da natureza torna-se completamente comprometida, uma vez sendo a natureza não mais um possível sacramento, mas agora uma “presa” da carência dentro dos corações. Pode-se crer que o mal nascente nas escolhas livres faz sua vítima, quando inicia o tempo predatório da criação por meio das mãos dos homens. Nessa nova era de relacionamentos sem Deus, o “ato predatório” faz-se lei imperante e desarmoniosa.

A inauguração da maldade nas relações humanas e com a natureza cresce ao ponto de gerar frutos desastrosos. Tais frutos como os conflitos, escravidão e enfim a morte. Tudo vai sendo tocado pelo desequilíbrio no afastamento dos homens e mulheres do Criador, e a natureza sofre quando é “predatada” selvagememente.

A corrupção dos corações leva destruição para todas as criaturas. Por onde o ser humano passa leva consigo o que está em suas vontades. Portanto, se seus desejos estão marcados pela ausência do Criador, a devastação de sua presença deixa um rastro de morte, corrompendo a bondade na natureza e, sobretudo, nas relações humanas.

Definitivamente, não era para ser desta maneira. Afinal de contas, o ser humano não foi criado para a destruição, tampouco a natureza foi criada para ser sucumbida em desastres. O gênero humano, como parte integrante e racional do

cosmos, foi constituído justamente para zelar harmoniosamente por tudo e unido a todos de forma que “a vida humana sobre a terra não pode existir sem um esforço de busca da harmonia com a criação”.¹⁹⁷

Sendo ele o único ser racional e, portanto, somente ele poderia ser o culpado por deliberar conscientemente em favor da distância de si mesmo de seu Criador gestando, portanto, a destruição. Os outros seres criados em si mesmo revelam o Criador por simplesmente existirem harmoniosamente, e são sustentados pela providência de Deus.¹⁹⁸

Portanto, a corrupção e toda a destruição que nascem dela tem raiz no ser humano, que não vive segundo a constituição de sua própria criação. Os homens deveriam ser contempladores e íntimos do Criador, pois são racionais e capazes de deter conhecimento para especificamente este relacionamento com Deus. No entanto, escolheram livremente usar de sua racionalidade e inteligência para a destruição, devorando tudo ao seu redor, para saciar o vazio que a ausência do Criador deixa nos corações.

O desastre da troca de contemplação em favor da autocontemplação fere de tal maneira a pessoa humana ao ponto de fazê-la um administrador corrupto e construtor de conflitos e morte. Esta construção livre e tão humana pode ser curada quando é proporcionado o retorno à contemplação, quando Deus se faz visto por meio da encarnação do Verbo. Desta maneira, a corrupção, a destruição e a morte são sanadas na presença do Verbo encarnado, quando os homens e mulheres mais uma vez conseguem contemplar o Senhor da vida.

4.3.

Pessoas corruptas gestam sociedade corrupta

A corrupção pode ser entendida como desvio de conduta, que prejudica muitos em favor de poucos. Consequentemente, esse conceito pode ser aplicado em inúmeras situações nas relações humanas. Sendo assim, uma pessoa corrupta pode articular atitudes que, exclusivamente, contemple apenas as suas vontades pessoais que venham favorecer os poucos de seu círculo social.

¹⁹⁷ GARMUS L., Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3, p. 177.

¹⁹⁸ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 107.

Nesta perceptiva, a corrupção não se interessa pela verdade e tampouco com a justiça, ainda mais, a pessoa corrupta não tende necessariamente ao bem comum e sim apenas ao bem particular. Tudo no prisma do desfavorecimento de todos que não estão sob suas benesses, ou seja, o bem particular das atitudes corruptas pode atingir negativamente um grande número de pessoas. Os indivíduos, podendo ser diretamente desfavorecida em diversos âmbitos ao ponto de caírem até no sofrimento, padecem acabrunhadamente sob as escolhas corruptas dos perversos.

Sendo assim, a corrupção é um ato deliberado que não se interessa pelo bem da coletividade, porque apenas tende ao favorecimento particular. Um interesse que corrompe e que pode ter suas raízes no egoísmo que, por sua vez é o exclusivo olhar para os desejos próprios. Nesta dinâmica de relacionamentos volitivos enraizado no egoísmo, gera, inevitavelmente, conflitos interpessoais de interesses. Ter os conflitos de interesses em sociedade é absolutamente normal, mas a exacerbação pode gerar destruição nas relações humanas.

Os conflitos de interesses normais, oriundos de pessoas que estejam interessadas na verdade e justiça, são facilmente solucionados por meio do diálogo, e, nas relações governamentais, esse diálogo tem o nome de diplomacia. Contudo, havendo corrupção, pouco se constrói com diálogo e diplomacia; pelo contrário, tende ao crescimento dos conflitos por meio de suplantação das vontades menos fortes ou articuladas. Essa escalada pode ser geradora de conflitos desequilibrados ao ponto de o egoísmo das vontades particulares serem princípio de um processo de destruição de pessoas e da natureza.

Exatamente aqui o mal, que era particular, torna-se um mal maior e social, pelo simples fato de o ser humano afastar-se de Deus e voltar-se para a criatura, ou seja, em si mesmo permite nascer o pecado quando não tem mais olhos para o Senhor e, também em outra perspectiva, remete ao princípio descrito no livro de Gênesis, onde o “desejo de ‘querer ser como Deus’, (que determina) a natureza do pecado como ‘soberba’ ou ‘desobediência’”,¹⁹⁹ torna-se o princípio da corrupção, enquanto corrompe o que deveria ser íntegro, na criação de Deus.

Esta percepção revela que as vontades vis particulares semeiam o mal no mundo. O mal que nunca havia existido nasce dos corações corrompidos e se alastra

¹⁹⁹ DREWERMAN E., Pecado/Pecado social, p. 661.

tocando, destrutivamente a todos que são contrários aos desejos egoístas.²⁰⁰ Desta forma, as sociedades se corrompem, os coletivos se maculam e governos sucumbem aos atos corruptos que, em definitivo, não estão interessados ou compromissados com a verdade e com a justiça.

Por isso que os sofrendores, sob a corrupção, padecem facilmente mergulhados nas mentiras que são contadas como se fossem verdadeiras. São ludibriados e encarcerados longe do que é verdadeiro e, não somente, padecem igualmente pela falta de justiça porque, quando perde a referência de verdade, a injustiça torna-se uma consequência no fim de tudo.

Por exemplo: quando a verdade essencial e a convencionada são deturpadas deliberadamente, as pessoas tendem a aceitar estas verdades subjetivas ao ponto de serem seriamente prejudicadas até o sofrimento. No caso dos trabalhadores, quando lhe são impedidos de saberem das verdades convencionadas sobre seus direitos, eles serão diretamente prejudicados por atos injustos e sofrerão por isso, não somente eles, mas todos seus familiares.²⁰¹

A vontade corrupta do patrão em esconder a verdade faz nascer a injustiça, um mal pessoal nascido da corrupção do coração gesta, portanto, o mal coletivo do sofrimento de uma família inteira ou de várias famílias. Desejos deturpados, vontades ignóbeis e egoísmos estruturados e arrançados para benefícios de alguns em detrimento e sofrimento alheio. Tudo nasce dos corações corruptos que muitos perderam de vista o que significa amor e fraternidade, princípios que o convívio com Deus impregna na vida do homem.

Em referência à verdade essencial, os danos podem ser ainda mais graves pelo fato de as pessoas serem de tal modo ludibriadas em verdades que são centrais em sua vida. São coisas simples que ao longo prazo pode implicar na saúde física, mental e espiritual do indivíduo. Por exemplo: quando as pessoas, por razões comerciais, são convencidas que um certo alimento não faz mal para a saúde, a verdade essencial é que ao longo prazo aquele alimento específico pode acarretar malefícios. Certamente a empresa, por fins lucrativos, omite essa verdade ao ponto

²⁰⁰ ATANÁSIO, Contra os pagãos, p. 47.

²⁰¹ Para aqueles que queiram ler um pouco mais sobre a dignidade do trabalho humano, sugiro a leitura da carta encíclica do Papa São João Paulo II intitulada: "*Laborem Exercens*". Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_14091981_laborem-exercens.pdf>.

de tornar injusto que a saúde de uma pessoa, ou de um vasto grupo de pessoas, seja prejudicada por um desejo egoísta e corrupto.

Da mesma maneira quando ocorre o convencimento que um dado comportamento é um ato verdadeiro de amor, mas a pessoa é ludibriada de tamanha maneira que não percebe a injustiça de ser convencida de que aquele ato de suposto amor na verdade é uma grande violência, esta mesma pessoa sofre e torna-se vítima de uma vontade egoísta e corrupta da parte de quem a aprisiona nesta mentira.

Ainda outro exemplo: quando, por interesses financeiros, líderes espirituais convencem seus liderados a alguma atitude que em nada poderia ser relacionada ao divino. Uma mentira contada e que convence e roubam dos fiéis a vida na verdade essencial que é o amor gratuito de Deus por cada ser humano,²⁰² esse amor jamais pode ser comprado ou subornado por quaisquer atitudes humanas. Contudo, essa verdade essencial pode ser deturpada, resultando que Deus tenha uma predileção para com aqueles que sejam fiéis financeiramente com a comunidade de fé.

Um líder corrupto que sucumbe toda uma comunidade pode ser fruto do mal individual que faz sofrer a coletividade. Como solucionar isso? Levando as pessoas para a Verdade que é Cristo e que gera justiça e amor fraterno, consequentemente, o bem comum. Justamente aqui, quando a pessoa se relaciona com o Criador e tem n'Ele todo o referencial de vida que precisa, ela irá se comportar no mundo com caridade e fraternidade ao ponto de ajudar todos, inclusive financeiramente.²⁰³

Exatamente o contrário que os corações corruptos ofertam, primeiro convencem que se precisam ser fiéis financeiramente para receber a intimidade e as benesses de Deus, mesmo que essa atitude seja em detrimento à realidade familiar. Essencialmente torna-se distinto pelo fato de primeiro mergulha-se na gratuidade do amor de Deus para que, em seu nome e cheio do Espírito Santo, possa-se ser caridoso e fraternal para com todos. A corrupção dos corações é justamente, nos âmbitos sociais e religiosos, geradora do sofrimento na vida das

²⁰² Aos que queiram ler mais um pouco sobre a importância de viver na verdade, especialmente na esfera pública e social, sugiro a leitura do discurso do Papa Bento XVI no parlamento alemão em 2011. BENTO XVI. Discurso do Papa Bento XVI. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20110922_reichstagberlin.pdf>. Acesso em 04 jul. 2025.

²⁰³ Recomendando a leitura àqueles interessados em aprofundar-se no tema da economia enquanto expressão caritativa da fé cristã, conforme proposto por Chiara Lubich, responsável pela formulação do conceito de “Economia de Comunhão”. LUBICH, Chiara. Economia de Comunhão: História e Profecia. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova. 2001.

pessoas em sociedade. “É verdade que todo o pecado prejudica a Igreja e a sociedade, de modo que a cada pecado pode atribuir-se indiscutivelmente o carácter de pecado social”.²⁰⁴

Os homens, contudo, ao pecarem, não se detiveram em certos limites, mas avançando pouco a pouco, ultrapassaram finalmente qualquer medida. [...] Em seguida, se desviaram para a injustiça e superaram toda espécie de iniquidade. Não se limitaram a um só pecado, mas inventaram sempre novos delitos de acréscimo, tornando-se insaciáveis relativamente ao pecado.²⁰⁵

Neste parâmetro que, lamentavelmente pode ser observado no mundo, faz nascer tantos conflitos, sofrimentos e destruições que, por sua vez, é propagado e aumentado continuamente dando vazão ao vazio da ausência de Deus. Estes são os frutos perversos da vida construída na ausência da contemplação do Senhor: pessoas são destruídas vítimas da corrupção sedenta dos corações; grupos inteiros sofrem destruição; e, também, países são devastados tudo por causa de corações vis que deram vazão às suas vontades egoístas, repletas de mentiras e injustiças. Basta que se dê uma atenção para as guerras, pois elas são um generalizado e exacerbado conflito de interesses fortemente marcado por destruição, mortes e corrupção. Muitos e muitos sucumbem por vontades pessoais dos homens e mulheres sem Deus.

Não precisando ir muito longe, basta que se observe os conflitos sangrentos e violentos nas comunidades. Muitas das vezes elas são marcadas por tantas injustiças sem que seus cidadãos tenham seus direitos básicos garantidos, vivam na mentira de uma suposta normalidade e seguridade. Ou ainda, mais perto de cada individual, basta que se observe os conflitos familiares que facilmente denotam a falta de diálogo e, sobretudo, o fomento da vontade de suplantar os outros ao seu mero prazer, muitas das vezes cheio de falsas verdades.

Isto prova que o problema da sociedade não está unicamente em seus líderes, fazendo crer em uma suposta isenção de todas as pessoas que não tenham quaisquer cargos na sociedade, mas independente de funções, o mal nasce nos corações de todos, pois, de acordo com sua condição, semearão no mundo a maldade, se não tiverem em suas atitudes a referência da encarnação do Verbo.

²⁰⁴ *Dilexit Nos* (DN) 183.

²⁰⁵ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 130.

“A maldade: mal do homem, da vontade, aberração do plano moral; chama-se crime, iniquidade, pecado”.²⁰⁶ Tais comportamentos gestam inúmeros conflitos em todas as esferas de relacionamentos na sociedade, sejam os relacionamentos interpessoais ou coletivos. Escolhas subjetivas e deliberadas dos corações que não são, em definitivo, bons e verdadeiros fazem nascer as maldades na face da terra.

Difundiram-se adultérios e roubos e toda a terra se encheu de morticínios e rapinas. Com a lei, ninguém se preocupava, no atinente à corrupção e à injustiça. Todos, individualmente e em comum, cometiam toda espécie de pecados. Cidades guerreavam entre si, nações se insurgiam contra nações, a terra estava dilacerada por sedições e batalhas; todos rivalizavam em iniquidade.²⁰⁷

Esta degradação, nas relações humanas, revela a degradação dos corações. A corrupção das vontades nasce pelo simples fato de o ser humano ter tido a vontade livre de dissociar sua vida, seus sentimentos e escolhas dos desígnios do Criador, ou seja, quando se retira Deus como norte e balizador dos desejos e vontades, elas tornam-se volitivas a tal ponto de serem dominadas pelo egoísmo e egocentrismo. Deus é defenestrado dos corações para que o “eu” humano possa reinar, usurpando o lugar do Senhor. Esta estrutura de prioridade pode ser observada na atitude dos nossos primeiros Pais, que deram vazão à sua vontade de comer aquele fruto e na desobediência ao Criador, colocando-O em segundo plano. No começo, inventaram o mal e invocaram contra si a morte e a corrupção.

[...] o homem deve permanecer submetido à vontade de Deus, que lhe prescreve limites no uso e no domínio das coisas (Gn 2, 16-17), assim como lhe promete a imortalidade (Gn 2, 9; Sab 2, 23). O homem, portanto, sendo imagem de Deus, tem uma verdadeira afinidade também com Ele.²⁰⁸

A consequência desta desobediência ao Senhor e o seu defenestramento faz nascer a corrupção, seja ela na degradação física do corpo, que não mais era sustentado pelos dons preternaturais, ou seja a corrupção como desvio das preferências. Independentemente, ambas geram morte e ainda, no âmbito da degradação das relações, gestam conflitos. Se o ser humano se afasta de Deus optando por sua ausência, enfraquece em si a vida, e a degradação de sua existência vai tonando-se realidade corruptível, ou seja, “[...] pela presença do Verbo, a corrupção natural não os teria tocado, como afirma a Sabedoria: ‘Deus criou o

²⁰⁶ GOMES C. F., Riquezas da mensagem cristã, p. 204.

²⁰⁷ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 130.

²⁰⁸ *Sollicitudo Rei Socialis* (SRS) 29.

homem para a incorruptibilidade e o fez imagem de sua própria eternidade (Sb 2, 23)”.²⁰⁹

Morte e conflito, portanto, tornam-se realidade onde não deveria: um salário caro do pecado do ato de colocar-se no lugar do Criador, de ter a si mesmo como referencial último e não Deus. “No começo, inventaram o mal e invocaram contra si a morte e a corrupção”.²¹⁰ Pecados pessoais reverberam e tocam a sociedade, transformando-se em pecados sociais. O pecado em si não tem apenas uma força destrutiva de morte espiritual pessoal, mas também uma força mortal das relações humanas e da sociedade.

A Igreja, quando fala de situações de pecado ou denuncia como pecados sociais certas situações ou certos comportamentos coletivos de grupos sociais, mais ou menos vastos, ou até mesmo de Nações inteiras e blocos de Nações, sabe e proclama que tais casos de pecado social são o fruto, a acumulação e a concentração de muitos pecados pessoais. Trata-se dos pecados pessoalíssimos de quem gera ou favorece a iniquidade ou a desfrutação.²¹¹

Isso tudo demonstra que a teologia de Santo Atanásio pode ser tida como atualíssima. Afinal de contas, a constatação da degradação humana torna-se observável quando Deus é abandonado e, ainda mais, quando o Verbo encarnado é negligenciado e ainda, quando sua Igreja-Corpo e seus sacramentos são tidos como perfeitamente desnecessários, ou seja, ainda hoje os homens e mulheres insistem em negligenciar o Criador em suas vidas e atitudes quando negligenciam Jesus e sua Igreja.

4.4.

A fraternidade cristã enfraquecida na comunidade de fé perante a corrupção de seus membros

A fraternidade tem um significado profundo e tão necessário para a família humana. Esse conceito, que se remete a todos os homens e mulheres, não está somente resumido ao vínculo de sangue, mas também a do querer bem ao outro com altruísmo e respeito. Certamente no contexto familiar, identifica-se tal característica com muita facilidade pelo fato da afinidade, oriunda da criação e consequentemente pelo vínculo sanguíneo, ser forjada desde a gestação e tenra idade. Porém, a fraternidade torna-se especial, porque é um vínculo que não

²⁰⁹ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 130.

²¹⁰ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 130.

²¹¹ *Reconciliatio et Paenitentia* (RP) 16.

necessariamente precisa ser familiar, e também não precisa ser constituído na grata experiência de longínqua amizade. Seu estabelecimento pode surgir apenas por meio da nobre percepção de pertença à grande família humana e, portanto, uma pessoa pode ser caridosa simplesmente por partilhar com um estranho o mesmo gênero humano.²¹²

O simples fato de pertencer à humanidade pode ser um constituinte vinculante para se viver a fraternidade; realmente, deveriam ser assim as relações humanas, independentemente das circunstâncias culturais, raciais, religiosas, entre outros. Sendo assim, os vínculos existenciais do gênero humano deveriam ser a base comum da constituição da fraternidade.

A capacidade de respeitar o outro, mesmo quando se discorda de suas opiniões, assim como a nobreza de se compadecer do sofrimento alheio – ainda que não se conheça o nome ou a origem da pessoa –, e o cuidado dedicado àqueles que sofrem, independentemente das circunstâncias que os levaram à dor, são expressões concretas da fraternidade. Quando vividas no cotidiano, essas atitudes revelam a fraternidade como uma opção de vida e, sobretudo, como um princípio orientador do comportamento humano.

Nesta perspectiva, compreende-se que a fraternidade tem o poder de expandir os vínculos humanos para além dos laços sanguíneos. Não se trata de substituir o valor da família ou os afetos mais íntimos, mas de reconhecer que a bondade pode ser vivida essencialmente pelo ser humano que é capaz de exercer sua liberdade fazendo o bem.

Certamente, pode ser observado que a fraternidade também é um traço familiar contundente, ou seja, aquela capacidade de estabelecer dentro das uniões sanguíneas o respeito e, sobretudo, o amor. Lamentavelmente, existem exemplos das uniões sanguíneas que, em nada, são constituídos sobre a fraternidade. Facilmente encontram-se famílias que, essencialmente, podem viver o contrário

²¹² Para quem deseja conhecer mais sobre como o vínculo fraterno pode superar até mesmo os laços de sangue, vale a pena recorrer a alguns textos do Papa Bento XVI. Tais como: “Carta encíclica *Deus Caritas Est*”, n. 14. Disponível em: < https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>; ou na “Mensagem do Papa Bento XVI para a quaresma de 2007”. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/en/messages/lent/documents/hf_ben-xvi_mes_20061121_lent-2007.html?utm_source=chatgpt.com>; ou ainda no seu “Discurso na audiência geral na sala Paulo VI em 2008”. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/en/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081210.html?utm_source=chatgpt.com.

daquilo que é fraterno como, por exemplo, a hostilidade, o desrespeito, o individualismo ao extremo, o egoísmo e, sobretudo, a indiferença. Sendo assim, o conceito familiar pode ser, essencialmente, um vinculante de fraternidade, mas pode acontecer que as escolhas pessoais desacerbadas maculam tais relações.

Exatamente aqui pode ser identificado a grande dificuldade das relações interpessoais, as escolhas exacerbadas. Tais dilacerações podem trazer fundamentos básicos que destroem as relações em todos os ambientes, sejam no social ou familiar e, igualmente, no ambiente comunitário cristão. Exacerbação pode ser entendido como vontade intensa, que encaminha as escolhas ao desejo pessoal às últimas consequências, vontade de poder ou ainda nos desejos desenfreados que são buscados a todo custo. Uma verdadeira paixão, em que se sofre e faz os outros sofrerem, para apenas um único objetivo: dar vazão às concupiscências. Portanto, tais escolhas são caminhos desastrosos para fazer sucumbir as relações humanas, fraternas e cristãs.

A fraternidade cristã, por sua vez, vem de encontro a toda esta exacerbação, apresentando o caminho do serviço que culmina, naturalmente, em colocar-se em função do outro, ajudando-o ser uma pessoa melhor, somando com sua existência, ajudando em seus conflitos, sofrimentos e dilemas. A fraternidade cristã inaugurada por Jesus Cristo leva ao amor na prática por todos os que necessitam da presença de um bom amigo a ponto de cuidar de suas feridas, de levá-lo a um lugar seguro, de custear seus gastos para que possa se recuperar de suas mazelas.²¹³

Portanto, além de ser uma propensão da natureza humana, em que todos deveriam buscar, e um vinculante familiar e de amizade, a fraternidade é uma condição constituída pelo próprio Cristo, por meio de seus ensinamentos e práticas de cuidados para com aqueles que necessitam, muitas das vezes até de milagres. Sendo assim, a caridade deveria ser um norteador para o gênero humano em suas construções sociais e familiares, mas, sobretudo, é um dever constituído para o fiel na vivência livre da fé.

Ela, a tão necessária fraternidade cristã, leva a todos, que propõem constituí-la em sua vida, a humildade de se colocar a dispor das pessoas, servindo-as. Um gesto tão simbólico de Jesus revela esse novo jeito de ser no mundo quando Ele,

²¹³ Lc 10, 25-37.

lavando os pés de seus discípulos, condiciona todos a um ensinamento primordial. Para ter parte com o Mestre, faz-se necessário permitir que ele lave os pés de seus discípulos, um profundo paralelo, em que há necessidade de eles permitirem serem servidos pelo Verbo encarnado.²¹⁴

Os discípulos quiseram ter parte com a pessoa de Jesus e também estar vinculados ao seu ministério e viver seu modo de vida humilde e tão poderoso. Percebe-se, portanto, que o Mestre ensina como se deve ter parte, união e vínculo com Deus, por meio do serviço aos irmãos. Esta é a constituição do discipulado, por meio do ministério do serviço.

Ao mesmo tempo foi constituído um caminho cristão a ser seguido, que é o da fraternidade cristã do serviço, um autêntico ministério para que todos alcancem a salvação por este caminho. Este é o poder da fraternidade cristã: de servir e, no serviço, viver-se o amor salvífico. Ele mesmo disse: “Deixo-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós”.²¹⁵

Portanto, pode-se concluir que, aquele que não serve e repudia a fraternidade cristã, entendeu pouquíssimo do essencial de ser cristão e, dificilmente, terá parte com Jesus. Se alguém não está disposto a dar um copo de água a um sedento,²¹⁶ demonstra nesta atitude tão simples que, pouco assimilou dos ensinamentos de Jesus. “Se alguém disser: ‘Amo a Deus’, mas odeia seu irmão, é um mentiroso: pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar.”²¹⁷ A fraternidade pode ser considerado um *modus operandi* do ser discípulo do Senhor. Logo, faz-se tão necessário nas comunidades paroquiais o serviço fraterno, um ministério que todos os estados de vida, desde a infantil até a senil, são convidados a viver no amor.

Para se exhibir, bastava aparecer e surpreender os espectadores. Mas para curar e instruir, era insuficiente vir, precisando ainda de se pôr a serviço dos necessitados e aparecer de forma adaptada a suas carências, a fim de não perturbar a humanidade sofredora por excesso e não ser improfícua a manifestação divina.²¹⁸

No entanto, a corrupção é avassaladora que adentra os corações e faz sucumbir com a indiferença e traição a fraternidade cristã. Sucumbe em indiferença

²¹⁴ Jo 13, 1-17.

²¹⁵ Jo 13, 15.

²¹⁶ Mt 10, 42.

²¹⁷ 1 Jo 4, 20.

²¹⁸ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 184.

pelo fato de permanecer arraigadamente fechado às necessidades dos irmãos, pois, se não se permite olhar as necessidades dos irmãos, não se conhece tais necessidades.

Uma vez não conhecendo, torna-se indiferente se os irmãos sofrem ou não as lástimas da vida. Esta atitude de ser indiferente pode ser constituído como uma das maiores traições ao Verbo encarnado. Ela remete ao desastroso momento quando o ser humano deixou de contemplar o Criador para contemplar tudo o que estivesse mais próximo de si mesmo, ou seja, seu corpo e desejos mais diversos. Exatamente isso acontece quando a pessoa deixou de enxergar os sofrimentos dos irmãos constituindo a indiferença, significando que já perdeu de vista o próprio Senhor e seus ensinamentos há muito tempo. Tornar-se indiferente com o Verbo encarnado e a todos os irmãos em comunidade; por fim, igualmente se ignora todos os semelhantes na sociedade.

Consequentemente, a vivência da indiferença constitui traição do Senhor, ignorando o seu ato de serviço, lavando os pés dos apóstolos e a entrega do mandato ministerial do servir os outros com amor e renúncias. Por mais que a pessoa tenha feito opção formal em viver a fé e que esteja presente nos encontros em comunidade, como por exemplo na Santa Missa, se ela, ao contrário, na prática vive segundo os desejos orgulhosos de seu coração sem o serviço, ela pode estar vivendo a indiferença para com Jesus e sua pedagogia, para com os irmãos e constituído, portanto, uma traição.

Nessas circunstâncias de indiferença e de traição, constrói-se uma vivência de fé aos seus próprios moldes, inaugurando relações de conflitos enraizados nas concupiscências. Os desejos desacerbados e interesseiros constroem uma necessidade pessoal em sempre colocar-se em primeiro lugar, igualmente suas necessidades, ideias e objetivos. Colocar seus sonhos em primeiro lugar em si mesmo tem nada de maléfico; obviamente, afinal de contas, é louvável que se construa objetivos pessoais para serem alcançados ao longo da vida.

No entanto, as construções dos sonhos não deveriam, em hipótese alguma, ser construídas à revelia do Criador e de sua Palavra, ou ainda pior, sob a destruição alheia que poderia acarretar no esfacelamento da fé própria e dos outros. Nestes termos, a fraternidade cristã dificilmente será um norteador na vida do indivíduo e, automaticamente, os ensinamentos de Jesus Cristo em nada valem na prática para

tal pessoa, porque há muito tempo, à revelia do Senhor, esta pessoa se colocou em primeiro lugar para simplesmente não servir, mas para ser servida.

Torna-se um perigo iminente quando tais atitudes são vividas em uma comunidade cristã. Nestas perspectivas, a pessoa facilmente pode levar ao sofrimento todos que poderiam se opor aos seus objetivos e sonhos dentro da comunidade. Exatamente aqui, a falta de adesão na prática dos ensinamentos fraternos do Senhor torna-se terreno fértil para que o indivíduo construa um cristianismo a seu modo. O servir já não importa mais, e tudo passa estar alinhado aos seus desejos, ou seja, todos diretamente ou indiretamente precisam de um jeito ou de outro servir os irmãos para tornarem-se cristãos de verdade.

A corrupção pessoal, que nasce da não contemplação do Verbo, do não seguimento de sua Palavra e da recusa do serviço, implica diretamente no enfraquecimento da vivência da fé e, conseqüentemente, sucumbe a mensagem cristã. Os ensinamentos de Jesus são drasticamente substituídos pelos ensinamentos das pessoas apaixonadas para que se dobre tudo e todos ao seu mero prazer. Instaura-se um tempo de destruição da fraternidade gradativa e sutil do serviço ministerial, do amor e, sobretudo, da prática da verdadeira fé.

Tais perturbações podem acontecer em todos os corações; por isso, faz-se necessário orar e vigiar para que as vontades da carne e da concupiscência não suplantem a vontade de ser totalmente de Deus na vivência da fé e do serviço aos irmãos.²¹⁹ Talvez seja fácil remeter tais substituições dos ensinamentos de Jesus pelas vontades pessoais, que podem marcar com corrupção àquelas pessoas que desempenham liderança na comunidade.

Pode acontecer que pessoas, que participam da comunidade, optam em não aceitar um cargo na Igreja por inúmeros motivos, mas especificamente por causa de seus egoísmos deixam de servirem e viverem a fé, perdendo a oportunidade de ofertar à sociedade o testemunho cristão fraterno. Talvez ainda podem ter uma vida cristã tão desacerbada que absolutamente nada aproximam-se do cristianismo.

Portanto, os desejos vis pessoais podem, verdadeiramente, comprometer a fraternidade cristã, seja dentro da comunidade ou fora dela. Ainda mais, a corrupção pessoal pode gerar o mal sob os liderados ou simplesmente pode ser propagado em

²¹⁹ Mt 26, 41.

todos os lugares em que se vive por mais que a pessoa não venha desempenhar um cargo de liderança.

Em contrapartida, o Senhor, sabendo da fragilidade do ser humano em se corromper facilmente e de inúmeras maneiras, permanece por perto para continuar instruindo cada um sobre a pureza e a autenticidade da fé para que a vivência das virtudes ajude a bem servir. Consequentemente, unidos a Ele torna-se mais fácil manter o coração aberto para seus ensinamentos e, por fim, colocar-se no caminho certo a ser seguindo, àquele da fraternidade e do amor na prática do cotidiano, onde surge oportunidade de servir os irmãos e, igualmente servir Jesus nos que sofrem: “Em verdade eu vos declaro: todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes”.²²⁰

4.5.

Encontrar Jesus, Verbo encarnado, na comunidade e nos irmãos que vivem cheios do Espírito Santo

Observando o mundo, torna-se evidente que a maldade nos corações constituiu muitas destruições. Ao longo da história humana, leem-se inúmeras perversidades de pessoas e coletivos que semearam calamidades, guerras e mortes. Mesmo presenciando o Verbo encarnado, muitas pessoas optaram pela morte quando pregaram-No na cruz.

Após a morte e ressurreição do Senhor, a maldade ainda persistiu no mundo, e a concupiscência exerce um peso sobre os homens. Embora esta não seja pecado, mas quando alimentada leva ao pecado e, portanto, faz tornar difícil seguir espontaneamente o impulso do Espírito.²²¹ Consequentemente, se todos não persistirem na oração e vigilância,²²² para não caírem na prática dos atos perversos, a maldade continuará sua devassidão, na livre vontade dos homens e mulheres, tendo estes obedecendo a seus assombrosos desejos dominados pelos vícios.

Contudo, não basta apenas a oração e a vigilância, e, sim, é necessário primordialmente a presença do Verbo, que é libertação e, ao mesmo tempo, convite. Deste modo, todos que encontram Jesus são convidados a ouvir e aprender d’Ele o como tornar-se um bom ser humano, segundo o sagrado coração do próprio Cristo.

²²⁰ Mt 25, 40.

²²¹ LADARIA L., Introdução à antropologia teológica, p. 102.

²²² Mt 26, 41.

Este é o grande diferencial que norteará os seres humanos em sociedade e, sobretudo, na comunidade de fé, porque a oração e vigilância se constituirão na presença do “Emanuel”.

Portanto, conviver com o Mestre e aceitar seu convite para ser uma pessoa sempre melhor do que foi no dia anterior, sempre será necessário ao membro da comunidade. Somente assim tornará possível a vivência do evangelho em si mesmo e nas relações humanas constituída em comunidade.

Talvez tenha sido especificamente por causa desta necessidade humana, de conviver com Jesus, que Ele fez uma simples e contundente promessa de permanecer com todos até os fins dos tempos.²²³ Quando o Senhor afirma que permanecerá com o ser humano, significa que todos terão sempre junto a si uma possibilidade de caminho a ser seguido, o caminho da presença e contemplação de Deus para que cada coração possa arder de amor pelo Senhor e pelos irmãos. Este caminho, quando for percorrido com vontade e honestidade, vai moldando o ser humano, tendendo-o à educação no amor do Senhor que, na prática, torna-se caridade e fraternidade.

Esta é a grande libertação que a companhia de Jesus promove nos corações e atitudes. Ele se faz presente na vida de todos, atraindo-os por ser Deus mesmo e Homem perfeito tornando, desta maneira, meta a ser seguida e saciedade para a pessoa humana. Ele também dá, portanto, sentido, realização e alegria para a vida nesta terra e, sobretudo, paz aos sentimentos e, conseqüentemente, nas relações.

A alma, que é eterna e está sempre a mover-se,²²⁴ tem o seu preenchimento e saciedade na presença da pessoa de Jesus. Ela se alimenta d’Ele por meio da Eucaristia,²²⁵ da Palavra,²²⁶ dos ensinamentos²²⁷ e da amizade.²²⁸ Sendo assim, como que uma pessoa de fé se comportará no mundo e na comunidade cristã? Ela se comportará e conduzirá suas escolhas segundo a sua abertura de coração em aceitar Jesus como Mestre e Senhor e, a partir do discipulado junto a Ele, tudo em si vai sendo transformado a ponto de o fiel ser considerado como um espelho, em

²²³ Mt 28, 20.

²²⁴ ATANÁSIO, *Contra os pagãos*, p. 93-94.

²²⁵ Jo 6, 51.

²²⁶ Mt 4, 4.

²²⁷ Mt 11, 29.

²²⁸ Jo 15, 15.

que transmitirá em sua vida o próprio amor de Deus, ou seja, a vivência da fé torna-se um ordenamento da vida humana.²²⁹

Esta é a libertação que cada um experimenta no dia a dia de suas vidas, livremente na presença do Senhor, ouvindo-O e colocado em prática seus ensinamentos, torna-se oportunidade de transformação do mundo, onde tudo ao seu redor pode ser tocado por Deus através de si. O ser humano unido, a Cristo para o bem comum,²³⁰ é, desse modo, capaz de ser um agente transformador na sociedade e na comunidade de fé para que todos sejam ainda mais unidos ao Senhor e encontrem este Caminho que sacia a vida e que santifica as relações humanas.

Nesta perseverança, a pessoa vence em si mesma as tentações e não se dobra à concupiscência, evitando a corrupção e os maus pensamentos, que poderiam tender à destruição de si e de tantas relações com os irmãos.

Portanto, a encarnação do Verbo inaugurou uma nova etapa no relacionamento das pessoas com Deus e entre elas mesmas. Por meio de Jesus, este relacionamento tornou-se claro, simples e, ao mesmo tempo, necessário para que o gênero humano possa ser liberto de todas as tentações e tendências de corrupção. O sacrifício do Senhor é regeneração e salvação por si só, quando os sofrimentos em seu corpo tocam todos os corpos dos homens e mulheres feridos, da mesma maneira, quando a ressurreição do Senhor também toca todos os mortos, abre caminho para a ressurreição do gênero humano.

Contudo, para que não houvesse o abandono da humanidade no pós-ressurreição, Ele, de inúmeras maneiras, ainda permanece junto aos seus discípulos para instruí-los no caminho novo a ser seguido,²³¹ porém, o Senhor ascende aos céus, e no poder e presença do Paráclito²³² proporciona o necessário para que o gênero humano possa permanecer fiel no relacionamento com Deus.

Portanto, no pós-ascensão, aqueles que vivessem cheio do Espírito Santo constituiriam um relacionamento de intimidade que, automaticamente, levaria à libertação da corrupção e possibilitaria a contemplação do Pai e do Filho. Desta maneira, mesmo sabendo que Jesus havia subido aos céus e está sentado à direita de Deus Pai, o relacionamento libertador com o Criador continuaria. Nesta

²²⁹ KLOPPENBURG B., Fé do cristão católico hoje, p. 34.

²³⁰ LADARIA L., Introdução à antropologia teológica, p. 75.

²³¹ At 1, 3.

²³² Jo 14, 16-17.

perspectiva, viver o relacionamento com o Pai por meio do Filho passa essencialmente pelo Espírito Santo.

Mesmo Deus estando nos céus, inacessível à realidade humana temporal, a possibilidade do relacionamento com Ele e por meio d'Ele com os outros ainda persiste na presença do Paráclito, ou seja, quando o fiel se relaciona com o Espírito Santo, concomitantemente relaciona-se com o Pai e o Filho, e o resultado desta vida comum com Deus Trino e Uno é o saber viver em comunidade, unida a todos os irmãos.

Se antes tinham dificuldades de contemplar Deus e por conta disso contemplaram a si mesmos ao ponto de inaugurar o reino da maldade na terra, agora mesmo sem poder contemplar o rosto de Jesus encarnado e ressurreto, que revela a todos o rosto do Pai, vive-se movido pelo Espírito Santo. Desta maneira, a autêntica dúvida de como será possível seguir em frente nesta nova realidade pós-ascensão do Senhor, é sanada quando Jesus anuncia o tempo do Paráclito na vida de todo ser humano.

Jesus, em sua divina sabedoria, após a ascensão, anuncia o tempo do Espírito e da comunidade unida ao Paráclito. O tempo da Igreja, corpo místico que é unidade de todos os membros fiéis, é estabelecido no Espírito Santo que, por sua vez, une Igreja-Corpo à sua Cabeça Cristo Jesus, que está junto ao Pai.²³³ A unidade contemplada na Trindade deve também ser contemplada no seio da Igreja, porque o Amor que une o Pai e o Filho agora une todos os membros da comunidade a Jesus e ao Pai.

A Igreja desejada pelo Pai é, então, criatura do Filho (*creatura Verbi*: criatura da Palavra de Deus), sempre de novo vivificada pelo Espírito Santo: essa é “a obra da Trindade santa. Assim como o homem foi feito à imagem de Deus e reflete a divina atividade no conhecimento e no amor, a Igreja, que representa Jesus Cristo, deve ser a manifestação, no tempo, da vida trinitária. Há uma epifania do Deus criador através do homem e uma epifania do Deus uno e trino através do Cristo e da sua Igreja: “Como o Pai me enviou, assim também vos envio” (Jo 20,21).²³⁴

Esta é a constituição da Igreja no coletivo dos 12 apóstolos e, por meio deles, congrega todos os discípulos que compõem a comunidade cristã, fundada pelo Cristo e agora movida pelo Espírito Santo. Esta comunidade, em seus primórdios,²³⁵

²³³ Mc 16, 19.

²³⁴ FORTE B., A Igreja ícone da Trindade, p. 22.

²³⁵ At 4, 32.

aprendeu viver e vivia intensamente a fraternidade pelo simples fato de ter tido a oportunidade de conviver com o próprio Mestre encarnado. Agora, na constituição da Igreja-Corpo, todos que estão unidos à Igreja estão unidos à Cabeça na força do Espírito, e todos que veem a Igreja conseguem enxergar Jesus Cristo por meio dos membros de seu Corpo, ou seja, cada discípulo, como membro da Igreja-Corpo, que vive em si mesmo os ensinamentos do Senhor, recordados pelo Paráclito, coloca em prática, por força da constituição e vida, aquilo que crer.

Por isso que Jesus toca as pessoas por meio da vida de cada membro de seu Corpo, desde que o discípulo se permite viver, no Espírito Santo, a experiência encarnada de Cristo, bem como diz o Apóstolo: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim. E a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”²³⁶

Portanto, nesta relação de amor e unidade, o fiel em sua liberdade permite que o Senhor inaugure, por meio dele mesmo, uma nova maneira de continuar tocando a humanidade com libertação e caridade. Se antes as pessoas não enxergavam mais o Criador e por conta desse desvio de contemplação se perderam, consequentemente despertaram a filantropia do Verbo, que se encarnou e, por meio de seus gestos carnis, revelou Deus eterno por ser Ele mesmo o Senhor. Agora a contemplação do Criador passa por meio de seu Corpo, que Ele mesmo constitui na vida de cada fiel que vive no Espírito Santo.

Neste tempo da Igreja pós-ascensão, no gesto e palavra de cada membro, a humanidade pode contemplar o amor libertador do Criador. Na prática, quando os fiéis da Igreja, por amor e observância do evangelho, ajudam alguém necessitado, limpando e curando suas feridas, o próprio Senhor que, por meio deles, com seus membros limpa e cura as feridas dos irmãos acabrunhados.

A caridade fraterna vivida pelos membros é provinda do seu permitir-se viver no Espírito Santo e em comunidade, é a ação do Senhor perpetuada no mundo. Esta caridade e fraternidade em comunidade tornou-se instrumento de Jesus que, na força do Paráclito e por meio do discípulo, dispensa sobre o mundo o amor eterno.

Automaticamente este gesto revela a intimidade do fiel com o Espírito Santo, a sua unidade como membro enxertado no Corpo de Jesus, a sua pertença à

²³⁶ Gl 2, 20.

comunidade de fé e seu autêntico crer exercido na prática ao ponto de ele também ser resguardado da possibilidade de ser dobrado às paixões. Uma vez detendo sua atenção, energia e vida unindo-se ao Senhor e à sua Igreja, servindo os irmãos, não terá tempo para abraçar as tentações, cedendo espaço para a concupiscência e corrupção em sua vida e na vida dos outros. Deste modo, quem dedica tempo para Deus, conseqüentemente para os irmãos, alcança a vida feliz no exercício do ministério e não terá tempo para o egoísmo da autocontemplação.

Este foi o caminho inaugurado pelo Senhor na constituição da comunidade de fé, povo reunido no Espírito de Deus e no amor do Filho que serve a todos. Agregar tantos discípulos, a eleição dos 12 apóstolos e a instituição de Pedro como pedra firme, fundamento de fé e unidade, foi o tornar visível a ação de Jesus no mundo mesmo ele estando com o Pai. Conseqüentemente, o mandato para ir e pregar a Boa Nova por todas as partes da terra.²³⁷ Estes traços da fundação da Igreja revelam essa integralidade do Corpo com a Cabeça e sua ação perpetuada que dá razão de existir a cada membro e, ao mesmo tempo, da sementeira da fraternidade e caridade por todos os cantos do mundo.

O momento marcante desta instituição foi o das línguas de fogo de Pentecostes, que transformou aqueles apóstolos e discípulos – aproximadamente cento e vinte pessoas amedrontadas com portas e janelas fechadas no cenáculo –,²³⁸ em arautos do evangelho do Senhor e, por meio desta unção, perpetua a ação do Verbo até que ele venha uma segunda vez em glória e poder.²³⁹ O Paráclito, que permanece unido aos membros e unindo-os na comunidade de fé, paira sobre cada um trazendo ordem, eximindo a possibilidade do caos e do esquecimento de quem são, imagem e semelhança do Verbo. Traz ânimo e vida para cada membro, e toda a Igreja gestando nela unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade até o fim do mundo.²⁴⁰

Portanto, o Espírito Santo é Deus conosco no percurso da história de cada ser humano e da Igreja; ilumina o caminho de todos os membros de Jesus Cristo que, caminhando neste mundo, é oportunidade de encontro das pessoas com o Verbo. Este mesmo Espírito também recorda, em todos os corações, a pedagogia do Cristo

²³⁷ Mc 16, 15.

²³⁸ At 2, 1-47.

²³⁹ Mt 24, 30.

²⁴⁰ CEC 811

e O faz presença em cada coração que se permite ser, por ação de Deus, um outro “Cristo” na terra.

Uma vida no Espírito Santo é oportunidade de construir em si mesmo um cotidiano benevolente e de paz. Esta construção somente torna-se possível quando o discípulo se permite ser parte da Igreja de Jesus, sendo membro de seu corpo, que semeia no mundo a fraternidade e amor do coração de Deus: “Um mesmo Espírito está em Jesus e em nós; nós formamos um só corpo, somos Igreja, na medida em que participamos na unção de Cristo e temos o seu mesmo Espírito”.²⁴¹

Por fim, encontrar Jesus hoje é encontrar seu Corpo vivificado no Espírito Santo por meio dos irmãos em comunidade de fé. Cada irmão que vive o evangelho na liberdade, verdade e honestidade transmite em suas atitudes a presença do Senhor, o amor de Deus e a santidade do Paráclito. Desta maneira, torna-se inteiramente possível vencer a corrupção em si mesmo e, ao mesmo tempo, vencer a corrupção no mundo quando não mais semeia a maldade, porque agora é transmitido, em qualquer ambiente em que se vive, a fraternidade cristã e o evangelho do Senhor pelo simples fato de cada servo cultivar em si a vida espiritual amalgamada com o Paráclito. De fato,

A vida espiritual cristã é a nossa vida real, toda ela, tanto nossa vida intelectual, afetiva, sexual, social, espiritualmente vivida segundo o Espírito Santo, inspirada pelo Espírito Santo, entrosada com o Espírito Santo, enxertada no Espírito Santo.²⁴²

4.6.

A presença de Jesus ao longa da história humana: os sacramentos

Na constituição da Igreja-Corpo do Senhor, que é a presença de Jesus se perpetuando na vida dos discípulos e por meio deles no mundo, identificam-se instrumentos constituídos pelo Verbo para que este vínculo possa tornar-se visível, testemunhado e, sobretudo, escolhido por cada fiel. Tudo arquitetado para que o Cristo acompanhe os discípulos ao longo de sua vida terrena. Tais instrumentos são os sacramentos, sinais visíveis do agir de Deus na vida concreta do ser humano.

Esta graça perpassa toda a vida do discípulo, que persevera em Deus e na comunidade. Ainda mais, toda a comunidade paroquial é fundada nestes sinais sacramentais, que ungem a história dos seus membros de forma que também a

²⁴¹ CANTALAMESSA R., O Espírito Santo na vida de Jesus, p. 16.

²⁴² MOHANA J., Espírito Santo de todos, p. 56-57.

comunidade cristã se alimenta, no contexto coletivo testemunhal, destes sinais. Desta maneira, os sacramentos vividos, que são unidos ao testemunho da ação evangelizadora, ofertado no seio da própria comunidade, e também são testemunhadas fora dela que a fraternidade e a caridade sejam possíveis nas relações humanas. Esta é a essência da Igreja, sustentada na presença do Espírito Santo.²⁴³

Consequentemente, os sacramentos podem ser tidos como formas de relacionamento íntimo com o Senhor e automaticamente com a Trindade. Por meio dos sacramentos, os fiéis se familiarizam não somente com o Pai, mas também têm um convívio unitivo com Jesus, envolvendo-se com o Espírito Santo.

Neste caminho sacramental, os fiéis permitem, em sua vida, a conformidade de sua vontade com a do Senhor, sendo, portanto, orientados para que possam viver o cotidiano fortemente marcados por comportamentos de fraternidade e caridade. Sendo assim, a experiência sacramental santifica a vida em comunidade, porque enriquece e santifica a vida pessoal com suas relações entre irmãos: “Devemos fazer isso diante da assembleia ou da comunidade, pois os sacramentos são atos públicos, dados para o uso comum”.²⁴⁴

O que torna mais impressionante é que Jesus Cristo, ao instituir os relacionamentos sacramentais com os fiéis, os constroem como estrutura que toca todos os momentos marcantes da vida do cristão. São oportunidades para a manifestação do que se crer e, ao mesmo tempo, também alimenta a própria fé quando realmente a vive por meio dos sacramentos.

Certamente, não deixa de ser uma oportunidade de testemunho para toda a comunidade e, igualmente, a possibilidade de testemunhar para outros que ainda não pertencem a Igreja. Todos que viverem ou testemunharem a realização dos sacramentos podem contemplar o agir do Paráclito na vida real da pessoa e, por meio dela, também na comunidade e no mundo. Sendo assim,

Ao atingir diretamente os momentos mais significativos da vida humana [...], os sacramentos mostram visivelmente que a vida do cristão deve ser vida de graça, em todos e em cada um de seus membros.²⁴⁵

O primeiro destes sacramentos é o batismo – que, sem dele a vida sacramental não inicia, ficando comprometida o caráter visível e pedagógico do relacionamento

²⁴³ *Deus Caritas Est* (DCE) 25.

²⁴⁴ GANOCZY A., A ação sacramentária de Deus através de Cristo segundo Calvino, p. 101.

²⁴⁵ HORTAL J., Os sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônica-Pastoral, p. 21.

com a Trindade –, e, por meio dele, tudo será constituído na vida do fiel. Ele torna possível a pertença ao Corpo do Senhor, ou seja, é “porta” de entrada para a Igreja e o início do comprometer-se na vivência da fé na prática. Por meio dele, o evangelho é aderido pelo fiel, que se compromete vivê-lo por toda a vida com fidelidade e amor. O batismo é tão profundo que deixa marca eterna na alma do ser humano, que o transforma essencialmente pelo simples fato de fazer dele um membro da família de Deus,²⁴⁶ uma vez que este é enxertado no Corpo de Cristo; em outras palavras, de certa forma, o discípulo é deificado, tornando-se filho adotivo de Deus, irmão mais novo de Jesus e amalgamado no amor eterno do Espírito Santo.

Portanto, este primeiro sacramento é o início da “vida nova [que] inclui comunhão com Deus, renovação moral, e a posse já agora da vida eterna. Em linguagem positiva, vida eterna é deificação, tornar-se semelhante a Deus tanto quanto possível”.²⁴⁷ Apenas por meio do batismo inicia-se esta possibilidade de deificação pelo fato do discípulo tornar-se membro do corpo de Jesus. Implica igualmente vida nova e santificação que se traduz na união com o Senhor que pode ser chamada de comunhão, não somente no caráter temático paulino do corpo do Senhor, mas na vontade de antecipar em partes o que viveria na eternidade, a vida santa unida a Deus.

Este é o grande mistério da misericórdia salvífica e libertadora de Jesus Cristo: é o ato de tirar o ser humano da perdição, enraizada na autocontemplação egoísta, para fazê-lo um “deus” por meio da filiação batismal a Deus na união a seu corpo pelo Espírito Santo. O fiel, livremente, faz opção pelo Criador e, contemplando-O, é lavado e purificado de todos os seus pecados, nascendo para uma vida nova, que agora revela intimidade e pertença familiar com o próprio Deus.

Por isso que todo batizado vive essencialmente no Espírito Santo, que lhe anima no crer durante todo seu percurso histórico nesta terra e, não somente, o Espírito de Deus permanece junto ao batizado em toda a sua vida e atitudes. Este mesmo Espírito consolador permeia o seio da Igreja, animando o Corpo de Jesus por meio do fiel batizado.

²⁴⁶ CEC 1272.

²⁴⁷ TILLICH P., História do pensamento cristão, p. 79.

Este estupendo sacramento, além deste concomitante efeito, de adesão à família de Deus e ao mesmo tempo sacramento de pertença ao corpo comunitário do Senhor chamado Igreja, proporciona ao discípulo iniciar a caminhada de fé totalmente marcada pelo Cristo e com a perfeita possibilidade de contemplar Deus. Exatamente aqui foi construída a oportunidade de o ser humano não cair mais no abandono da contemplação que o fez se esquecer do Criador. Por meio deste sacramento, a criatura passa a pertencer ao próprio corpo do Verbo encarnado, a ponto de conseguir perceber Jesus agindo em si mesmo quando serve na unidade do Espírito Santo.

Ao mesmo tempo que o Espírito Santo é o Amor vinculante do Pai e do Filho, formando a Trindade Una e Santa, por meio do batismo o fiel participa da unidade de Deus e, ao seu modo criatural, é deificado quando o Espírito Santo une o Pai e o Filho com seu Corpo-Igreja no seu agir eterno de Amor imensurável. Mistério de contemplação, amor e, sobretudo, de pertença ao Criador e em comunhão com Ele.

No batismo o neófito recebe o Espírito, que é Espírito de vida nova (Rm 6,4). A vida no Cristo é a vida no Espírito (Rm 8,2). Esse batismo imprime um sigilo, uma marca do Espírito (2Cor 1,21-22); (Ef 1,13); esse sigilo distingue aquele que foi batizado na fé e o conduz à realização definitiva da promessa, pois o Espírito que marcou o batizado é o Espírito da promessa (Ef 1,13). Todos os que foram marcados pelo Espírito, pelo mesmo sigilo, formam um só Corpo no mesmo Espírito (1Cor 12,13).²⁴⁸

No entanto, os seres humanos não são infalíveis pelo fato de ainda caminharem nesta terra e serem dotados de liberdade. Em muitas circunstâncias, podem ser tocados pelas tentações devastadoras e, por meio delas, serem influenciados em direção aos males espalhados nas atitudes das pessoas que vão encontrando ao longo dos dias, em diversos ambientes que frequentam.

O batismo é forte o suficiente para apagar a marca do pecado original, proporcionando à alma a graça santificante, sanando a escuridão em si por meio da presença de Jesus.²⁴⁹ Contudo, aquela cicatriz da cura permanece de forma a tornar possível o discípulo tropeçar nos erros, nos pecados e na autocontemplação desacerbada em algum momento ao longo de sua vida terrena.²⁵⁰

²⁴⁸ NOCENT A., Os três sacramentos da iniciação cristã, p. 21.

²⁴⁹ TRESE L., A fé explicada, p. 49-53.

²⁵⁰ CEC 1264.

Para estas circunstâncias, em que o fiel ainda é exposto às tentações dos inimigos, o Senhor institui um outro sacramento, que é da Penitência, este somente para o perdão e para a oportunidade de reinício. Um tribunal que arbitrar os delitos que foram fortes suficientes para separar o discípulo do convívio de sua família batismal.

Este sacramento é a misericórdia do Senhor, acontecendo na vida real que restabelece o convívio entre criatura e Criador. Todas as culpas são perdoadas, as curas são estabelecidas, e a oportunidade instaurada para que a vida nova possa ser acessível a todos que queiram permanecer na contemplação do Senhor e no serviço aos irmãos.

Sendo o pecado gerador de morte,²⁵¹ e de cegueira para com Deus, torna em si mesmo constituidor de inimizade com a Vida. É o rompimento da relação de amor e contemplação, porém não familiar porque, mesmo separado do Senhor, continua sendo seu filho. Contudo, apartado da Trindade vivendo agora na ausência da graça. Conclui-se então que o pecado interrompe a unidade do membro do corpo do Senhor, inaugurando em sua vida o tempo de morte espiritual.

Simultaneamente, ocorre a separação espiritual da Igreja, ou seja, espiritualmente desvinculado de seus irmãos ao ponto de reverberar também em algumas ordens práticas, como por exemplo, o pecador que construiu inimizade com Deus e rompimento de relacionamento com a Trindade, fica impedido de comunhão. Até porque, como seria possível constituir comunhão se o pecado em que se vive tem força de inimizade com o Senhor?

Desta maneira, o pecador é convidado à reflexão e a um profundo exame de consciência para tomar conhecimento, à luz da fé relacional com o Espírito Santo, sobre seus erros, pecados e tantas atitudes que, possivelmente, venham ofender a Deus, ferir a si mesmo e os irmãos. Portanto, os pecados são oportunidade de retorno ao caos, à violência, injustiça e desespero e precisam ser curados para que a justiça e a esperança sejam reestabelecidas por meio do perdão e comunhão com a Trindade e com os irmãos.²⁵²

Feito esta tomada de consciência de fé e comunitária, ato de vontade movido na graça do Senhor, o discípulo arrependido confessa, na contrição, seus pecados e

²⁵¹ Rm 6, 23.

²⁵² ROSATO P., Introdução à teologia dos sacramentos, p. 66.

é perdoado de seus delitos.²⁵³ O sacramento da confissão está essencialmente relacionado mais ao coração contrito e humilde do que um suposto status social de poder restabelecer comunhão na celebração eucarística.

Isso parece ser óbvio, mas precisa ser dito pelo simples e único fato de deixar claro que a motivação sacramental para a confissão é sentir saudades do Senhor, sentir sua falta quando se está longe d'Ele devido seus erros, consequentemente, detestar o pecado que fez nascer este rompimento com a Trindade. Ter o coração e os pensamentos tão mergulhados na contrição que se percebe que a opção pelas paixões em nada valeu a pena perante a perda do convívio com a família trinitária e com a comunidade do Corpo do Senhor.

Uma vez confessado e perdoado, com o firme propósito de extirpar as circunstâncias de pecado presente na vida, o penitente retorna à comunhão do Corpo do Senhor. É restabelecido o tempo da graça na vida do fiel. Pode-se entender que o Sacramento da Reconciliação é o ato de misericórdia contundente, imediato e perfeito do agir de Deus na vida do fiel. Jesus estabelece este tribunal da misericórdia para que os discípulos tenham a oportunidade de regeneração mesmo após a adesão à fé, mas sucumbidos pelas tentações. O Senhor participa da vida do fiel até em seus piores momentos e erros, proporcionando a este o envio da graça para o arrependimento e o retorno a seu lugar de filiação junto ao Cristo em seu Corpo-Igreja.

O terceiro sacramento, que é o da Eucaristia, é aquele mais sublime por um simples e único significado, pois presenteia cada membro da comunidade cristã com a própria presença sacramental de Jesus Cristo. Quando o Senhor, naquela ceia derradeira, disse que era o seu próprio corpo e sangue, Ele não afirmava ser um simbolismo, mas ser Ele mesmo e realmente.²⁵⁴ Não somente dá aos apóstolos uma ordem para que repitam esta mesma ceia em memória d'Ele, mas também constitui ali a Santa e Augusta Eucaristia, Jesus em Corpo, Sangue, Alma e Divindade. É um ato extraordinário de amor para cada ser humano, e não apenas permite ser visto e contemplado por meio de seu Corpo-Igreja, mas estabelece ainda um caminho para

²⁵³ HORTAL J., Os sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônica-Pastoral, p. 152-153.

²⁵⁴ Mt 26, 26-28.

que se possa contemplá-Lo “em espírito e verdade”,²⁵⁵ por meio de um outro corpo, agora “eucaristizado”, presente nos altares de Deus espalhado pelo mundo.

Especificamente, é a carne que é dada em alimento, mas no dom da carne se manifesta o dom da pessoa de Cristo. Por isso, àqueles que creem é solicitado que reconheçam na presença do corpo uma presença pessoal. No seu jeito semítico de falar, Jesus dizia “a minha carne” para falar de toda a sua pessoa. Na sua consciência de ser o Filho do Pai, considerava a sua carne como a propriedade excepcional da sua pessoa divina.²⁵⁶

O sacramento da Eucaristia é constituído como o centro da comunidade de fé; afinal de contas, o centro da Igreja é Jesus Cristo, o único caminho que chega ao Pai por meio do batismo, do perdão dos pecados e agora por meio da presença real e contemplativa de sua Pessoa. A Eucaristia é encontro e alimento que gesta nos corações comunhão. Permanecer unido ao Corpo-Igreja do Senhor faz-se necessário comunhão, e esta se estabelece no ato de comungar o Corpo e Sangue de Jesus para ter parte com Ele no mistério salvífico. Esta comunhão estabelecida requer abandono de tudo aquilo que não tem comunhão com o Senhor; afinal de contas, como estabelecer comunhão com Jesus se o fiel carrega em suas atitudes gestos e palavras que são contrários a Deus?

Portanto, comunhão requer renúncia das corrupções para estabelecer união com Jesus, concomitante com seu Corpo e automaticamente com o Pai e o Espírito Santo. Se antes os seres humanos perderam a contemplação e a união com o Criador, agora Jesus se permite ser visto e comungado para constituir em cada um a contemplação e comunhão. Unidos ao Senhor no batismo, perdoados das corrupções e em comunhão, esta é a vida nova do discípulo que contempla e convive com o Mestre em cada Santa Missa, onde Ele se faz presente por meio da dupla concepção do Corpo do Senhor: o eucarístico e o eclesial.

O quarto sacramento é aquele do Espírito de Deus, de que é conhecido comumente como Confirmação ou Crisma. Neste sacramento, o fiel é solenemente marcado pelo Espírito Santo com duas grandes finalidades: a primeira faz referência ao batismo, uma vez que a grande maioria das pessoas recebe o batismo na tenra infância, agora na liberdade da vida adulta e com consciência de sua decisão, faz opção em confirmar a sua adesão ao seguimento de Jesus que, outrora, foi assumido

²⁵⁵ Jo 4, 24.

²⁵⁶ COMISSÃO TEOLÓGICO-HITÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000 (CTHGJA2000), Eucaristia, sacramento de vida nova, p. 70.

por seus pais e padrinhos. Em segundo lugar, neste sacramento, torna-se mais evidente a fluidez dos dons do Espírito Santo na vida do fiel. Tais dons tornam-se instrumentos necessários para que o serviço da pessoa, na comunidade de fé, seja naturalmente proposto e vivido em seu cotidiano, ou seja, os dons proporcionam com mais simplicidade e profundidade a missão do discípulo em seu ministério.

Este caráter inapagável ou o selo do Espírito Santo indica a pertença total a Cristo, a mobilização para o seu serviço. Mas sobretudo significa a promessa da proteção divina durante nossa vida terrestre, tempo de provação. É a garantia que nos assegura a ajuda divina nos momentos difíceis ou cruciais de nossa peregrinação no tempo, antes da vida eterna, quando tantas vezes precisamos da luz do Espírito Santo para entender nossa caminhada, de sua força para não desanimar com a monotonia do cotidiano e do seu calor para continuar no primeiro amor ou na ágape recuperada.²⁵⁷

De fato, o Dom da fortaleza, para quando as provações vierem, sustentar o fiel na caminhada; já a Sabedoria o fará ter capacidade para ponderar sobre as diversas situações; a Inteligência, por sua vez, o permitirá contemplar os mistério do Senhor com mais profundidade e clareza; a Ciência, que o capacitará para enxergar as coisas criadas e as situações deste mundo com os olhos espirituais, de forma a saber lidar harmoniosamente com tudo; a Piedade proporcionará o amor profundo e autêntico para com Deus e, conseqüentemente para com os irmãos; o Conselho para auxiliar no discernimento da vontade de Deus em sua própria vida e, conseqüentemente, para bem aconselhar as pessoas e, por fim, o Temor que faz ter clareza da grandeza do Senhor ao ponto de jamais querer ofendê-Lo ou perdê-Lo por atitudes que O desrespeitem ou ainda que possam criar inimizades entre o fiel e Deus.

Portanto, os setes dons do Espírito Santo, agindo na vida da pessoa que recebeu o sacramento da Crisma, tornam-se instrumentos essenciais para que o fiel esteja na intimidade com o Criador. Assim: “O ministério de Jesus a serviço do Reino de Deus prossegue dinamicamente na história, sob a orientação do *Kýrios*, gestado em seu Corpo, após Pentecostes, pela ação fecundante do Espírito [...]”.²⁵⁸

Sendo assim, faz-se importantíssimo este sacramento na vida adulta de todos os discípulos, para que possam servir com tamanho amor que os façam ser o que devem ser, membros da família do Senhor. Ainda neste mundo servirão todos os

²⁵⁷ KLOPPENBURG B., *Parákletos*, p. 70.

²⁵⁸ SANTANA L. F., *Recebereis a força do Espírito Santo*, p. 73.

que necessitam ser servidos, sendo esperança em um mundo marcado por tantos conflitos e concupiscência.

Nesta missionariedade do Corpo-Igreja do Senhor, que essencialmente é sustentada pela presença de Jesus junto aos seus membros que são movidos pelo Espírito Santo, pode-se vislumbrar ainda dois grandes sacramentos considerados exclusivamente como de serviço: o Matrimônio e a Ordem. O fiel, estando tão fortemente marcado pelos sinais visíveis da graça de Deus na vida por meio dos sacramentos iniciais, agora se coloca a serviço por meio de duas maneiras distintas, porém complementares; o primeiro faz referência às relações de amor em função do relacionamento conjugal; o segundo, tem como referência o próprio relacionamento de amor com Deus em consonância ao serviço exclusivo do ministério.

O matrimônio é o encontro de duas pessoas que constituirão uma união de propósito, em que ambos terão como base a intimidade com Deus, unindo-se perante o altar do Senhor, consagrando-se na união matrimonial, para servirem conjuntamente. Logo, “[...] os casais que se reúnem para iniciar-se à espiritualidade, longe de procurar fugir do mundo, esforcem-se por aprender como, a exemplo de Cristo, podem servir a Deus durante toda a sua vida e no meio do mundo”,²⁵⁹ sobretudo na construção de um berço familiar que acolha os filhos, criando-os para Deus à base de toda comunidade de fé.

O sacramento da Ordem baseia-se na radicalidade do batismo, que se traduz na vivência da vocação no serviço ministerial ordenado. São os rapazes que antecipam o que irão viver na eternidade sob a opção celibatária e dedicando, exclusivamente, ao anúncio do Reino de Deus, servindo os irmãos da comunidade e tantos outros que necessitam.

Este sacramento revela bem claramente as características do Bom Pastor, o agir de Jesus no resgate das pessoas que, por inúmeros motivos estão distantes do Pai. Este sacramento demonstra uma parte significativa da essência do resgate. O Senhor age misericordiosamente na pessoa do ministro para que todos possam encontrar Jesus e, contemplando-O, possam viver no amor e vida feliz. É para este

²⁵⁹ ALLEMAND J., Henri Caffarel, p. 95.

fim que os eleitos são consagrados e enviados como pastores, que têm um coração dilatado no amor pelo próximo à semelhança do sagrado coração do Bom Pastor.

A paixão evangelizadora precisa ser, antes de tudo, uma paixão de Amor. É quando o coração transborda como um rio dilatado pelo temporal, para fecundar outras vidas humanas, para levar aos outros uma felicidade que ultrapassa as medidas de nossa limitada capacidade humana.²⁶⁰

Por fim, porém não menos importante, existe aquele sacramento que em muitas circunstâncias é o da passagem desta vida para a eternidade. O sacramento da Unção dos Enfermos, que se ministra aos fiéis. Estes são ungidos para que possam completar sua caminhada e que recebam a coroa da vida na esperança escatológica de ir para junto do Pai.

Este sacramento, na maioria dos casos, é ministrado junto com a confissão: no entanto, pode acontecer que seja ministrado somente ele em casos excepcionais. Independente do formato, é a expressão visível do encontro ainda mais real e palpável entre o Senhor e o fiel. Este, prepara-se espiritualmente para não enxergar mais o Cristo pelo véu dos sacramentos, mas agora para vê-Lo face a face na plenitude da salvação.

Contudo, a Unção dos Enfermos também é uma força de cura, onde muitos fiéis, ao serem ungidos, são reestabelecidos na saúde do corpo e da alma. Portanto, exime-se a concepção antiga de que este sacramento seja ministrado exclusivamente na inevitabilidade da morte. Certamente, percebe-se que a vivência deste sinal de Deus na vida dos irmãos enfermos ajuda-os a enxergar sua própria condição com um olhar totalmente voltado para o Senhor, ou seja, um vislumbre espiritual repleto de esperança perante os sofrimentos, que somente os íntimos de Deus entenderão este mistério tão profundo da morte, mas ao mesmo tempo mistério de encontro com o Criador.

A enfermidade é realmente união com o Verbo, em que não sofre só, mas unido aos sofrimentos de Jesus oferecidos para a salvação do mundo. Portanto, este sacramento revela um traço forte e ao mesmo tempo tão sutil de comunhão com as dores do Senhor, uma visão espiritual e cheia de esperança que faz o enfermo encarar seu fardo com um outro olhar. Ser ungido em suas enfermidades é vínculo

²⁶⁰ CIFUENTES R. L., Sacerdotes para o terceiro milênio, p. 80.

espiritual na participação como membro do corpo do Senhor que outrora foi ungido pelos que O amavam.²⁶¹

O sacramento dá ao doente a graça não só para saber viver a enfermidade como acontecimento de salvação, mas também para completar na própria carne o que falta à paixão de Cristo para a salvação do mundo, e ainda para saber encarar as provações e as dores como realidades de breve duração e de pouco peso, se comparadas com a glória eterna que alcançam para nós. Abre, enfim, o homem para a esperança escatológica.²⁶²

Por conseguinte, a possibilidade de constituir uma vida sacramental é oportunidade para permanecer na presença de Deus. Se assim for, Ele marcará, com presença real, os momentos mais importantes da vida humana. Esta é a caminhada de fé. Jesus caminha com o fiel para ser esta referência presente e auxiliadora em todas as circunstâncias em que este venha enfrentar em sua história. Neste caso, mesmo junto com o Pai, Jesus permanece unido aos discípulos por meio de seu Corpo-Igreja na chancela dos sacramentos. É o mover do Espírito Santo que faz o fiel jamais perder o Criador de vista, sustentando aquele na graça e santidade que nada mais é que vida na presença do Senhor, servindo-O em todos os lugares.

4.7.

Testemunho da contemplação de Jesus: intimidade com o Mestre que constrói um mundo novo

Viver próximo de Deus favorece a construção da intimidade. Este é o poder da vida de oração que, na sua forma mais objetiva, simples e confiante se desenvolve quando o ser humano se permite viver os sacramentos. Este laço se torna tão estreito que possibilita entrar para a família do Senhor, como acima foi visto, mas sobretudo é oportunidade de constituir a vida mais próximo possível do Criador, mesmo estando nesta terra. Certamente que a vida sacramental, orante e familiar com o Pai, não restitui os dons preternaturais, porém torna-se o caminho mais seguro para perpetuamente adentrar na glória de Deus quando chegar o fim da jornada neste mundo.

Essa vivência humana e espiritual acumula no coração a força do alto, que possibilita à vida humana o estado de graça. Este estado se traduz na vivência dos gestos mais simples até às atitudes mais complexas, que serão vivenciadas imersas

²⁶¹ Jo 19, 39-40.

²⁶² COLOMBO G., *Unção dos enfermos*, p. 1211.

em Deus. Esta graça é a chave para que as tentações não façam sucumbir o coração e os sentimentos.

Portanto, faz-se necessário que cada ser humano possa experimentar livremente este convite para constituir suas relações e história na profundidade relacional com o Senhor. Neste caso, a vida relacional sacramental com a Trindade é o caminho para a felicidade eterna, que se inicia já aqui nesta terra e se perpetua. É simplesmente a possibilidade de vislumbrar o infinito de Deus por meio da contemplação de sua presença, em especial na Augusta e Santa Eucaristia e também por meio de seu corpo constituído como comunidade de fé.

A pessoa humana nasceu para esta vida de contemplação e amizade para com o seu Criador. Neste convívio acumula-se conhecimentos dos mistérios de um Deus que, embora pareça está longe, mas que se permite ser visto mais uma vez na encarnação do Verbo e, por fim, essa permissão de contemplação se estende até a Eucaristia e no seu Corpo-Igreja. Uma vez sendo possível olhar para Ele, todos terão um referencial de como olhar para dentro do próprio coração, e ainda mais, um referencial para que se possa olhar para os corações de todas as pessoas que a vida comunitária for apresentando para cada fiel.

Nesta perspectiva, a vida de intimidade, alicerçada na amizade e na contemplação para com Jesus Cristo, proporciona ao cristão a graça de ser amparado perante os desafios do mundo. A ação misericordiosa do próprio Deus, desde a encarnação até a fundação da Igreja, estendendo-se nos sacramentos, são instrumentos e meios da graça que, se apresentam ao ser humano para que trilhe o caminho da salvação. Basta querer e aceitar, com vontade firme, o convite evangélico de permanecer na presença do Senhor imerso na graça.

Portanto, a vida espiritual, neste sim a Deus nos dias atuais, faz com que a pessoa possa ter o controle das vontades, para que não sucumba facilmente às vilanias de uma vida egoísta. Consequentemente, aprende-se a suportar diligentemente as tentações e buscar sempre a presença de Deus.

Nesta perseverança, a graça encontra o esforço humano, e a vida poderá frutificar em boas atitudes no mundo. Desta maneira, a atitude de semear a bondade e fraternidade na sociedade está profundamente relacionada à capacidade de se relacionar anteriormente com o Senhor e de permitir que Ele, como um perfeito oleiro e pastor, possa orientar os passos de cada discípulo por onde quer que este

caminhe. Afinal de contas, as atitudes humanas terão suas influências na sociedade.²⁶³

Deste modo, a autenticidade da vida do cristão torna-se um grandioso instrumento para a santificação de si mesmo e das pessoas, conseqüentemente da sociedade e do mundo inteiro. A vida fraterna nasce da íntima união na pertença ao Corpo de Jesus que une os irmãos. A santidade surge quando se vive em comunhão como membro do Corpo do Senhor, de tal maneira que os gestos do fiel se tonam gestos estendidos da Cabeça Jesus Cristo.

Uma vez Jesus tendo atitudes de misericórdia, automaticamente todos os seus membros terão atitudes misericordiosas, ou ainda, quando um fiel é misericordioso, permite em si mesmo que a misericórdia do Senhor possa agir no mundo nos dias de hoje. É a graça que suscita o esforço humano e, encontrando-o, faz o bem surgir no mundo.

Desta maneira, o Reino de Deus é a pessoa de Jesus; este sendo Cabeça, e os fiéis sendo seus membros. Conseqüentemente, onde existir um discípulo, ali estará a Cabeça e o Reino de Deus, este sendo instaurado nas atitudes humanas de fraternidade e amor. Este é o momento em que o Reino de Deus se torna visível, onde cada membro da comunidade serve uns aos outros e tantas outras pessoas que nem se quer pertencem à comunidade de fé. Toda esta relação e união é fruto da deificação que a encarnação do Verbo proporciona à sua criatura humana, pois “Ele se fez homem para que fôssemos deificados”.²⁶⁴

O Reino de Deus não é comida, nem bebida²⁶⁵ e não são os bens materiais e muito menos as articulações políticas. Pelo contrário, o Reino é o próprio Jesus presente em cada fiel. Afinal de contas, todos os batizados tornam-se membros do Corpo do Senhor e, conseqüentemente, uma parte atuante do Reino de Deus por meio dos sacramentos, unidade espiritual e conformidade da vontade.

Onde quer que a pessoa esteja, trabalhe e vive, ali em suas atitudes, comportamentos, palavras e pensamentos, está o Reino de Deus, Corpo de Cristo. O dia a dia do discípulo vai encontrando inúmeras pessoas; a Igreja no discípulo vai construindo pontes entre os seres humanos e Deus. Afinal de contas, esta é a

²⁶³ RAHNER K., Curso fundamental da fé, p. 53.

²⁶⁴ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 198.

²⁶⁵ Rm 14, 17.

missão da comunidade, sua essência em existir está relacionada ao proporcionar encontros entre o Criador e suas criaturas amadas, que foram criadas justamente para este convívio.

Por um lado, a razão de existir do cristão é estar unido à Trindade: “[...] ser cristão significa participar da natureza divina, ser filho adotivo do Pai, templo vivo do Espírito Santo, membro do Corpo Místico de Cristo”;²⁶⁶ por outro lado, o existir da comunidade e sua missionariedade é uma doce consequência do relacionamento com Deus.

Este é o instrumento que torna possível a construção de um mundo novo que, em definitivo, não é o paraíso onde está a Trindade e a corte celeste, mas o mundo novo aqui nesta terra que não admite mais a destruição e a semeadura da morte na vida de tantas pessoas e sobre toda a criação. Esta construção vai sendo real quando, em cada pequenino gesto humano, vai-se desistindo das corrupções para fazer-se opção pelo reino de paz na construção da civilização do amor e não dos conflitos.

Este mundo novo cumpre o mandato do Senhor para ir ao encontro de todos os povos para proclamar o evangelho e que existe a possibilidade da paz e reconciliação. Todos os recantos do mundo tornam terras férteis para a semeadura do amor de Jesus Cristo, e esta é a missão da Igreja-Corpo: com Cristo no coração e por meio das atitudes cotidianas, semeia-se a graça da salvação por todos os lugares.

Sendo possível essa revolução do amor, a destruição que massacra pessoas e natureza vai perdendo força e, sobretudo, vai empalidecendo a sua vontade de poder. Este ímpeto destrutivo originou-se no desejo sedento de preencher o vazio da ausência de Deus no interior da criatura; porém, agora a vida inteiramente e intimamente unida ao Senhor sacia esta sede e preenche este vazio existencial. O ser humano torna-se completo novamente em Deus quando o Senhor toma de volta o seu lugar de Criador no centro da vida da criatura.

Cada pessoa que faz opção em corresponder à graça libertadora oriunda da união com Deus evita no mundo a destruição que seria proporcional às suas escolhas viciadas e corruptas. Evitaria igualmente a destruição em sua própria vida

²⁶⁶ KLOPPENGURG B., *Minha Igreja*, p. 191.

por meio das inúmeras oportunidades de corrupção, evitaria os conflitos em sua família e, conseqüentemente, não irromperia em maldades a sua presença na comunidade de fé. Igualmente uma parcela da sociedade deixará de sofrer os conflitos que este coração não infringirá mais, porque fez opção em permitir que a fé pudesse ordenar a sua vida e escolhas.

Nesta mesma perspectiva, a própria natureza, rica em diversidade, ordenamento e beleza, não será massacrada sob a corrupção humana.²⁶⁷ A harmonia com Jesus, sendo membro de seu Corpo, conforma de tal modo a vida do discípulo, que absolutamente tudo em sua vida vai tomando um caminho de ordenamento, paz e, sobretudo, de espiritualidade.

Portanto, o ser cristão hoje é viver a autenticidade da fé, que é resultado do convívio com Jesus. Nesta união torna-se perfeitamente possível, por meio dos pequenos gestos no mundo, a contribuição para a criação da civilização do amor de Deus desde aquele pequeno servo que contempla o Criador até a restauração da sociedade e de toda a criação.

Afinal de contas, a encarnação do Verbo e sua presença, Cabeça e Corpo, é oportunidade e caminho de salvação, fazendo-Se visto novamente por todos; e vendo-O todos possam conhecê-Lo para que o convívio seja oportunidade de salvação e plenitude, pois “[...] uma vez que tudo enche com sua presença, igualmente plenifica todas as coisas com seu conhecimento”.²⁶⁸

²⁶⁷ NAZARETH, J. C., Teologia integral proposta por Alfonso Garcia Rubio: um olhar sobre seu legado e reflexões em comemoração dos seus 90 anos, p. 842-848.

²⁶⁸ ATANÁSIO, A encarnação do Verbo, p. 187.

5

Considerações Finais

Ao término desta pesquisa, conclui-se que Santo Atanásio desempenhou uma missão fundamental na defesa da fé, ao apresentar a todos a divindade do Verbo encarnado. No primeiro capítulo, procurou-se evidenciar o quanto foi um exímio apologeta na defesa da Igreja. Apesar das numerosas perseguições que enfrentou, demonstrou notável capacidade e inspiração para escrever, mesmo em contextos adversos de provação, seja nos bastidores intensos do concílio de Niceia, seja nos desafios e sofrimentos vivenciados durante seus exílios. Suas obras revelam contextos históricos tão desafiadores, mas, ao mesmo tempo, manifestam a profundidade de sua fidelidade ao Verbo encarnado e à sua Igreja.

No segundo capítulo, procurou-se abordar a teologia da criação e, conseqüentemente, a queda do ser humano ao romper com a intimidade com o Criador. É evidente que Deus não foi origem do mal – pois Ele é a própria bondade –, mas o mal teve sua origem nas vontades viciadas do ser humano que, usando sua liberdade, escolheu negligenciar o Criador.

Essa calamidade, surgida com a instauração do tempo da corrupção dos corações, clamou pela misericórdia do Verbo, que se encarnou para possibilitar o reencontro da criatura com seu Criador e, conseqüentemente, a regeneração do gênero humano, criado à imagem e semelhança de Deus justamente com a capacidade de viver em comunhão com Ele.

Desse modo, o Corpo do Senhor torna-se caminho real de remissão. Sua vida é oportunidade de contemplação para os que estavam vivos; sua morte, oportunidade de contemplação para os que já haviam morrido; e a constituição dos sacramentos e da Igreja-Corpo é oportunidade de contemplação para os que nasceram após a ascensão. Este é o projeto salvífico de Deus: a presença de Jesus como referência de cura e regeneração para toda a humanidade.

No terceiro capítulo, apresenta-se o desdobramento da teologia cristológica de Santo Atanásio, com ênfase na importância da construção do vínculo íntimo entre Criador e a criatura humana, bem como em suas conseqüências para o estabelecimento das relações humanas e a promoção da fraternidade. As pessoas corrompidas por atitudes egocêntricas podem encontrar regeneração no Senhor por meio de seu Corpo, constituído pelos membros da Igreja.

Sendo assim, a intimidade com Deus torna-se fundamental para que a vida possa cumprir o propósito que o Criador instituiu para o ser humano, o relacionamento com o seu Senhor. Portanto, constituir vínculo com o Criador realiza o ser humano e lhe dá o norte para toda sua existência, seja nesta terra ou na vida eterna. Talvez seja este o sentido mais elementar da amizade que Jesus quis estabelecer com seus discípulos, quando não construiu com eles um relacionamento de servo e senhor, mas de amigos que partilham intimidade, respeito e amor.

Neste parâmetro, percebe-se que a construção do relacionamento com Deus envolverá o ser humano por inteiro, levando-o à autenticidade de seu crer e comportar-se no mundo. Em outras palavras, o homem e a mulher serão íntegros na constituição de uma vida verdadeira, que revele especificamente o que eles são: amigos de Deus.

Neste relacionamento de íntima amizade, aprende-se muito de Deus, conversa-se muito com o Senhor e, ainda mais, no convívio tão próximo, torna-se possível contemplar e tocar o Mestre de Nazaré, o seu Corpo e, ao mesmo tempo, ser tocado por Ele. E onde as mãos d'Ele tocam, constrói-se vida em abundância. Sendo assim, se cada ser humano quiser ter em si mesmo vida plena, faz-se necessário permitir-se ser tocado por Ele. Esta constituição de amizade mantém o ser humano na pureza de sua criação, conseqüentemente na pureza de suas relações com a natureza e com seus semelhantes.

Neste sentido, a constituição das relações puras e verdadeiras serão possíveis na presença do Senhor da Vida pelo simples fato d'Ele ser a pureza e a autenticidade encarnada de um Deus que cria para a vida. Exatamente por este motivo, o ser humano foi constituído para o relacionamento, com razão e aberto ao conhecimento.

Para este fim que o Verbo encarnou-Se, para dar-se em amizade e intimidade a todos que necessitavam de purificação e autenticidade. E, na providência dos conseqüentes desdobramentos das atitudes do Senhor, Ele mesmo ascendido aos céus se permite ser encontrado por todos que queiram a regeneração do amor e da presença. Seu Corpo ainda é presença junto aos seus amigos e a tantos outros que queiram sua amizade.

Este é o mistério de amor eterno na constituição dos sacramentos, que constitui relacionamento e conhecimento de tantas maneiras distintas, mas, em

especial quando O vemos na Eucaristia e na unidade de sua Igreja-Corpo. Portanto, viver na presença do Senhor era possível no princípio, foi possível na encarnação e ainda hoje é possibilidade para todos que queiram amar e ser amado pelo “Emanuel”.

A teologia atanasiana da encarnação do Verbo apresenta este vislumbre de uma cristologia regenerativa para o ser humano, e pode tornar-se uma proposta de salvação para todos os que desejam enxergar, no Cristo ressuscitado, a possibilidade de viver a integralidade humana de forma autêntica, verdadeira e pura.

A dignidade humana pode ser vislumbrada no princípio de que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. As relações humanas em sociedade podem ser edificadas a partir desse vínculo íntimo com o Criador e, sobretudo, o enfraquecimento – e até mesmo o possível fim – da maldade no mundo pode ser um agradável e consequente fruto, desde que os corações se deixem encontrar pelo Senhor, contemplando-O e conformando-se a Ele.

Talvez seja essa a verdadeira possibilidade de construção da civilização do amor, que se inicia neste mundo e se perpetua para a vida eterna. Basta que Deus tenha o seu lugar de direito na vida do ser humano: lugar de Senhor e Criador. Assim sendo, nenhuma destruição, corrupção, pecado, maldade e demônio resistirá à presença da intimidade do Criador no coração dos homens e das mulheres. Este é o tempo da graça, que liberta e conduz cada pessoa a ser aquilo que foi criada para ser: contempladora do Criador, íntima de Jesus e pertencente ao Reino de Deus.

6

Referências Bibliográficas

- AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultura. 1999. (Os Pensadores).
- AGOSTINHO. **Comentário aos Salmos (51-100)**. São Paulo: Paulus, 1997. v. 9/2.
- ALLEMAND, Jean. **Henri Caffarel: um homem arrebatado por Deus**. 4. ed. São Paulo: Nova Bandeira, 2015.
- ATANÁSIO. **Contra os pagãos**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística).
- ATANÁSIO. **A encarnação do Verbo**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística).
- ATANÁSIO. **Apologia ao imperador Constâncio**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística).
- ATANÁSIO. **Apologia de sua fuga**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística).
- ATANÁSIO. **Vida e conduta de Santo Antônio**. São Paulo: Paulus, 2002. (Patrística).
- ATANÁSIO. *To the Bishops of Africa*. In: SCHAFF, Philip. **Nicene end Post-Nicene Fathers**. (*Christian Classics Ethereal Library*. série II, v. 4). Disponível em: <<https://www.ccel.org/ccel/s/schaff/npnf204/cache/npnf204.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- BENTO XVI. **Os Padres da Igreja: de Clemente de Roma a Santo Agostinho**. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2016.
- BENTO XVI, PP. **Carta encíclica Deus Caritas Est**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.
- BENTO XVI, PP. **Discurso do Papa Bento XVI**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2011/september/documents/hf_benxvi_spe_20110922_reichstag-berlin.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.
- BENTO XVI, PP. **Discurso na audiência geral na sala Paulo VI em 2008**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/en/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081210.html?utm_source=chatgpt.com>. Acesso em 28 out. 2025.
- BENTO XVI, PP. **Mensagem do Papa Bento XVI para a quaresma de 2007**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html>. Acesso em 28 ago. 2025.
- BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 2 impr. São Paulo: Paulus, 2003.

- BONDAN, Fernando José. **Lecionário patrístico dominical**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- BROX, Norbert. In: EICHER, Peter (Org.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993, p. 643-647.
- CABODEVILLA, José Maria. **Cristo vivo: vida de Cristo y vida cristiana**. 5. ed. Madrid: BAC, 1977. (*Biblioteca de Autores Cristianos*).
- CANTALAMESSA, Raniero. **Nos ombros de gigantes: as grandes verdades da fé meditadas com os Padres da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2016.
- CANTALAMESSA, Raniero. **O Espírito Santo na vida de Jesus**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1995.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas: Loyola, 2000.
- CERFAUX, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.
- CIFUENTES, Rafael Llano. **Sacerdotes para o terceiro milênio**. 8. ed. Aparecida: Santuário, 2012.
- COELHO, Paulo Henrique Gouvêa. **A divindade do Espírito Santo como princípio de Vida divina na vida humana: estudo da demonstração teológica da divindade do Espírito Santo**. Rio de Janeiro, 2014. p. 172. Tese. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- COLOMBO, G. Unção dos enfermos. In: SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille. M. (Orgs.). **Dicionário de Liturgia**. Lisboa: Paulistas; São Paulo: Paulinas, 1992, p. 1203-1213.
- COMBY, Jean. **Para ler a história da Igreja I: das origens ao século XV**. São Paulo: Loyola, 1993. v. 1.
- COMISSÃO TEOLÓGICO-HITÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000. **Eucaristia, sacramento de vida nova**. São Paulo: Paulinas, 2000.
- CURTIS, A. Henneth; LANG, J. Stephen; PETERSEN, Randy. **Os 100 acontecimentos mais importantes da história do cristianismo: do incêndio de Roma ao crescimento da igreja na China**. São Paulo: Vida, 2003.
- DREWERMANN, Eugen. Pecado/pecado social. In: EICHER, Peter. (Org.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993. p. 661-668.

EUSEBIO DE CESAREA. **Vida de Constantino**. Madrid: Cremos, 1994.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Dilexit Nos* sobre o amor humano e divino do coração de Jesus**. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2025.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FRANGIOTTI, Roque. Introdução. In: ATANÁSIO. **Santo Atanásio**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 9-37. (Patrística).

FRANGIOTTI, Roque. **História das heresias [séculos I-VII]: conflitos ideológicos dentro do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1995.

FORBES, Frances Alice Monica. **Santo Atanásio contra o mundo**. Rio de Janeiro: Loreto, 2020.

FORTE, Bruno. **A Igreja ícone da Trindade: Breve Ecclesiologia**. São Paulo: Loyola, 1987.

FORTE, Bruno. **Teologia da história: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação**. São Paulo: Paulus, 1995.

GANOCZY, Alexandre. A ação sacramentária de Deus através de Cristo segundo Calvino. In: DORÉ, Joseph (Org.). **Sacramentos de Jesus Cristo**. São Paulo: Loyola, 1989. p. 93-110.

GARMUS, Ludovico. Uma leitura ecológica dos relatos criacionais de Gn 1-3. In: MÜLLER, Ivo (Org.). **Perspectivas para uma nova Teologia da Criação**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 167-192.

GOMES, Cirilo Folch OSB. **Riquezas da mensagem cristã**. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1989.

GONZAGA, W., **Compêndio do Cânon Bíblico: listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos, Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos**. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019.

HORTAL, Jesus SJ. **Os sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral**. São Paulo: Loyola, 1987.

IRINEU DE LIÃO. **Contra as heresias**. São Paulo: Paulinas, 1995. (Patrística).

JEAN, Lebon. *Lettres à Sérapion: sur la divinité du Sant-Esprit*. Paris: Éditions du Cerf, 1947. (Sources Chrétiennes, n. 15).

JOÃO PAULO II, PP. **Discurso do Papa João Paulo II aos participantes do congresso sobre “Ambiente e Saúde.”** Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/march/documents/hf_jp-ii_spe_19970324_ambiente-salute.pdf >. Acesso em: 27 jan. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Audiência geral.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/2001/documents/hf_jp-ii_aud_20010214.html>. Acesso em: 18 jan. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Redemptor Hominis*.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_04031979_redemptor-hominis.html>. Acesso em: 08 jan. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Centesimus Annus*.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 02 mar. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Laborem Exercens*.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_lab-orem-exercens.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*.** Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 17 mar. 2025.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Reconciliatio et Paenitentia*.** Disponível em: < https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.html >. Acesso em: 15 mar. 2025.

NAZARETH, J. C. Teologia integral proposta por Alfonso Garcia Rubio: um olhar sobre seu legado e reflexões em comemoração dos seus 90 anos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA SOTER, 36. 2024, Belo Horizonte. **Anais do Congresso Soter – Economia e inteligência artificial: desafios à sociedade e à religião.** Belo Horizonte: PUC-Minas, 2024. p. 842-848. Disponível em: < https://drive.google.com/file/d/1KfAyQWlu719fJYqMDYsq3qs9_dM_5I_T/view >.

KELLY, J. N. D. **Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas da fé cristã.** São Paulo: Vida Nova, 1994.

- KLOPPENBURG, Frei Boaventura OFM. **Fé do cristão católico hoje**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura OFM. **Minha Igreja**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura OFM. **Parákleto**: o Espírito Santo. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KLOPPENBURG, Frei Boaventura OFM. **Trindade**: o amor em Deus. Petrópolis: 2. ed. Vozes, 2000.
- LADARIA, Luis F. **Introdução à antropologia teológica**. São Paulo: Loyola, 1998.
- LATOURELLE, René S.J. **Teologia da revelação**. São Paulo: Paulinas, 1972.
- LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja [séculos I – IV]**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2024. v. 1.
- LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão**: História e Profecia. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova. 2001.
- MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 716-720.
- MEDEIROS, José Inácio. **Concílios**: breve história dos concílios e sínodos da Igreja. Aparecida: Santuário, 2024.
- MEY, Eliane Serrão Alves. Biblioteca alexandrina. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 2, n. 1, p. 71-91, dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2081>>. Acesso em: 12 mar. 2025. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v1i2.2081>
- MONDONI, Danilo. **História da Igreja na antiguidade**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- MOHANA, João. **Espírito Santo de todos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- NOCENT, Adrien. Os três sacramentos da iniciação cristã. In: NOCENT, Adrien. et al. **Os sacramentos, teologia e história da celebração**. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 7-141.
- PAPA BENTO XVI. **Os apóstolos**: uma introdução às origens da fé cristã. 11. ed. São Paulo: Pensamento, 2015.
- PAULO VI, PP. **Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no mundo atual**. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_c

ouncil/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>. Acesso em: 03 mar. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.

PLUTARCO. *Plutarch's Lives*. Londres: *The Loeb Classical Library*, 1914. Disponível em: <<https://dn790008.ca.archive.org/0/items/plutarchs-lives-in-11-volumes.-vol.-1-loeb-46/Plutarch%27s%20Lives%20in%2011%20volumes.%20vol.1%20%5BLoeb%2046%5D.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2025.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1989.

RÖMER, Thomas. A formação do Pentateuco: história da pesquisa. In: RÖMER, Thomas; MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe. (Orgs.). **Antigo Testamento: história, escritura e teologia**. São Paulo: Loyola, 2010. p. 85-107.

ROSATO, Philip J. **Introdução à teologia dos sacramentos**. São Paulo: Loyola, 1999.

SALES, José das Candeias. A condição multicultural da antiga cidade de Alexandria. **O estudo da história**, n. 6, p. 57-76, out. 2005. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.2/3364>>. Acesso em: 12 mar. 2025.

SANTANA, Luiz Fernando. **Recebereis a força do Espírito Santo: traços de uma pneumatologia bíblica**. São José dos Santos: Com Deus. 2000.

SCHAFF, Philip. *Nicene and Post-Nicene Fathers*. (*Christian Classics Ethereal Library*. série II, v. 14). Disponível em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/npnf214.html>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

SOUSA, Rogério. **Alexandria: a encruzilhada do conhecimento**. Porto: Faculdade de Letras; Biblioteca Digital, 2009.

TILLICH, Paul. **História do pensamento cristão**. São Paulo: ASTE, 1988.

TOMMASO, Wilma Steagall. A simbologia do Cristo Redentor: da criação à redenção universal. In: SILVA, André Luiz Rodrigues; PINHEIRO, Alexandre Carvalho Lima. (Orgs.). **O Cristo redentor universal**. São Paulo: Paulus; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2022. p. 283-293.

TRESE, Leo J. **A fé explicada**. São Paulo, 1995.

TURRADO, Lorenzo. *Bíblia comentada: hechos de los Apóstoles y Epístolas paulinas*. Madrid: BAC, 1965. (*Biblioteca de Autores Cristianos*, v. 6).

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1995. v. 2.

VERDETE, Carlos. **História da Igreja**: das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Lisboa: Paulus, 2009. v. 1.